

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM GEOGRAFIA**

**JANIA CEBALHO**

**A QUESTÃO AGRÁRIA NA MÍDIA JORNALÍSTICA EM MATO GROSSO**

**CÁCERES – MT**  
**2021**

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO**  
**FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM GEOGRAFIA**

**JANIA CEBALHO**

**A QUESTÃO AGRÁRIA NA MÍDIA JORNALÍSTICA EM MATO GROSSO**

Dissertação apresentada à Universidade do Estado de Mato Grosso, como parte das exigências do Programa de Pós-graduação em Geografia para obtenção de título de Mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

**CÁCERES – MT**  
**2021**

## FICHA CATALOGRÁFICA

Walter Clayton de Oliveira CRB 1/2049

C387a CEBALHO, Jania.  
A Questão Agrária na Mídia Jornalística em Mato Grosso /  
Jania Cebalho - Cáceres, 2021.  
135 f.; 30 cm. (ilustrações) Il. color. (sim)

Trabalho de Conclusão de Curso  
(Dissertação/Mestrado) - Curso de Pós-graduação Stricto Sensu  
(Mestrado Acadêmico) Geografia, Faculdade de Ciências  
Humanas, Câmpus de Cáceres, Universidade do Estado de Mato  
Grosso, 2021.  
Orientador: Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira

1. Questão Agrária. 2. Mídia Jornalística. 3. Conflitos no  
Campo. 4. Análise de Conteúdo. I. Jania Cebalho. II. A Questão  
Agrária na Mídia Jornalística em Mato Grosso: .  
CDU 902/908

**JANIA CEBALHO**

**A QUESTÃO AGRÁRIA NA MÍDIA JORNALÍSTICA EM MATO GROSSO**

Essa Dissertação foi julgada e aprovada como parte dos requisitos para a obtenção do título de Mestre em Geografia , junto ao Programa de Pós-graduação em Geografia (PPGGeo) da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat).

Cáceres-MT, 08 de dezembro de 2021

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** LISANIL DA CONCEIÇÃO PATROCÍNIO PEREIRA  
Data: 15/12/2023 16:02:26-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira**  
Orientadora – Universidade do Estado de Mato Grosso – Unemat

Documento assinado digitalmente  
**gov.br** EVALDO FERREIRA  
Data: 14/12/2023 20:40:59-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Prof. Dr. Evaldo Ferreira**  
Universidade do Estado de Mato Grosso - Unemat  
Avaliador interno

**Prof. Dr. Cornélio Silvano Vilarinho Neto**  
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT  
Documento assinado digitalmente  
**gov.br** CLEYTON NORMANDO DA FONSECA  
Data: 26/12/2023 16:23:30-0300  
Verifique em <https://validar.itl.gov.br>

**Prof. Dr. Cleyton Normando Fonseca**  
Universidade Federal de Mato Grosso - UFMT  
Avaliador externo

  
**Prof. Dr. Silvio Simione da Silva**  
Universidade Federal do Acre- UFAC  
Avaliador externo

Cáceres – MT

2021

*Dedico esta conquista:*

*Ao meu eterno e amado esposo, Jolci S. Tingo (in memorian), que partiu como passarinho, deixando no ar seu canto alegre e as maravilhosas lembranças, que guardarei para sempre no meu coração.*

*Ao meu pai, (in memorian) Frederico Ouruê Valdez, que foi um guerreiro, amoroso e dedicado à família, e estará no meu coração, por toda a minha vida.*

*A minha mãe Edite, minha grande guerreira, razão do meu viver!*

*Aos meus filhos queridos e amados: Geise Scarlath, Jociane, Jony e meu neto amado Luiz Eduardo, que são meus verdadeiros tesouros.*

*A minha orientadora, Professora Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, pelos seus ricos ensinamentos.*

*Dedico, em especial, aos camponeses agricultores, aos movimentos sociais, aos agricultores familiares e ao MST, que cravaram suas lutas no arado da terra com braços fortes e com seus corações resistentes como alma da floresta e que persistem no espaço e na linha do tempo e da história.*

*A toda a minha família e amigos!*

## AGRADECIMENTOS

*Amigo, é longo o caminho que leva ao mar e há que mostrar o itinerário como há que depois conquistá-lo erguida ante do vale, superaremos a montanha o tempo gasto e o deus antigo que não pode ser homem não vão conosco a nossa fé é nossa, o pássaro de volta nossa força os do outro lado já perceberam e negociam uma solução não, não há mais tempo para vender a história. Como a fome, a rosa, o pássaro de volta também a solução é nessa.*

(Poema Subversivo, José Carlos Capinam)

Na trajetória da nossa vida, nada pode ser feito sozinho. A caminhada que percorri em busca do conhecimento trouxe valores agregados e adquiri aprendizados e experiências importantíssimos. Em todo o percurso, nunca me faltou amigos, que me ajudaram, torceram e rezaram por mim.

No entanto, nesta caminhada tão importante da vida, passei por situações pessoais de fatalidades, que tornaram ainda mais difícil o processo em busca do conhecimento. As percas de vidas de pessoas tão queridas e amadas, que partiram desta vida, deixaram muitas saudades. Nesse percurso, também tive encontros e desencontros de novos e velhos amigos, permanentes ou passageiros. Mas apesar de todos os tropeços no caminho, durante os dois anos de mestrado, foram incalculáveis as ricas contribuições adquiridas nesta pesquisa.

Agradeço a Deus, Pai Celestial, pelo sustento nesta trajetória, que me iluminou com sua sabedoria infinita, e dando-me saúde, força e coragem para ir além dos meus limites e quebrando todos os obstáculos nesta caminhada.

Agradeço à Universidade do Estado de Mato Grosso, a todos os professores do Programa de Pós-graduação em Geografia da Unemat - PPGGeo, pelas ricas contribuições na formação de pessoas, principalmente, no meu trajeto em busca do conhecimento e aprendizado no mestrado.

Agradeço imensamente aos professores da Banca Examinadora: Dr. Silvio Simione da Silva, Dr. Cleiton Normando Fonseca, Dr. Cornélio Silvano Vilarinho Neto, Dr. Ariovaldo Umbelino de Oliveira e Dr. Evaldo Ferreira, pelas riquíssimas contribuições no meu trabalho de Dissertação de Mestrado.

Em especial, agradeço a minha orientadora: Pra. Dra. Lisanil da Conceição Patrocínio Pereira, pela orientação cuidadosa e confiança na minha pessoa, bem como no meu trabalho. Abro um parêntese para dizer que a vida é paradoxal. Pois ela nos remete a coisas significantes ou insignificantes, de dor, de tristeza, mas também de alegrias, de lugares que você conhece ou desconhece. Para enfrentar essas situações adversas que fogem ao nosso controle, é preciso ter forças, garras, coragem e ânimo para conhecer e desbravar com sabedoria e humildade. Porque a luta é grande para escrever, nas páginas brancas, a sua história, porém, o mais importante da vida é nunca perder a fé. Foi assim comigo, nunca desisti, mesmo quando achei que estava tudo perdido, que tudo tinha se esvaído no abismo. Foi assim, como uma luz que a professora Lisanil surgiu no percurso do mestrado, essa pessoa dura, que tem um jeito, as vezes, meio estúpido de ser, só convivendo é que vemos que contraditoriamente é uma pessoa delicada e compreensiva, encantadora, sábia, amiga, que me passou segurança, me deu direcionamento, iluminou a caminhada. Muito obrigada, professora, por ser quem é, uma pessoa extraordinária, um ser de luz!

Agradeço de coração, a minha querida amiga de longas jornada da vida, Profa. Dra. Sandra Raquel de Almeida Cabral Hayashida, pelo incentivo em busca dos meus sonhos e objetivos, dando-me força, palavras de carinho e aconselhamentos. Gratidão!

Agradeço as contribuições dos jornalistas que responderam às perguntas, relacionadas à questão agrária e mídia jornalista, que foram extremamente importantes para este trabalho, sobretudo, ao jornalista que hoje sofre ameaças de morte por denunciar as irregularidades do nosso estado. Gratidão, pela coragem da denúncia e por tornar este mundo melhor!

Ao meu pai (in memorian) Frederico Ouré, meu guerreiro amado!

A minha mãe Edite, minha amada rainha! Gratidão pelos seus conselhos e ensinamentos.

Aos meus filhos amados: Geise Scarlath, Jociane, Jony e meu neto amado Luiz Eduardo, que são joias preciosas da minha vida e, que, realmente fazem tudo valer a pena e sempre serão meu porto seguro por toda a minha vida.

Aos meus irmãos e irmãs, gratidão pelo apoio e incentivo.

Ao meu eterno e amado esposo Jolci (In memorian), que foi meu escudo e alicerce no decorrer da minha vida e estará no meu coração para sempre. Saudades Eternas!

Aos amigos que conheci no percurso do mestrado da PPGGeo - Unemat, pessoas maravilhosas, que formamos amizades para a vida inteira.

Aos colegas, amigos e parentes, pelo apoio de amor, carinho, compreensão e esperança nesta jornada da minha vida acadêmica.

Agradeço a todos que contribuíram, direta e indiretamente, para a elaboração desta Dissertação de Mestrado.

O meu muito obrigado, a todos!

Olhai para os camponeses da terra!  
Ah! O homem do campo  
Esse que com o seu suor coloca o alimento na mesa  
O mesmo que é explorado  
E que só deseja seu pedaço de terra  
Que sonha e luta incansavelmente  
Para sustentar sua família e ter uma vida melhor.  
Por que grandes porções de terras  
Tem que ficar concentrada nas mãos de um único proprietário?  
Uma reforma agrária beneficia  
Pequenos agricultores  
Além de que favorece o reconhecimento  
Do valor social da terra.  
O que a mídia jornalística diz sobre isso?  
O que o agronegócio contribui para a questão?  
O camponês é quem coloca o alimento na mesa do brasileiro  
Então, oh! Céus,  
A Reforma Agrária é a redistribuição justa da terra.  
Olhai para os camponeses da terra  
Vede em seus rostos o suor do seu trabalho  
E deixai-os cultivar!  
Tantas terras nas mãos de um pequeno grupos de pessoas  
Tantas bocas que precisam do alimento

Tantas mãos que querem produzir...  
Entregai-lhe, as terras!  
Grandes latifúndios a perder de vistas  
Terras não cultivadas, não exploradas  
Deixai os trabalhadores trabalhar!  
Olhai os camponeses da terra  
Oh! Céus  
E deixai as terras nas mãos de quem produz  
Se assim fizeres  
Nossa nação será melhor alimentada  
Com alimentos distribuídos pelos camponeses!

(Poema: Odair José, Poeta Cacerense)

## RESUMO

Esta pesquisa apresenta uma reflexão sobre a abordagem da mídia jornalística *online* sobre o dilema da questão agrária no estado de Mato Grosso. A questão que nos move é: como a mídia jornalística *online* aborda a questão agrária em Mato Grosso? Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar a abordagem da mídia jornalista, procurando compreender que imagem e valores estão sendo construídos sobre a questão agrária no jornal A Gazeta *online*, no período de 2019 a 2020. Para isso, realizou-se, primeiramente, um levantamento dos conteúdos publicados sobre a temática em estudo e, em seguida, prosseguimos analisando, no material coletado, como a imprensa aborda algumas questões estruturais relacionadas ao campo mato-grossense, tais como: movimentos sociais, luta pela/na terra, conflitos sociais, reforma agrária, agricultura camponesa; agronegócio, entre outros. O referencial metodológico se deu por caminho qualitativo/exploratório e adotou-se a associação dos métodos de análise de conteúdo, bem como a pesquisa bibliográfica em relação à política e à democracia, a relação entre notícias e política, o discurso e o poder, a mídia e os movimentos sociais, a agricultura camponesa, a agricultura familiar, os conflitos no campo, MST e o agronegócio. De igual forma, a construção atual dos sujeitos sociais no campo agrário brasileiro *etc.* O interesse dessas questões consiste em analisar o que vem sendo discutido pela mídia jornalística *online*, bem como verificar se esse jornal abre espaço para vários pontos de vista sobre o assunto, de modo a impulsionar um debate importante para que o leitor possa compreender a questão agrária sobre várias perspectivas, tirando as suas próprias conclusões sobre os fatos. Essas preocupações justificam-se porque os meios de comunicação, por meio das matérias que veiculam, acabam influenciando grande parte da sociedade. Considera-se que o desenvolvimento dessa pesquisa contribuiu para uma reflexão crítica da imprensa jornalística *online* de Mato Grosso, bem como espera-se que ela venha promover um debate em torno do papel dos meios de comunicação, de modo que a população tenha informação que prime pela qualidade e transparência dos fatos e acontecimentos na sociedade.

**Palavras-chave:** Questão Agrária. Mídia Jornalística. Conflitos no Campo. Análise de Conteúdo.

## ABSTRACT

This research presents a reflection on the online journalistic media's approach to the dilemma of the agrarian issue in the state of Mato Grosso. The question that moves us is: how does the online journalistic media approach the agrarian issue in Mato Grosso? In this sense, this work aims to analyze the approach of the journalistic media, seeking to understand what image and values are being built on the agrarian issue in the newspaper A Gazeta online, in the period from 2019 to 2020. To this end, firstly, a survey of the content published on the topic under study and then we continue analyzing, in the collected material, how the press addresses some structural issues related to the Mato Grosso countryside, such as: social movements, struggle for/on land, social conflicts, agrarian reform, peasant agriculture; agribusiness, among others. The methodological framework followed a qualitative/exploratory path and adopted the association of content analysis and discourse analysis methods, as well as bibliographical research in relation to politics and democracy, the relationship between news and politics, discourse and power, the media and social movements, peasant agriculture, family farming, conflicts in the countryside, MST and agribusiness. Likewise, the current construction of social subjects in the Brazilian agrarian field, etc. The interest of these questions consists in analyzing what has been discussed by the online journalistic media, as well as verifying whether this newspaper opens up space for various points of view on the subject, in order to encourage an important debate so that the reader can understand the agrarian issue. From various perspectives, drawing your own conclusions about the facts. These concerns are justified because the media, through the articles they broadcast, end up influencing a large part of society. It is considered that the development of this research contributed to a critical reflection on the online journalistic press of Mato Grosso and that it will promote a debate around the role of the media, so that the population has information that excels in the quality and transparency of the facts and events in society.

**Key words:** Agrarian Question. Journalistic Media. Conflicts in the Field. Content Analysis.

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Matérias por mês – Março/2019 a Março/2020. ....	88
--	----

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Jornal Themis mattogrossense .....	75
Figura 2 - Jornal <i>Matutina Meyapontense</i> .....	77
Figura 3 - A 1ª Página da A Gazeta Cuyabana de Mato Grosso. ....	78
Figura 4 - O Jornal A Situação (1868) .....	80
Figura 5 - O jornal A Província de Matto Grosso (1879).....	80
Figura 6 - Jornal <i>A Gazeta</i> (1890) .....	81
Figura 07: Jornal <i>A Gazeta</i> .....	85
Figura 8 - Publicação da edição de 13/05/2019 .....	91
Figura 9 - Publicação da edição de 17/03/2019 .....	91
Figura 10 - Publicação da edição de 21/03/2019 .....	94
Figura 12– Publicação da edição de 26/08/2019 .....	97
Figura 13 - Publicação da edição de 19/08/2019 .....	99
Figura 14 - Publicação da edição de 24/07/2019 .....	99

## **LISTA DE GRÁFICOS**

Gráfico 1 - Porcentagens de Matérias coletadas no Período de 2019 a 2020 ..... 89

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	25
2.1 Análise de conteúdo.....	25
2.2 Questões metodológicas adotadas .....	29
<b>3. A QUESTÃO AGRÁRIA COMO PROBLEMA DE ESTUDOS NO BRASIL E EM MATO GROSSO .....</b>	<b>35</b>
3.1 O problema da questão agrária.....	35
3.2 Território e região: caminhos teóricos da pesquisa.....	39
3.2.1 A Região no Estado de Mato Grosso .....	41
3.2.2 O Território Mato-grossense.....	47
3.3 Dilema da questão agrária no Brasil .....	51
3.4 Contextualizando a questão agrária em Mato Grosso .....	56
<b>4. A MÍDIA NO BRASIL E O SURGIMENTO DA MÍDIA EM MATO GROSSO: SUA VINCULAÇÃO COM INTERESSE DE CLASSES .....</b>	<b>65</b>
4.1 A mídia no Brasil .....	65
4.2 A origem da mídia jornalística em Mato Grosso .....	71
4.3 Um olhar sobre o jornal A Gazeta <i>on-line</i> .....	83
<b>5. A VISÃO GEOGRÁFICA DA QUESTÃO AGRÁRIA EM MT, CONFORME NOTICIADO NA MÍDIA E NA OPINIÃO DE JORNALISTAS .....</b>	<b>87</b>
5. 1. Análise das matérias sobre a questão agrária no jornal A Gazeta <i>on-line</i> .....	87
5. 2 O que dizem os jornalistas a respeito da questão agrária em Mato Grosso ....	104

<b>6. CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>122</b>
<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>125</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>132</b>
<b>MÁTERIAS DE JORNAIS SOBRE A QUESTÃO AGRÁRIA.....</b>	<b>132</b>
<b>APÊNDICE.....</b>	<b>135</b>
<b>ROTEIRO DE ENTREVISTA.....</b>	<b>135</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### A construção da proposta de pesquisa

*Tolo é aquele que nunca lê um jornal, ainda mais tolo é aquele que acredita no que lê só porque está escrito no jornal.*

(August Von Schlözer - Historiador e jornalista alemão)

A relevância desta pesquisa consiste em investigar como a questão agrária tem sido retratada pela mídia jornalística no Estado de Mato Grosso. Assim, o trabalho incide em descrever e analisar os discursos da mídia e sua inscrição ideológica, no modo como ela aborda e apresenta os assuntos do campo para a sociedade, já que a mídia exerce uma grande influência na formação de opinião das pessoas.

O cenário da questão agrária no Brasil é composto por diferentes participantes e diferentes classes e está sujeito a diferentes análises. Neste contexto, os assuntos relacionados à questão agrária devem ser analisados com mais abrangência, pois as políticas voltadas para essas questões só atendem a maioria, que possui grande quantidade de terras no campo brasileiro, bem como no estado de Mato Grosso, e não a maioria, que está em vantagem em termos de propriedade da terra e poder. Entretanto, dentro desse grupo minoritário privilegiado, há diferenças de interesses, ou seja, uma determinada classe acaba sendo reconhecida como representante legal do setor agrário, integrando políticas públicas para atender aos seus interesses específicos de benefícios e lucros.

Desse modo, no estudo das caracterizações do campo brasileiro, consideramos importante refletir também essa temática sobre a ótica da produção midiática e seus conteúdos a partir da análise de conteúdo das matérias divulgadas no jornal *A Gazeta*, na sua versão online. Pelo modo como a mídia diz ou deixa de dizer podemos observar ainda a questão ideológica que determina o dizer do jornal. Isso porque observamos que vários veículos de comunicação dão ênfase ao

agronegócio, o que mostra que a questão agrária está ideologicamente atrelada ao capitalismo.

Verificamos uma desigualdade na divulgação de notícias no campo brasileiro e mato-grossense, em que, a mídia jornalística no seu discurso hegemônico, transmite uma visão de uma realidade equivocada, em que dissemina fatos corriqueiros em relação ao campo agrário que são distribuídos em um nível de exposição ao limite da publicação de determinados acontecimentos do cotidiano, ou seja, vinculação maior sobre o agronegócio que envolvem estratégias de maior interesse lucrativos no controle de envolvimento popular em um jogo midiático ambicionado e almejado. Assim, a ideologia do discurso jornalístico está presente nas notícias e vem influenciando a opinião pública.

Ferreira (2012), na sua tese intitulada *A mídia e o MST: heróis e vilões na trama do discurso jornalístico*, na área de Políticas Públicas e Formação Humana, vai dizer que:

A mídia produz subjetividade, mostrando uma visão dos fatos e se aproveitando do impacto e das tensões que os temas provocam no imaginário daquele que escuta ou lê a matéria jornalística, isso porque o mundo no qual vivemos está irremediavelmente construído pela informação [...] (Ferreira, 2012, p. 149).

Desde o surgimento da mídia jornalística, nunca houve uma preocupação com a relevância social valiosa que ela tem para a prática social. Os meios de comunicação, na sua grande maioria, não retratam as informações úteis e importantes à sociedade, só publicam anúncios de interesse lucrativo, opiniões hegemônicas de consumidores e anunciantes de massa. É isso que prevalece nas publicações nos jornais, como mostram as análises.

Felipe Pena, em sua obra, *Teoria do jornalismo* (2008), esclarece que existem vários vetores (pessoal, cultural, ideológico, social, tecnológico e midiático) que interferem tanto na confecção da notícia quanto nos efeitos que ela poderá causar. No domínio jornalístico, a topicalização (ênfase dada ao tema) está relacionada com os destinatários e com o contexto institucional, cultural, político, econômico do organismo de imprensa. Nesse sentido, o veículo de comunicação informa a partir de um determinado ponto de vista, forma opiniões ancorados em determinadas ideologias, convence o leitor utilizando elementos chamativos (Viana, 2007).

Felipe Pena (2008, p. 154) acrescenta que:

As possíveis distorções do noticiário não seriam fruto de uma simples conspiração de profissionais da imprensa com os dirigentes da classe hegemônica, mas, na verdade, uma subordinação às opiniões das fontes que têm posições institucionalizadas. [...] Pessoas em cargos institucionais, como governadores, prefeitos, presidentes de empresas, delegados de polícia ou diplomatas funcionam como definidores primários. Eles norteiam o trabalho da imprensa em casos específicos, pois são os primeiros a serem procurados para entrevistas, por darem uma “legitimidade” ao depoimento, segundo a lógica dos jornalistas.

Diante do sabido uso da língua como instrumento de poder e a serviço dos que têm interesses pessoais e não coletivos, voltamos o nosso olhar para o estado de Mato Grosso, levantando a seguinte questão de pesquisa: como a mídia jornalística online trata/aborda a questão agrária em Mato Grosso. A nossa hipótese foi de que a mídia jornalística em Mato Grosso, pelas matérias que veicula, assim como os grandes meios de comunicação do país, ajuda a instalar a desigualdade. Ao mesmo tempo, articula, molda, manipula e distorce a realidade dos fatos divulgados à sociedade em geral, sustentando uma ilusão negativa da realidade social, culpando e estereotipando indivíduos ou entidades, influenciando a opinião pública sobre o campo brasileiro e mato-grossense de forma extraordinariamente avassaladora.

O problema da pesquisa assim se define: de que forma o jornal *A Gazeta online* retrata em suas matérias os conflitos agrários no campo brasileiro e no estado de Mato Grosso?

A relevância da pesquisa que se intitula “A Questão Agrária na Mídia Jornalística em Mato Grosso” justifica-se porque visa demonstrar como a mídia aborda/apresenta a luta dos povos do campo para a sociedade; e também os impactos das notícias favoráveis ou não na opinião da população. Porém, hoje, a mídia jornalística no Brasil praticada pela grande imprensa jornalística, manipula, legitima ou deslegitima as informações perpassadas como sendo certa ou não e, muitas vezes acaba convencendo as pessoas que este ou aquele é o melhor modelo de sociedade, ou seja, quase sempre os órgãos de imprensa não refletem a realidade social e política do país.

O motivo que me levou a estudar este tema, nasceu quando ainda cursava a graduação em Licenciatura em Geografia na Universidade do Estado de Mato Grosso *Carlos Alberto Reyes Maldonado* (Unemat), Câmpus Universidade *Jane Vanini*, em

Cáceres. Curso que fiz com muito amor e paixão, que explicita a tocante complexidade do mundo geográfico. E, foi na disciplina de Geografia Agrária que o encanto se confirmou. No primeiro dia de aula, na disciplina de Geografia Agrária, eu me apaixonei pelos conteúdos que eram explicitados: sobre a realidade da questão agrária, da reforma agrária, agricultura camponesa, agricultura familiar, os movimentos sociais, a pecuária, bem como acerca do MST, agricultura rural, agricultura, conflitos sociais, os assentamentos pelo Brasil e aqui em Mato Grosso, passando a compreender a respeito do agronegócio e da ideologia capitalista que o sustenta, enfim, foram muitos os assuntos que me tocaram.

No decorrer do semestre, tivemos que apresentar um seminário, em que foi dado os assuntos para serem escolhidos, e, logo, eu deparei com o tema: A questão agrária na mídia jornalística no Brasil. E, confesso, foi amor à primeira vista, a cada dia que eu assistia a aula eu interessava e aprofundava mais o tema e assim, nasceu o tema da minha monografia, trazendo a abordagem: A Questão Agrária na Mídia Jornalística em Cáceres-MT. De Agosto/2014 a julho de 2018, conclui a minha graduação e, em seguida, sonhei mais alto, no mesmo ano, fiz o projeto de pesquisa abordando o tema da questão agrária na mídia jornalística em Mato Grosso, para o seletivo do mestrado em Geografia. E, quando saiu o resultado final, eu não acreditava que tinha passado, a felicidade era tão grande, que meus olhos se encheram de lágrimas e meu coração parecia que ia explodir de tanta felicidade e, chorei muito e muito mesmo, mas, eram lágrimas de alegria, de felicidades, de perseverança, de acreditar no meu potencial, de dedicação e estudos. Desde então, aqui, estamos defendendo este trabalho de dissertação.

É importante ressaltar o contexto social em que se deu a construção desta pesquisa, pois ela ajuda a compreender em que condições este estudo, assim como muitos outros, neste período, se deram. No início deste trabalho, no período de janeiro de 2019, um novo presidente assumia o governo do Brasil, e, desde o início, já mostrava a sua posição política, gravemente, na contramão das questões sociais, uma vez que negava o direito constitucional em combater a fome, o desemprego a falta de renda aos trabalhadores do campo e a sociedade em geral, bem como contribuiu para o desmonte da educação e da saúde.

Nesse contexto sociopolítico, surge a pandemia da Covid 19, que foi avassaladora, pois o vírus contaminou de forma desastrosa a população do mundo inteiro, de uma forma acirradamente veloz. No primeiro ano da pandemia, o presidente, conforme divulgado na grande mídia, nada fez para conter a Covid-19, negando a Ciência, a vacina e os protocolos de segurança como o uso de máscaras e distanciamento social para combater o vírus. Desde então, em novembro de 2021, o Brasil já havia registrado mais de 608 mil mortes, pela contaminação do vírus<sup>1</sup>.

Para conter a pandemia, as prefeituras e os governadores, orientados pelas autoridades sanitárias e pelo STF, optaram pelo isolamento social, fechando escolas, universidades, comércios e instituições públicas, deixando apenas os serviços considerados essenciais. Orientando a população ao uso obrigatório de mascaras, álcool em gel e distanciamento social. Segundo o Sebrae, essas medidas de segurança para não proliferar o vírus acabou aumentando a crise econômica no País, muitas empresas, em especial as pequenas, fecharam porque não tiveram apoio do Governo. Muitos foram demitidos agravando ainda mais o índice de desemprego no País.

As atitudes do Governo no enfrentamento à pandemia levaram o Senado a instituir uma CPI da Covid com o objetivo de apurar as irregularidades e responsabilizar os culpados. O relatório final dessa comissão, apresenta uma série de denúncias por muitas autoridades do Governo, incluindo o presidente e ministros, além de grandes empresários<sup>2</sup>.

Essa situação tem levado o país a decadência, com o obscurantismo total e a maior parte da população desempregada, passando fome e em situação de miséria e pobreza; o negacionismo em relação à saúde, à educação de qualidade, à Ciência estão explícitas no discurso do governo, divulgados nos jornais e em suas redes sociais para que a sociedade tire sua própria conclusão, entre outros.

---

<sup>1</sup> Coronavírus: Mais de 600 mil empresas fechadas e 9 milhões de desempregados, diz Sebrae. Disponível em; <https://sincomercio.org/coronavirus-mais-de-600-mil-empresas-fechadas-e-9-milhoes-de-desempregados-diz-sebrae/>

<sup>2</sup> CPI da Pandemia: principais pontos do relatório. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2021/10/20/cpi-da-pandemia-principais-pontos-do-relatorio>

Em relação à temática, objeto de estudo desta pesquisa, o Brasil necessita, com urgência, de ampla estruturação da reforma agrária, trazendo projetos que beneficiem renda para a produção de alimentos saudáveis, linha de crédito para os sujeitos trabalhadores do campo. Nesse sentido, esse trabalho traz esse tema relevante, por meio das análises das matérias publicadas, ajudando-nos a compreender as notícias da mídia jornalística do jornal *A Gazeta online* em Mato Grosso sobre a questão agrária.

O objetivo geral da pesquisa, como dissemos, é analisar a abordagem da mídia jornalista, procurando compreender que imagem e valores estão sendo construídos sobre a questão agrária em Mato Grosso no jornal *online* *A Gazeta*, no período de um ano. Para isso, orientamo-nos pelos seguintes objetivos específicos: a) Analisar matérias/temáticas e conteúdos jornalísticos *online* sobre a questão agrária em Mato Grosso; b) Refletir sobre a mídia jornalística *online* e sua influência na comunicação com a sociedade; c) Verificar as notícias do jornal *A Gazeta online* a respeito do dilema da questão agrária mato-grossense, buscando compreender que sentidos estão sendo produzidos para formar uma opinião pública na sociedade; d) Analisar as entrevistas realizadas com jornalistas sobre a questão agrária em Mato Grosso.

Para o desenvolvimento metodológico, nesta dissertação, optamos pela abordagem qualitativo-exploratória dada as suas características relevantes no campo da investigação e análise de conteúdo, para averiguação e entendimento da realidade pesquisada.

Assim, a elaboração deste estudo possibilitou uma discussão do tema proposto a partir de análises de um conjunto de textos publicados no jornal *A Gazeta online* de Mato Grosso. Sendo assim, selecionamos e elaboramos figuras, tabelas, construções de gráficos, entre outros, das reportagens do jornal pesquisado, uma vez que esta pesquisa se pauta em uma metodologia qualitativa e exploratória, que envolve levantamento e análises bibliográfica e documental sobre a temática relativa à questão agrária.

O texto está estruturado em cinco capítulos e a conclusão. No primeiro capítulo, trazemos a introdução do trabalho em que abordamos sobre a construção da proposta de pesquisa. No segundo capítulo, apresentamos a metodologia adotada, tratamos dos objetivos gerais e específicos, bem como a escolha do jornal *A Gazeta*,

*online*. Essa escolha se deu porque o referido jornal possui a sua versão impressa e *online* consolidada e possui grande influência por sua circulação em todo o estado. Para isso, buscamos algumas matérias do jornal *online* Gazeta, procurando fazer um levantamento dos conteúdos publicados sobre a temática agrária no estado de Mato Grosso. É importante dizer que as matérias jornalísticas foram selecionadas no período de março de 2019 a março de 2020, com total de 12 meses de coleta de dados. Logo em seguida, apresentamos a ideia da pesquisa, bem como a elaboração da metodologia, assim, pudemos chegar ao resultado da pesquisa, além de análises copiladas de figuras, quadros, gráficos, entre outros, do jornal pesquisado.

Buscamos, no terceiro capítulo, abordar a fundamentação teórica da pesquisa, para isso, iniciamos apresentando o contexto da questão agrária na mídia jornalista em Mato Grosso, mostrando a história da mídia jornalística no Estado. Além disso, contextualizamos a questão agrária, a mídia jornalística, a região e território como categorias fundantes da pesquisa, bem como a mídia jornalística no Brasil e em Mato Grosso. À luz dos autores que analisam assuntos afins, fizemos uma revisão bibliográfica e discussões com base em Oliveira (1986, 2001, 2010, 2012), Stédile (2005), Fernandes (2001), Haesbaert (2004, 2006, 2010), Milton Santos (2003, 2009), Saquet (2007, 2008, 2013), Corrêa (1981), Gohn (2000), Arbex Jr. (2003), Chinen (2003), Erbolato (2002), Ayoub (2006), Ferreira (2012), Souza e Thomaz Jr. (2012), Santos (2012), entre outros.

Contextualizamos ainda, neste capítulo, a questão agrária na mídia jornalística brasileira e em Mato Grosso. A questão agrária é um campo do conhecimento científico que visa estudar como cada sociedade organiza o uso, a posse e a propriedade da terra em toda a sua história de forma geral ou em circunstâncias específicas. No domínio da Geografia, este termo é frequentemente utilizado para explicar como a sociedade e as pessoas ocupam o bem principal da natureza nomeadamente o uso do solo, e como os humanos ocupam o território. Em uma determinada área, o uso, a posse e propriedade da terra são todos levados em consideração para entender a organização espacial e social da sociedade, bem como o período histórico em que se encontram. Por exemplo: em cada período histórico, diferentes questões agrárias podem ser encontradas, devido às contradições causadas pelas formas de organização existentes no território. Abordamos também

um breve percurso histórico da mídia jornalística no Brasil e em Mato Grosso, procurando compreender o que está na base de sustentação das empresas de comunicação de massa no estado. Esse percurso pode nos ajudar a entender como funciona o discurso da mídia.

No quinto capítulo, apresentamos a análise das matérias veiculadas no jornal *A Gazeta on-line*, demonstrando dados sobre o jornal a respeito da questão agrária e como esse contexto é visualizado e mostrado aos cidadãos que fazem uso dessas mídias no seu cotidiano. Em seguida, analisamos as entrevistas dos jornalistas de Mato Grosso com o objetivo de conhecer o pondo de vista deles sobre a temática desta pesquisa, bem como a avaliação que eles fazem acerca da abordagem da mídia sobre esse assunto, no estado. E, por fim, trazemos os resultados da pesquisa com análise crítica do conteúdo da mídia jornalística *A Gazeta online*, com argumentação e sugestões no contexto final do texto dissertativo, conforme dados apurados que trouxemos para reflexão e que foram apresentados e analisados no trabalho dissertativo. Por fim, apresentamos as considerações finais da dissertação.

Esperamos que esta pesquisa possa contribuir com os estudos na academia sobre o problema da questão agrária que, atualmente, aprofundou-se em novas tecnologias de produção, cujo principal objetivo é realizar a territorialização e a acumulação de capital nos territórios ocupados e dominados por grandes empresas nacionais e multinacionais. Esse modelo atual de produção, produzido pelo agronegócio, aprofundou-se ainda mais o problema da questão agrária, agravando as desigualdades explícitas no campo como: a concentração de terras e renda, a destruições e envenenamento dos recursos naturais, a expropriação e exclusões dos agricultores camponeses. Com esses métodos de expansão da produção capitalistas (agronegócio), intensificaram, cada vez mais, os conflitos territoriais, ambientais e de disputa de terras nas comunidades camponesas. E, quem sabe, esta dissertação possa abrir/fortalecer caminhos para novas pesquisas sobre o que se publica na mídia sobre as questões agrárias, uma vez que ela, conforme Castro (2005), é uma formadora de identidades sociais, conseqüentemente, de demandas sociais.

## 2. ASPECTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

*Está terminando o tempo da inocência e começando o tempo da política. Os pobres da terra, durante séculos excluídos, marginalizados e dominados, têm caminhado em silêncio e depressa no chão dessa longa noite de humilhação e proclamam, no gesto da luta, da resistência, da ruptura, da desobediência, sua nova condição, seu caminho sem volta, sua presença maltrapilha, mas digna, na cena da História.*

(José de Souza Martins)

### 2.1 Análise de conteúdo

A pesquisa só faz sentido se o seu resultado possibilitar à sociedade “[...] (re)pensar, (re)configurar e (re)organizar suas estruturas” (BORGES, 2012, p. 14) e, a partir desse pressuposto, discorreremos os fundamentos e procedimentos metodológicos aplicados nesta pesquisa, trazendo para o debate conceitos da ciência geográfica que permitam compreender melhor a questão agrária enunciada pelo jornal A Gazeta on-line. Assim, o aprofundamento da leitura de teóricos consagrados nos possibilitou refletir, organizar e reinventar os principais desafios encontrados no decorrer deste trabalho, de acordo com técnicas estruturais que, com certeza, contribuíram para o embasamento sólido e aporte de conhecimentos para desenvolver o tema pesquisado; logo, ampara-se no campo da ciência.

Nesse horizonte de estudo, a busca pelas principais obras para obter melhor entendimento da temática proposta tornou-se fator primordial a constituir informações básicas para contemplar o desenvolvimento metodológico desta pesquisa. Sendo assim, optamos pela abordagem qualitativo-exploratória, frisando preponderantemente as suas características relevantes no campo da investigação na análise de conteúdo para averiguação e entendimento da realidade pesquisada. Nesse sentido, embasamo-nos na metodologia principal desta pesquisa, que é a análise de conteúdo, a qual compreendemos com Bardin, (1977, p. 31) como um

[...] conjunto de técnicas de análise das comunicações. Não se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande

disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações.

Por essa via, buscamos esclarecimento na perspectiva de Lakatos e Marconi (2003, p. 18), que:

[...] constitui-se em fator decisivo de estudo, pois propicia a ampliação de conhecimentos, a obtenção de informações básicas ou específicas, a abertura de novos horizontes para a mente, a sistematização do pensamento, o enriquecimento de vocabulário e o melhor entendimento do conteúdo das obras.

A análise de conteúdo, para Bardin (1977), não é somente vista como domínio de técnicas em análise das comunicações, mas como uma série de utilizações de ferramentas e procedimentos na investigação das matérias jornalísticas no site eletrônico, em uma forma apropriada de apurar descrições de conteúdos veiculados pela mídia; ou seja, “[...] tudo o que dito ou escrito é susceptível de ser submetido a uma análise de conteúdo”. (Henry; Moscovici *apud* Bardin, 1977, p. 33), bem como os procedimentos metodológicos e objetivos pretendidos, de modo a ser reinventada e redefinida a cada momento de manifesto/visível, ou seja, “[...] o objetivo da análise de conteúdo é compreender criticamente o sentido das comunicações, seu conteúdo manifesto ou latente, as significações explícitas ou ocultas”. (Chizzotti, 2006, p. 98).

A análise de conteúdo não é apenas técnica descritiva, uma vez que pode ser aplicado o uso da inferência, e esse recurso possibilita esclarecer os fundamentos que procedem nas mensagens de comunicações ou até mesmo as repercussões que podem causar nos *sites* eletrônicos *online*. (Bardin, 2011).

Utilizamos neste trabalho a análise de conteúdo como:

[...] método de pesquisa que recolhe e analisa textos, sons, símbolos e imagens impressas, gravadas ou veiculadas em forma eletrônica ou digital encontrados na mídia a partir de uma amostra aleatória ou não dos objetos estudados com o objetivo de fazer inferências sobre seus conteúdos e formatos enquadrando-os em categorias previamente testadas, mutuamente exclusivas e passíveis de replicação (Herscovitz, 2010, p. 126-127).

A análise de conteúdo da mídia é uma técnica de descrição objetiva, sistemática a uma exploração qualitativa de mensagens e informações do material analisado e coletado e pode ter, de acordo com Herscovitz (2010, p. 125), redução da

“[...] quantidade de textos a uma mera base de dados não proporciona um quadro completo dos significados e dos códigos contextuais, porque os textos podem enfatizar outros aspectos do que aqueles meramente repetidos”.

Contribuindo com esse entendimento, Herscovitz (2010, p. 125) afirma que a análise de conteúdo não usa princípios ópticos entre os conceitos quantitativos e qualitativos, porém, permite uma:

[...] integração entre as duas visões de forma que os conteúdos manifestos (visível) e latentes (oculto, subentendido) sejam incluídos em um mesmo estudo para que se compreenda não somente o significado aparente de um texto, mas também o significado implícito, o contexto onde ele ocorre, o meio de comunicação que o produz e o público ao qual ele é dirigido.

Assim, descrevemos os instrumentos utilizados para coleta de dados no jornal *A Gazeta on-line* nos procedimentos de análise de conteúdo. Esta pesquisa pauta-se em uma análise de conhecimento crítico e na categoria de pesquisa qualitativa e exploratória, envolvendo levantamento e análise bibliográfica e documental sobre a temática relativa à questão agrária na mídia jornalística *A Gazeta on-line* em Mato Grosso. Trata-se de uma etapa importante para a construção de um arcabouço teórico conceitual e exploratório que propicia uma análise das diversas posições acerca da problemática em questão.

Os resultados e as análises são retratados em forma de figuras e textos, sendo trasladados em textos descritivos sobre os materiais observados nas temáticas veiculadas no *site*.

Concordamos com Bicudo (2006) que essa abordagem qualitativa engloba a ideia do subjetivo, passível de expor sensações e opiniões, bem como engloba percepções de diferenças e semelhanças, não sendo aplicável a ela a noção de rigorosidade, pois aos dados faltam precisão e objetividade.

Para Bardin (2009, p. 141), a pesquisa qualitativa “[...] é válida, sobretudo, na elaboração das deduções específicas sobre um acontecimento ou uma variável de inferência precisa, e não em inferências gerais”. Dessa forma, trata-se de análise, descrição e interpretação de informações obtidas de dados não quantificáveis (Chizzotti, 1991).

A análise de conteúdo tem a finalidade de identificar o significado na forma de expressão do discurso de notícias. Esse método nasceu nos Estados Unidos após a segunda guerra mundial e tinha o propósito de acompanhar a repercussão do fato nos jornais da época (Bardin, 1977).

Nesses procedimentos de análise de conteúdo que:

[...] propomos tem as seguintes propriedades: construção racional de seu objeto segundo critérios precisos (construção do corpus), o que permite conferir os resultados das análises; determinação de um instrumento de análise que sirva de base às interpretações produzidas ulteriormente; processo de interpretação que implique uma crítica social, não com o ideologia (se a crítica fosse direcionada, perverteria o objetivo científico), mas como processo que faz descobrir o não dito, o oculto, as significações possíveis que se encontram por trás do jogo de aparências (Charaudeau, 2013, p. 29).

A análise de conteúdo é uma área de pesquisa que fornece ferramentas e estrutura conceitual para analisar fatos enunciados pela mídia jornalística. Fairclough (2001) afirma que a análise de conteúdo é parte fundamental da construção social. Nessa perspectiva, as pessoas podem definir três fatores de suma importância em seu papel construtivo, os quais são relevantes: (a) ajuda a construir o reconhecimento social e promove o desenvolvimento na busca do sentimento de pertencimento dos sujeitos que estão postos na sociedade; (b) desenvolvimento colaborativo entre os sujeitos e (c) desempenha um papel de liderança no relacionamento entre os indivíduos e estabelece um sistema de conhecimento e crença.

Para Guareschi (2005), a importância de buscar as informações verdadeiras “[...] para ler não somente o que está escrito ou imagem mostrada, mas o não-dito, o silêncio, o oculto, os rastros deixados” (Guareschi, 2005, p. 91 e 92). Nesse sentido, centramos na análise de conteúdos em selecionar as notícias publicadas do jornal Gazeta Digital online, referente ao objeto de pesquisa, já que:

Os jornais estão cheios de mentiras ou de meias verdades. A televisão, idem, a rádio, idem, a Internet, idem. A informação manipulada é o mais poderoso meio de controle das consciências jamais inventado pelo homem” (Noblat, 2004, p. 38).

Centrados no pensamento de Foucault (2014, p. 10), compreendemos a análise de conteúdo como prática social historicamente estabelecida pelo sujeito, que

constitui sua identidade, ou seja, “[...] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nós queremos apoderar”. Como padrões, é necessário analisar a escolha e divulgação das matérias enunciadas pelo jornal, bem como a declaração da temática construída pela mídia em seus dizeres veiculados no *site* eletrônico. Portanto, essa declaração é usada para citar as manifestações e os participantes dos protestos enunciados pelo jornal, e é muito importante, pois considera a possibilidade de produzir efeitos significativos entre os leitores.

Ao escolhermos a trajetória metodológica para a concretização desta pesquisa, amparamo-nos no referencial teórico da pesquisa documental, que tem como principal estratégia a produção textual veiculada em arquivos eletrônicos. No caso da nossa pesquisa os arquivos eletrônicos são sobre a questão agrária, assim buscamos identificar no teor das matérias, os conteúdos abordados pela mídia, os termos empregados para noticiar um determinado assunto, bem como verificar quais os temas que se sobressaem na mídia jornalística.

## **2.2 Questões metodológicas adotadas**

Neste item buscamos evidenciar a metodologia escolhida para analisar o jornal *A Gazeta online*, em relação às matérias que divulga no site a respeito da questão agrária. A metodologia adotada nos oferece um suporte para analisar a realidade e as práticas do meio de comunicação do referido jornal.

Para desenvolver esse estudo foram elaborados dois tipos de análises temáticas, uma relacionada com questões textuais e outra com questões não textuais. No estudo, são introduzidas as categorias temáticas desse tipo de análise, sendo que o *corpus* da pesquisa totaliza 134 matérias coletadas durante um ano no jornal *A Gazeta online*. Destas, 111 referem-se ao agronegócio, com suas conflitualidades e tecnologias postas no campo territorial mato-grossense, e 23 matérias são da agricultura familiar, que produz alimentos conscientemente saudáveis para toda a sociedade.

A dissertação foi elaborada conforme duas etapas: a primeira trata-se da pesquisa bibliográfica, que tem fundamentos e procedimentos metodológicos eficientes. Compreendemos com Marconi e Lakatos (1992) que o método de pesquisa visa buscar fontes secundárias, materiais públicos elaborados em relação ao tema de estudo, publicações avulsas, livros, artigos, dissertações, teses, entre outros. Dessa forma, trata-se de uma pesquisa bibliográfica, qualitativa e exploratória, que descreve informações obtidas, interpretação e análise, que não podem ser quantificáveis, sendo essa uma característica básica desse método (Chizzotti, 1991).

Ainda nesse tocante, salientamos que a pesquisa bibliográfica, de acordo com Manzo (*apud* Lakatos; Marconi, 2003, p. 183), "[...] oferece meios para definir, resolver, não somente problemas já conhecidos, como também explorar novas áreas onde os problemas não se cristalizaram suficientemente".

Para Gil (2008, p. 45), as "[...] vantagens da pesquisa bibliográfica residem no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente". À luz desse autor consagrado, é fundamental reconhecer que o referido método permite o contato do pesquisador com as fontes concretas sobre a temática pesquisada. Vale destacar que, dessa forma, o trabalho não consiste em repetição, pois permite ao pesquisador acrescentar resultados a problemas não cristalizados e possibilitar conclusões relevantes acerca da temática pesquisada.

A segunda etapa baseou-se na pesquisa documental, que consiste em realizar "[...] estudo com a definição clara dos objetivos [...]" (Lakatos; Marconi, 2003, p. 176) de levantar informações em documentos selecionados, e assim:

Utilizando fontes secundárias; contemporâneas ou retrospectivas - podemos apresentar um quadro que auxilia a compreensão do universo da pesquisa documental. É evidente que dados secundários, obtidos de livros, revistas, jornais, publicações avulsas e teses, cuja autoria é conhecida [...].

Sendo assim, a pesquisa documental foi realizada a partir de levantamento e análises de matérias *online* publicadas no jornal A Gazeta on-line. A seleção de informações foi baseada na produção textual veiculada no jornal acerca de assuntos em torno da questão agrária, visando ao teor das matérias, aos dizeres culturais e aos termos empregados, bem como de matérias com maior repercussão na mídia

jornalística. A partir de leituras minuciosas das notícias veiculadas, buscamos elementos comuns e divergentes que possibilitam estabelecer relações e promover compreensões acerca do objeto de estudo, que é apresentado em quadros, gráficos e imagens da mídia jornalística.

A seleção foi organizada por meio de uma primeira leitura das matérias disponíveis via *online*, que possibilitou um mapeamento delas a fim de serem selecionadas para análise totalizada do estudo. O objetivo foi encontrar os conteúdos que abordam a questão agrária no campo brasileiro, bem como a consistência, a clareza e a lacuna existente.

Para aprofundar o entendimento do nosso objeto de estudo, buscamos fundamentos em autores que se destacaram na área, assim, a revisão bibliográfica sobre as categorias *território* e *região*, pautaram em autores como: Haesbaert (2004, 2006, 2010), Santos (2003, 2009), Saquet (2007, 2008, 2013) e Corrêa (1981). Sobre o dilema da questão agrária e da reforma agrária, presente na conjuntura do Brasil agrário e mato-grossense, fundamentamos nos estudos de Fernandes (2001, 2006, 2008, 2012), Stedite (2005), Silva (1980) e Oliveira (1986, 2001, 2010, 2012). Em relação ao conceito de mídia jornalística, suas práticas, características mercadológicas e sua representação na dialética organizacional do sistema capitalista, buscamos suporte em: Ferreira (2012), Arbex Jr. (2003), Erbolato (2002), Guareschi (2005), Noblat (2004), Santos (2012), Chinen (2003), Ayoub (2006), Paulino (2009), Volanin (2007), Souza e Thomaz Jr. (2012), entre outros.

Com o objetivo de compreender a questão agrária foi realizada coleta de dados no jornal *A Gazeta on-line* do Estado de Mato Grosso, no período de 2019 a 2020. Esse jornal faz parte do Grupo Gazeta de Comunicação no Estado de Mato Grosso trata-se de uma rede de comunicação que tem certa credibilidade com parcela da população mato-grossense. O Grupo Gazeta de Comunicação associa vários veículos de comunicação: a Gazeta FM, FM Alta Floresta, FM Barra do Garças, FM Poxoréu, Cultura FM, Vila Real FM, TV Vila Real, Instituto de Pesquisa Gazeta Dados, Gráfica Millenium e o Portal Gazeta Digital no Estado de Mato Grosso, tendo sido inaugurado em 1990 o primeiro registro de *A Gazeta*.

Ressalta-se que a escolha desse jornal para análise da temática se deu em razão de ser visualizado/influenciado/acessado pela população de todo o estado de

Mato Grosso. Além disso, esse veículo apresenta maior abrangência de informações econômicas, políticas e cultural em seu *site* eletrônico.

Durante um ano de análise tentamos compreender os argumentos utilizados pelos veículos de comunicação e que imagem e valores são atribuídos sobre a questão agrária em Mato Grosso. Procuramos observar como eles se referem, em suas matérias, sobre a questão do campo, da agricultura familiar, dos movimentos sociais, da luta pela/na terra, do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terras (MST), dos conflitos no campo e sociais, da reforma agrária, da agricultura camponesa e dos latifúndios e agronegócio em Mato Grosso, com o intuito de entender e analisar a interferência da mídia na formação da opinião pública, mais especificamente no que diz respeito a esses assuntos.

Com base nas matérias selecionadas, elaborou-se um roteiro de análise, organizado por meio de uma primeira leitura de observação dos materiais pesquisados via *internet*, o que possibilitou um mapeamento das matérias a serem posteriormente selecionadas para análise. O objetivo dessa prévia leitura foi encontrar os conteúdos que abordam a questão agrária, possíveis concepções da temática, consistência, clareza e lacunas existentes nos materiais.

Os dados levantados foram classificados, organizados e analisados de forma clara e objetiva, catalogando para ampliar a capacidade de análise dos dados. Assim, de início, foi efetuada a contagem do número de notícias do jornal *A Gazeta on-line* de comunicação. A partir da análise das notícias veiculadas no jornal, nos propomos a refletir sobre a mídia jornalística mato-grossense para compreender como a imprensa tem (ou não) influenciado a opinião da sociedade sobre o dilema da questão agrária. De igual forma, foram examinadas as matérias disponibilizadas nos *sites* vinculados ao jornal, a fim de construir o embasamento teórico desse trabalho. Para isso, foram observados os temas trazidos para discussão e os pontos de vista que defendem determinados assuntos agrários. Por fim, caminhamos para a análise das matérias do jornal, demonstrados por quadros, figuras e tabelas, entre outras formas de análise de pesquisa.

Utilizamos a classificação de matérias do jornal como uma técnica de coleta de dados sobre determinado tema científico, pois é uma forma dos pesquisadores buscarem informações objetivas e subjetivas, considerando os dados objetivos a

serem extraídos (Boni; Quaresma, 2005). Nessa etapa também foi realizada a pesquisa documental (de arquivos públicos do jornal *online* estudado), consideradas as fontes secundárias, que, segundo Vasconcellos (2001), buscam contextualizar a temática proposta. Sendo assim, os dados levantados foram classificados, comparados, organizados e analisados de forma clara e objetiva, sendo catalogando para ampliar a capacidade de análise dos dados qualitativos.

De início, foi efetuada a contagem do número de matérias do jornal *A Gazeta on-line*, o que é apresentado em tabelas. Para verificar a quantidade de matérias e contextualizar, de acordo com os objetivos da pesquisa, posteriormente, foram elaborados os resultados e apresentados na forma de tabelas, quadros e gráficos para possibilitar a identificação das matérias, que foram analisadas de forma dissertativa para uma melhor compreensão.

As atividades da pesquisa foram realizadas da seguinte maneira: primeiramente, foi utilizado o *software* Microsoft Word, com o que se criou uma tabela simples, contendo as informações acerca das matérias sobre a questão agrária no estado de Mato Grosso, publicadas no jornal *on-line* *A Gazeta*, procurando relacionar os conteúdos que estão sendo abordados pela mídia jornalística *on-line* e sua influência na comunicação com a sociedade. O propósito foi compreender o que o jornalismo de Mato Grosso tem produzido sobre a temática.

Os dados levantados, depois de concluída a contagem das matérias, foram lançados em quadros, tabelas, gráficos e figuras. Utilizamos as seguintes metodologias para chegar ao resultado da pesquisa e propostas: fotos das matérias jornalísticas (figuras) que fazem parte da proposta copiada do jornal durante os 12 meses de coleta (março de 2019 a março de 2020). Para isso, foram utilizados quadros, gráficos, figuras e tabelas para demonstrar os resultados da pesquisa e ter maior apoio teórico e prático.

Para a entrevista dos jornalistas, precisávamos escolher quem entrevistar, segundo Duarte, “[...] o pesquisador faz a seleção por juízo particular, como conhecimento do tema ou representação subjetiva” (Duarte, 2005, p. 69). Diante disso, criamos uma lista de 20 nomes de jornalistas conceituados em Mato Grosso, que trabalham em uma pluralidade de veículos de comunicação, como jornais, revistas, internet, TV e rádio.

Em seguida, elaboramos um questionário com 11 perguntas para ser aplicado com os jornalistas. A partir de um olhar sobre as respostas, pudemos constatar diversidades de informações. Depois disso, decidimos selecionar dos questionários recebidos aqueles que apresentaram respostas com maior clareza e coerências com o objeto de pesquisa: totalizando três, consideramos esse número de entrevistados suficiente para a nossa análise.

Para os três jornalistas selecionados, colocamos um nome fictícios, em que denominamos de “jornalista 01”, “jornalista 02”, “jornalista 03”, desta forma, mantemos os cuidados e cautelas necessários para com esses profissionais, preservando a identidade deles, evitando qualquer forma de perseguição ou prejuízo formal em seus ambientes de trabalhos ou até mesmo nas vidas particulares de cada um.

É importante dizer que a pesquisa não analisou os comentários dos leitor das matérias do jornal *A Gazeta on-line*, uma vez que o objetivo desta pesquisa não teve esse intuito; também não tratamos das questões profissionais dos currículos de cada jornalistas, que fazem parte dos quadros funcionais da empresa

Este capítulo procurou apresentar as questões teórico-metodológica para realização da análise, uma vez que consideramos importante dar visibilidade às opções e aos processos de pesquisa, determinados na construção deste trabalho. No próximo capítulo, vamos discorrer sobre o problema de pesquisa, que move nossa reflexão.

### 3. A QUESTÃO AGRÁRIA COMO PROBLEMA DE ESTUDOS NO BRASIL E EM MATO GROSSO

*A injustiça no caso é flagrante e escandalosa. Mesmo que se aceitem todas as teses sobre o desvirtuamento do movimento dos sem-terra e se acate a demonização dos seus líderes, militantes e simpatizantes, a dimensão do movimento é uma evidência literalmente gritante do tamanho da iniquidade fundiária no Brasil, que ou é uma ficção que milhares de pessoas resolveram adotar só para fazer barulho, ou é uma vergonha nacional. A iniquidade que criou essa multidão de deserdados no país com a maior extensão de terras aráveis do mundo é a mesma que expulsou outra multidão para as ruas e favelas das grandes cidades, deixando o campo despovoado para o latifúndio e o agronegócio predatório. A demora de uma reforma agrária para valer, tão prometida e tão adiada, só agrava a exclusão e aumenta a revolta [...].*

(Fragmento da crônica Injustiça e Desordem, de Luis Fernando Verissimo)

Hoje, a questão agrária coaduna com vários elementos estruturados no campo brasileiro, inclusive, mato-grossense. Nota-se então que há pontos inseridos e relacionados, tais como: “[...] a questão energética, a questão indígena, a questão ecológica, a questão urbana e a questão das desigualdades regionais”. (Silva, 1980, p. 40). Assim, nela está presente em um acúmulo de problemas cruciais na sociedade brasileira, a ponto Silva (1980, p. 40) asseverar que “[...] todos eles têm a ver com o caráter parasitário que atingiu a forma específica como se desenvolveu o capitalismo neste país”.

Neste capítulo vamos tratar do problema da questão agrária no Brasil e em Mato Grosso, bem como abordar o que estudiosos dizem sobre a relação da questão agrária na mídia. Em seguida, vamos abordar a questão do território e região como caminhos teóricos para pensar os dilemas da questão agrária em Mato Grosso.

#### 3.1 O problema da questão agrária

A questão agrária é um elemento estrutural do capitalismo. Assim, decorre do processo de colonização/capitanias hereditária/sesmarias, em que, historicamente, foram doadas grandes extensões de terras a particulares que tivessem recursos financeiros (Fernandes, 2001). Desse modo, prevaleceu a divisão desigual das terras no país, acabando por se constituir em um vasto conjunto de problemas relacionados ao campo brasileiro. Sob tais situações, beneficiavam-se e desfrutavam da terra somente os sujeitos (dominantes) que tivessem dinheiro para comprá-la.

Com Fernandes (2001, p. 23-24), compreendemos que:

Os problemas referentes à questão agrária estão relacionados, essencialmente, à propriedade da terra, conseqüentemente à concentração, expulsão e exclusão dos trabalhadores rurais: camponeses e assalariados; à luta pela terra, pela reforma agrária e pela resistência na terra; à violência extrema contra os trabalhadores, à produção, abastecimento da agropecuária e seus padrões tecnológicos, às políticas agrícolas e ao mercado, ao campo e à cidade, à qualidade de vida e dignidade humana. Por tudo isso, a questão agrária compreende as dimensões econômica, social e política.

Oliveira (2012) ressalta que a questão agrária é vista como um conjunto de problemas referentes à concentração de propriedades e também à ocupação territorial, bem como às tocantes lutas entre as diferentes classes sociais que visam ao uso da terra para o desenvolvimento de uma sociedade mais justa e igualitária. Assim, aqui se entende que a questão agrária envolve não só a concentração fundiária, mas também a má divisão/distribuição de terras e renda rural, tal como a luta pela terra e reforma agrária no Brasil.

Em Mato Grosso, a concentração fundiária é decorrente, dentre outros fatores, do surgimento da *Marcha para Oeste* (plano de expansão da fronteira agrícola a partir da década de 1960), que trouxe consigo a imensa mobilidade populacional com a vida de agentes colonizadores e levas de trabalhadores de outros estados brasileiros. Esses movimentos demográficos transformaram-se em um projeto intenso e insensato e, com o passar do tempo, consolidaram-se profundamente na concessão das terras devolutas no estado de Mato Grosso, onde essa proposta generalizou-se plenamente em produções de monoculturas e desenvolvimento de técnicas produtivas. Assim,

nasceu o avanço da modernização tecnológica do agronegócio no campo mato-grossense.

Desse modo, no estudo das caracterizações do campo brasileiro, consideramos importante refletir também sobre todas essas temáticas sob a ótica da produção midiática, a partir da análise dos conteúdos veiculados no site eletrônico, bem como observar, pelas matérias, a tendência da imprensa noticiar os fatos, no campo brasileiro e mato-grossense, e que podem contribuir para a formação da opinião pública.

Os dizeres da mídia sobre a temática, segundo Souza e Tomaz Jr. (2002, não paginados), “[...] se refletirão na forma de representação da Questão Agrária pelo público leitor/expectador”, uma vez que a imprensa jornalística é responsável pela divulgação da informação dos fatos e dos acontecimentos de forma imparcial nas opiniões/análises sobre o campo brasileiro, ou seja, podem ser favoráveis ou desfavoráveis à questão agrária no cenário da sociedade contemporânea (Ferreira, 2012).

Ferreira (2012) aponta que é preciso levar em conta que a mídia brasileira é concentrada por alguns grupos, sendo que a maioria deles é de propriedade privada e controlada por uma determinada classe social, podendo usar essa ferramenta para defender seus próprios interesses e prejudicar grande parte da população. Segundo Traquina (2001, p.14) “A capacidade das mídias em influenciar a projeção dos acontecimentos na opinião pública confirma o seu importante papel na figuração da nossa realidade social”; porém, a maioria dos casos não tem sua opinião ouvida porque, conforme Moraes (apud Ferreira, 2012, p. 12),

A mídia privada tem-se engajado de maneira artilosa no novo ciclo político, e o debate sobre o papel que desempenha adquiriu relevo, na atualidade, pela iniciativa de muitos movimentos, incluindo o MST, que também luta pela democratização dos meios de comunicação. As corporações da mídia projetam-se como agentes discursivos, como uma proposta e coesão ideológica, através de meias verdades, notícias fora do contexto, fatos sem vínculos com o passado, essência encoberta pela aparência.

Desse modo, para Moraes (2003), a mídia privada tem participado astutamente do novo ciclo político e, atualmente, por iniciativa de diversos movimentos sociais, inclusive do MST, o debate sobre seu papel ganha mais destaque no meio de

comunicação. Cabe salientar que o MST também luta pela democratização das informações nos meios de comunicação. Entretanto, a mídia jornalística modela seu discurso, como direito à palavra, propostas e coesão ideológica que se expressam por meio das veracidades e informações totalmente sem coerências e de fatos distorcidos, bem como os seus fundamentos manipulados, camuflados pelas imagens midiáticas.

Sobre isso, Ferreira (2012, p. 15) ressalta:

[...] a influência que essa mídia vem exercendo sobre sua plateia, derivada não somente do que é dito, mas também, significativamente, do que não é dito. Ela, além de continuar a afirmar o status quo, permanece com a mesma medida, deixando de levantar as questões essenciais sobre a estrutura da sociedade e conduzindo os seus leitores ao conformismo – fornecendo pouca base para uma apreciação crítica da sociedade. A mídia restringe de forma indireta, mas efetiva, o desenvolvimento consciente de uma visão genuinamente crítica. Hoje os ideais de verdade, justiça e credibilidade caminham em trilhos muito tênues e o grande desafio do jornalismo atual é manter sua identidade em uma rede saturada de informações emitidas pelos mais diversos meios e de forma muito rápida. O problema está na chamada “moral provisória” – pequenas mentiras ou meias verdades –, que se adapta às circunstâncias e não faz parte apenas do dia a dia do jornalismo.

No Brasil, a mídia exerce grande pressão sobre o consumo mediante o discurso publicitário direto e indireto ao público, que viabiliza as características desse público, suas expectativas, seu gosto e seus valores, o conteúdo, a linguagem e a representação do que foi oferecido e definido.

Ferreira (2012), pautada nos estudos de Orlandi (2007, p. 43), em que “[...] o estudo do discurso explicita a maneira como a linguagem e a ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca”, vai dizer que:

Algumas estruturas do discurso também podem ser mais eficientes que outras, no processo de influenciar as mentes dos receptores, de acordo com o próprio interesse dos falantes ou escritores. Hoje, o discurso jornalístico se caracteriza pela institucionalização de sentidos, constituindo o imaginário social e mobilizando a memória do passado, de maneira que ela seja percebida como natural e, conseqüentemente, possa afetar os sentidos futuros. Entendemos não ser possível falar do papel da mídia nesse campo específico sem falar de sua influência no meio social como um todo [...]. (Ferreira, 2012, p. 147).

Ainda para a autora, a mídia jornalística de massa é projetada simultaneamente como agente discursivo com uma proposta de coesão ideológica em torno da globalização, destacando agentes econômicos nos mercados mundiais, vendendo seus próprios produtos e intensificando a visibilidade de seus anunciantes a favor do consumidor e dos novos comportamentos.

Com essa preocupação, propomos refletir sobre o conteúdo pautado da mídia jornalística *A Gazeta on-line* na análise dos conteúdos/temáticas sobre o dilema da questão agrária em Mato Grosso. Buscamos, com isso, analisar a forma como a mídia jornalística *on-line* aborda questões estruturais relacionadas ao campo mato-grossense, tais como: movimentos sociais, luta<sup>3</sup> pela/na terra, conflitos sociais, reforma agrária, agricultura familiar, agricultura camponesa, agronegócio, dentre outros.

Nesse mesmo direcionamento, Ferreira (2012, p. 147) colabora com o entendimento da temática, quando diz:

Devemos investir sempre no debate sobre os modos pelos quais a realidade é construída por meio da elaboração de textos jornalísticos. [...] o discurso veiculado pela mídia nos revela a tendência de a imprensa noticiar os fatos a partir de construções semanticamente negativas do Movimento, que direcionam a opinião pública sempre contra, sem que, na maioria das vezes, seus integrantes tenham o mesmo espaço para se defenderem [...].

Apesar disso, a autora afirma que a mídia jornalística, no Brasil, muitas vezes, manipula, legitima ou deslegitima as informações das notícias e, com isso, acaba convencendo as pessoas de que este ou aquele é o melhor modelo de sociedade; ou seja, quase sempre os órgãos dos meios de comunicação não refletem a realidade social e política acirrada no Brasil e no território mato-grossense.

### **3.2 Território e região: caminhos teóricos da pesquisa.**

Está terminando o tempo da inocência e começando o tempo da política. Os pobres da terra, durante séculos excluídos, marginalizados e dominados, têm caminhado em silêncio e depressa no chão dessa longa noite de humilhação e

---

<sup>3</sup> A expressão de luta na terra para (SILVA, 2004, p. 142), “[...] significa que o camponês já se territorializou, garantiu o seu direito e o acesso a *terra de trabalho*, isto é, a seu espaço familiar produtivo, mas não se isolou na realidade”.

proclamam, no gesto da luta, da resistência, da ruptura, da desobediência, sua nova condição, seu caminho sem volta, sua presença maltrapilha, mas digna, na cena da História.

(José de Souza Martins)

Neste item, colocamos em tela as categorias *território*, *região* e *mídia* (meios de comunicação) e os dilemas da questão agrária que se relacionam ao conflito fundiário (questão agrária e reforma agrária), com base nas contribuições e resultados de pesquisas de teóricos geográficos. O problema dos conflitos de terra é explícito no setor agrícola brasileiro agrário e no espaço territorial do Estado de Mato Grosso, tais como movimento social, conflito social, reforma agrária, agricultura familiar, agricultura camponesa, agronegócio *etc.* Esses conflitos têm sido discutidos desde o processo histórico até a presente data.

As questões de conflitos no campo pelos sujeitos sociais são questionadas pela sociedade em geral, universidades e pelo poder público, contudo, as reivindicações feitas pelos sujeitos sociais ao Governo Federal, Estadual e Municipal não são atendidas por eles, ou seja, não se percebem medidas que visem a uma política eficaz e que leve a sério o bem-estar das famílias camponesas e dos pequenos agricultores familiares. Isso é nítido pelos líderes federais, estaduais e municipais, os quais todos os anos são empossados pela sociedade no poder e nada fazem em referência a uma política pública eficaz e que realmente se importe com o bem-estar dos pequenos agricultores camponeses, que realmente merecem ser eminentes na imensidão do território brasileiro.

Por outro lado, os territórios do Brasil são tão grandes (por exemplo: o Estado de Mato Grosso), que eles só querem sustentar suas famílias para viver com dignidade por meio do seu próprio trabalho árduo; nesse sentido, merecem destaque e devem ser valorizados. Atualmente, as lutas são sempre realizadas por camponeses, agricultores familiares, movimentos sociais, assim como os Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), movimento estes, que surgiu no final da década de 1970 no Estado do Rio Grande do Sul e se estabeleceu no tempo e no espaço graças às suas histórias de lutas sociais no contexto, ganhando destaque nos estudos geográficos brasileiros.

Nesse sentido, acrescentamos algumas reflexões sobre o dilema das questões agrárias, bem como a reforma agrária que orienta a integração da agricultura no Estado brasileiro agrário e mato-grossense com base em Fernandes (2001, 2006, 2008, 2012), Stedile (2005), Silva (1980), Oliveira (1986, 2001, 2010, 2012) e Gohn (2000). Em suma, discutimos o conceito de mídia noticiosa e a prática de suas características de mercado, bem como os conceitos que representa na dialética organizacional do sistema capitalista, pelos seguintes estudiosos: Ferreira (2012), Guareschi (2005), Noblat (2004), Albex Jr. (2003), Erbolato (2002), Santos (2012), Chinen (2003), Ayoub (2006), Paulino (2009), Volanin (2007), Souza e Thomas Jr. (2002) *etc.*

Desse modo, esses conceitos e discussões são extremamente relevantes para análise do tema que ora estudamos, o que é realçado pela inserção de diferentes autores que contribuíram com a temática da pesquisa. A transformação espacial do sujeito camponês brasileiro e mato-grossense, sua história, ideologia cultural, tendências hegemônicas e influências relacionadas aos interesses dos consumidores, anunciantes, políticos e classes burguesa cravadas historicamente na mídia, como corpo principal dos sujeitos camponês e agricultor familiar, se amparam nas organizações dos movimentos sociais.

Essas reivindicações coletivas, as lutas e conquistas por direito a um pedaço de terra, geralmente, transformam-se em conflitos no campo agrário, noticiados pela mídia em suas chamadas como sendo fora da lei, ação de baderneiros, vagabundos, entre outras formas pejorativas postas pela mídia culturalmente ideológica e hegemônica. As influências e mudanças socioeconômicas e políticas são as mais afetadas e prejudiciais aos sujeitos camponeses e agricultores familiares no campo.

### **3.2.1 A Região no Estado de Mato Grosso**

Partimos da premissa de que para estudar o discurso da mídia sobre o campo mato-grossense é necessário refletir sobre as categorias território e região, pois ambas possibilitam retratar as transformações sociais e espaciais em curso no campo mato-grossense e os conflitos decorrentes desse processo histórico. Dessa forma,

para melhor compreensão do tema proposto, explicitamos sobre os argumentos e discussões teóricas acerca da forma como a mídia retrata as questões agrárias no jornal *A Gazeta on-line* do Estado de Mato Grosso.

Em busca de uma melhor definição das categorias região e território, apontadas na fragmentação do desenvolvimento no contexto histórico da concepção geográfica, Haesbaert (2010, p. 172) afirma que “[...] território e região são tomados enquanto ‘categoria das práticas’, distinguindo-se por referências empíricas distintas, seja em relação aos objetos [...]”. O autor (2010, p. 169) ensina que em relação a certos processos pode se conceituar o território em “[...] sua vinculação ao tratamento de problemáticas que envolvem as relações entre espaço e poder, quer dizer, a dimensão política da sociedade em sua composição espacial na ciência geográfica”.

Nesse sentido, as distintas concepções de região e território apontam para o acirramento dos conflitos sociais no campo brasileiro e mato-grossense, onde estão presentes e resistindo historicamente no âmbito real de produção do espaço geográfico.

A região, uma área descrita por Lencioni (2009), é uma importante categoria no pensamento geográfico, ou seja, a região se estabeleceu desde o desenvolvimento da ciência geográfica e está claramente definida até os dias de hoje, em um conhecimento explícito de relações problemáticas e conflitos entre o homem e a natureza. Nesse processo inserem-se questões diversas e complexas, como a apropriação ideológica, presente nas manifestações dos sujeitos sociais em diferentes áreas do espaço geográfico e permanentemente como objeto de manipulação política e econômica.

Portanto, as discussões sobre a categoria região são amplamente conduzidas em linguagens comuns e científicas e “[...] sempre foi pertinente à perspectiva geográfica, apesar de se constituir, ainda hoje, em uma noção problemática”. (Lencioni, 2009, p. 14), envolvendo questões sociais, grupos culturais, sujeitos sociais, agricultura familiar, movimentos sociais, MST e o agronegócio.

Para Lencioni (2009), a geografia estuda o conceito de região com significados diversos e com características ideológicas, ou seja, pode servir de referência para a construção de uma ferramenta de manipulação política, por isso nós, que estudamos

a geografia brasileira, precisamos aprofundar esse conceito para ter elementos para a sua desmistificação.

É na região do estado de Mato Grosso que se concretizam e articulam as ações de atores sociais. Haesbaert (2010) afirma que isso ocorre desde o momento em que se definem similaridades e, também relações internas comuns. Com isso, percebem-se elementos teóricos para compreender o tema proposto na presente investigação, que aborda os conteúdos segundo as referências de classes dos sujeitos sociais, no universo do que é publicado pela mídia jornalística *A Gazeta online* para a sociedade mato-grossenses. Entretanto, as regiões no Estado de Mato Grosso são de diferentes áreas espaciais, com suas divisões em desenvolvimentos desiguais, bem como seus processos de construções capitalistas e seu domínio concreto na expansão do sistema financeiro, embutido em seus territórios agrários conflitantes.

Percebem-se as influências dos atores capitalistas dominantes que estão inseridos pelas regiões do estado mato-grossense que, conforme Corrêa (1991, p. 45), são “[...] resultado da lei de desenvolvimento desigual e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão da lei do desenvolvimento e combinado, caracterizada pela sua inserção na divisão nacional e internacional do trabalho e pela associação de relações de produção distintas”.

É compreensível que o desenvolvimento desigual e combinado surge na produção espacial geográfica, afirma Smith (1988), esteja inerentemente conectada nas relação entre a produção do espaço, o capital e o trabalho, bem como na desigualdade territorial, ou seja, o surgimento do capitalismo, o desenvolvimento das tecnologias avançadas e os meios de comunicação, que libertaram as pessoas da natureza e por isso, a desigualdade passou a ser o prazer do sistema. E, isso está acirrado na região no estado de Mato Grosso, onde o capitalismo é forte e tem voz.

Nos espaços regionais mais desenvolvidos e menos desenvolvidos, é o resultado de um desenvolvimento geográfico desigual, bem como o modo contínuo de valorização do capital e sobre essa diferenciação de desenvolvimento desigual, buscamos citar aqui o esclarecimento de Smith (1988, p. 221) nesses dois processos distintos:

O desenvolvimento desigual é tanto o produto quanto a premissa geográfica do desenvolvimento capitalista. Como produto, o padrão é altamente visível na paisagem do capitalismo, tal como a diferença entre espaços desenvolvidos e subdesenvolvidos em diferentes escalas: o mundo desenvolvido e o subdesenvolvido, as regiões desenvolvidas e as regiões em declínio, os subúrbios e o centro da cidade. Como premissa da expansão capitalista, o desenvolvimento desigual [...] é a desigualdade social estampada na paisagem geográfica e é simultaneamente a exploração daquela desigualdade geográfica para certos fins sociais determinados.

Atualmente a indústria moderna se consolidou numa divisão geográfica do trabalho, a particularidades do capitalismo. No que tange a geografia da herança, posta na forma de regiões econômicas, ou seja, o que existia antes, foram completamente transformados e revolucionados pelas máquinas com tecnologia avançadas no campo. O domínio do capitalismo (dominante) no campo Mato-Grossense é completamente avassaladora na região do estado, proporcionando desenvolvimento desigual.

Diante disso, devemos levar em conta que o proletariado (classe trabalhadora) também é filho do campo, ou seja, devemos considerar os agricultores, camponeses e pequenos produtores como as classes oprimidas e provedoras de mão de obra em projetos de infraestrutura capitalista. Na verdade, a luta no campo agrário costuma ocorrer sob conflitos radicais, em que as classes a que pertencem os sujeitos trabalhadores lutam pela sobrevivência e enfrentam poderosos proprietários de terras, seu capital e também o poder do Estado. Nesse sentido, tratar os camponeses como classe significa reconhecer as peculiaridades da classe trabalhadora e que estão dispostos a lutar e manter-se na terra para produzir e reproduzir suas vidas e seu trabalho, mas, historicamente, são dominados pelo capital. Nessa concepção, Nóbrega (2015, p. 120) reflete:

A região compõe um dos momentos da totalidade mundo e está inscrita nas relações de produção e revela os sentidos do trabalho e das contradições entre aquilo que se inscreve como agenda coletiva e aquilo que se instaura como agenda da reprodução do capital.

Ainda nessa perspectiva, Haesbaert (2010, p. 127) afirma que a região é:

[...] definida a partir de uma determinada articulação de relações sócio-espaciais, dotada de similaridade (“homogeneidade relativa”) e/ou de coesão (funcional e/ou simbólica), evidentemente, é sempre definida a partir de sua especificidade, de sua diferenciação ou contraste [...].

Lencioni (2009, p.17) argumenta que “[...] a ideia de região se vê presente, na construção da realidade e faz parte do senso comum”. Porém, há dentro das diversas correntes do pensamento geográfico/paradigmas um sentido dialético simultaneamente real e racional, bem como nos mais variados trabalhos regionais há um discurso ambíguo e problemático.

Conforme mencionado anteriormente, o termo *região* ocupa uma área privilegiada de debate geográfico ao longo da história da ciência geográfica. Nesse sentido, Corrêa (1990, p. 22) pondera:

[...] não apenas faz parte do linguajar do homem comum, como também é dos mais tradicionais em geografia. Tanto num como noutro caso, o conceito de região está ligado à noção fundamental de diferenciação de área, quer dizer, à aceitação da ideia de que a superfície da Terra é constituída por áreas diferentes entre si.

O processo de globalização também contribui com a reestruturação capitalista, levantando a questão da relevância da escala da análise regional como instância específica entre a análise local e a análise global. A definição da palavra “globalização” como derivada da categoria do discurso jornalístico se mostra como conteúdo econômico e político que se transformou em uma expressão da moda, usada de forma ampla mundialmente. Dentre os discursos teóricos em diferentes campos do conhecimento, ironicamente, pode-se dizer que o mais globalizado é o uso desse termo para significar disseminação em larga escala com relações trabalhistas, disseminação de informações e unidade cultural.

A nova geografia, afirma Corrêa (1990), considera a região de área diferenciada de classificação, ou seja, classificação refere-se à divisão de regiões por meio de estatísticas, matemática e utilização de ferramentas de desvio padrão. O conceito de globalização no final do século XX, conforme Gomes (2008, p. 71), traz a ideia “[...] de uma economia unificada, de uma dinâmica cultural hegemônica, de uma sociedade que só pode ser compreendida como um processo de reprodução social global”.

Dessa forma, Haesbaert (2008, p. 2) avalia que:

Há que se considerar, ainda, que se há uma homogeneização pelo alto, do capital e da elite planetária, há também uma homogeneização da pobreza e da miséria, considerando-se que, à medida que a globalização avança, tende a acirrar-se a exclusão socioespacial. Se muitos autores afirmam que o mundo contemporâneo vive uma era de globalização, outros, por sua vez, enfatizam como característica principal do nosso tempo a fragmentação. Globalização e fragmentação constituem de fato os dois polos de uma mesma questão que vem sendo aprofundada, seja através de uma linha de argumentação que tende a privilegiar os aspectos econômicos - e que enfatiza os processos de globalização inerentes ao capitalismo seja através do realce de processos fragmentadores de ordem cultural, que podem ser tanto um produto (veja-se o multiculturalismo das metrópoles com o aumento do fluxo de migrantes de diversas origens) quanto uma resistência à globalização (veja-se o islamismo mais radical).

Portanto, a pesquisa regional é muito importante na análise espacial. Como esclarece Santos (1996), o que incomoda hoje é que no modelo clássico o conceito de região é persistente. Por isso, o estudo da região é de suma importância na análise que desenvolvemos. A mídia jornalística, objeto deste estudo, correlaciona-se de diferentes formas às questões agrárias existentes na região do Estado de Mato Grosso, motivo esse que nos leva aos dados adiante apresentados, indicando serem maiores as monoculturas, bem como o agronegócio capitalista, que é dominante em nossas regiões, sendo assim são eles que decidem as novas regras no aspecto do espaço social, conforme visualizamos nas análises do jornal *A Gazeta on-line* em seus conteúdos, publicados.

Corrêa (1990) aponta que o conhecimento básico da região não é menor do que no passado, e ainda será um tema atualizado no cenário da globalização, configurando-se como uma área decisiva de análise. Mesmo no caso de homogeneização pela integração capitalista e suas conexões, tentando estender seus lucros na sociedade, a região ainda permanece única, distinguindo-se do global como um todo. Já Lencioni (1999, p. 194) reflete que:

A escala regional, como escala intermediária de análise, como mediação entre o singular e o universal, pode permitir revelar a espacialidade particular dos eixos sociais globais, nesse sentido, o regional pode se reabilitar frente ao global, como particularidade da globalização e, assim, a própria noção de região se reabilita.

Levando em consideração os pressupostos desta ideia citada, assumimos que a região é uma realidade, um fato espacial, e existe como um fenômeno geográfico. No contexto desta pesquisa deve-se analisá-la, o que permite compreender diversas nuances e/ou dinâmicas espaciais e, assim, também compreender a interpretação da mídia jornalística sobre as questões dos sujeitos sociais no campo do estado de Mato Grosso.

### **3.2.2 O Território Mato-grossense**

O conceito de território permite examinar os mecanismos envolvidos na constituição do espaço mato-grossense, bem como os elementos envolvidos nas questões fundiárias relacionadas às questões regionais.

Nesse contexto, a categoria território tem suscitado intensas discussões teóricas no espaço da ciência geográfica, nas universidades, bem como nos movimentos sociais na busca de uma política participativa para servir aos interesses de diferentes grupos associados à luta para conseguir a terra para sua produção e reprodução de vida.

Corroborando a temática, Haesbaert (2010, p. 166) afirma que,

[...] o território se define mais estritamente a partir de uma abordagem sobre o espaço que prioriza ou que coloca seu foco, no interior dessa dimensão espacial, na “dimensão”, ou melhor, nas problemáticas de caráter político ou que envolvem a manifestação/realização das relações de poder, em suas múltiplas esferas.

Segundo Raffestin (1993), o território refere-se tanto ao poder no sentido concreto, de dominação, quanto ao poder no sentido mais simbólico de apropriação espacial. Contudo, também como um campo de forças interconectadas entre as mais diferentes manifestações econômicas, culturais, ambientais e entre os grupos que contestam áreas e anunciam o controle de dominação capitalista em suas transformações espaciais. O território e o poder são inseparáveis e também configuram um campo de forças interligado com a relação de poder que age sobre o sujeito no espaço que produz diferentes tipos de territórios, os quais dependem das

distintas formas de poder que surgem no espaço. Falar de território remete à noção de limite, contudo, é preciso levar em consideração que esse não pode ser o único pressuposto para o surgimento de um território.

Para Saquet (2013), o território é conceituado em relações de poder, ou seja, nas relações de poder de classe dominante em exploração e apropriação. O poder

[...] significa, nessa perspectiva, relações sociais conflituosas e heterogêneas, variáveis, intencionalidade: relações de forças que extrapolam a atuação do Estado e envolvem e estão envolvidas em outros processos da vida cotidiana, como a família, as universidades, a igreja, o lugar de trabalho etc. O desvendamento das relações de poder e da ideologia se faz fundamental porque, nesta, age-se na orientação e construção do *eu*, do indivíduo, integrando-se à dinâmica socioespacial através das mais distintas atividades da vida em sociedade. A ideologia molda comportamentos e atitudes, condiciona normas e regras e vice-versa. O território, nesta multidimensionalidade do mundo, assume diversos significados, a partir de territorialidades plurais, complexas e em unidade. E esta é uma questão fundamental, que marcou a *redescoberta* do conceito de território sob *novas* leituras e interpretações: mudam os significados do território conforme se altera a compreensão das relações de poder (Saquet, 2013, p. 32).

Santos (2003) concorda com a leitura de que o território é visto de forma delimitada. Assim, construído e desconstruído de relações de poder, envolvendo uma sucessão enorme de atores que territorializam suas ações por longo período, bem como as diferenças das relações sociais em um jogo de poder cada vez mais concentrado e mais complexo. Para Saquet (2007a, p. 58), o território é construído e “[...] é produto do processo de apropriação e domínio social, cotidianamente, inscrevendo-se em um campo de poder, de relações sócio espaciais”.

Portanto, de acordo com Saquet (2008), a escala da cultura pode ser considerada na composição do território, o que significa que o conceito de território é contínuo, vem de uma regra política mais específica e operacional para um uso simbólico mais subjetivo e cultural e “[...] é produto de tramas que envolvem [...] as relações sociais e a natureza exterior ao homem; é objetivo-material e subjetivo-imaterial ao mesmo tempo”. (Saquet, 2008, p. 88). Assim, o território é fluxo, permeado por articulações sociais, conflitos, movimentos sociais, cooperações, concorrências e coesões, mudanças e permanências.

O território imaterial pertence ao mundo das ideias, das intencionalidades, que coordena e organiza o mundo das coisas e dos objetos: o mundo material. A importância do território imaterial está na compreensão dos diferentes tipos de território material. Nós transformamos as coisas, construímos e produzimos objetos na produção do espaço e do território. Penso o território imaterial a partir da mesma lógica do território material, como a determinação de uma relação de poder (Fernandes, 2009, p. 15).

O território entendido por Santos (2008), que descreve a era atual como um período da ciência da tecnologia da informação, é caracterizado pela combinação do conhecimento tecnológico e da ciência, que propicia o surgimento da economia mundial e da expansão do meio ambiente. Territórios e localidades passam a ser restringidos por interesses globais; em geral, são as grandes empresas que determinam as normas do território e os valores locais. Portanto, o mercado cultural incentiva a homogeneização de gostos, costumes, tradições, línguas e padrões de consumo.

Para Haesbaert (2002, p. 39), os territórios modernos por excelência, os do Estado-nação, são marcados por uma “comunidade imaginada” calcada na figura de um indivíduo nacional universal, capaz de impor-se sobre as diversas “comunidades” baseadas na diferenciação étnica dos grupos sociais. Isso significa que o território nacional reinventa-se, na medida em que recebe carga identitária que apresenta desigualdade tradicional, isso é, ao mesmo tempo que é desterritorializado da sua antiga identidade é logo reterritorializado política e culturalmente por uma nova identidade.

No entanto, Haesbaert (2005, p. 03) acredita que “[...] mais do que a desterritorialização desenraizadora, manifesta-se um processo de reterritorialização espacialmente descontínuo e extremamente complexo”. Assim, esses processos de (multi) territorialização precisam ser compreendidos especialmente pelo potencial de perspectivas políticas e culturais que se manifestam no espaço geográfico.

Nesse sentido, embora o conceito de território geralmente esteja associado ao de poder, seja sobre o poder público do Estado, seja do privado, hoje os conceitos de identidade e de carga cultural se expandiram. Haesbaert (2002) identificou três vertentes básicas em relação à noção de território. Assim, explana sobre a vertente política, cultural e econômica,

A política (referida às relações espaço-poder em geral) ou jurídico-política (relativa também a todas as relações espaço-poder institucionalizadas): a mais difundida, onde o território é visto como um espaço delimitado e controlado, através do qual se exerce um determinado poder, na maioria das vezes - mas não exclusivamente - relacionado ao poder político do Estado. Cultural (muitas vezes culturalista) ou simbólico-cultural: prioriza a dimensão simbólica e mais subjetiva, em que o território é visto, sobretudo, como o produto da apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido. Econômica (muitas vezes economicista): menos difundida, enfatiza a dimensão espacial das relações econômicas, o território como fonte de recursos e/ou incorporado no embate entre classes sociais e na relação capital-trabalho, como produto da divisão "territorial" do trabalho, por exemplo (Haesbaert, 2007, p. 40).

Sendo assim, Santos (2008) reitera que território é espaço físico mais identidade humana, indicando a importância da organização das relações sociais para a formação do território. Dessa maneira, as relações sociais ocorrem entre os mais diversos grupos, compartilham o mesmo espaço em momentos diferentes, o que permite aparecer um novo campo de territorialidades.

O território é formado pelo espaço, que é o resultado das ações realizadas por atores sintomáticos (atores realizando procedimentos) em qualquer nível. Ao ocupar o espaço de forma concreta ou abstrata, os atores irão regionalizar o espaço. Nessa perspectiva, o território é um espaço onde o trabalho foi planejado, seja ele energético, seja informativo, revelando, portanto, a relação marcada pelo poder. O espaço é uma prisão primitiva e o território é uma prisão construída pela humanidade para si mesma. Embora esse conceito de território se popularize cada vez mais na geografia, tem se tornado objeto de algumas críticas que não evidenciam os conflitos e as contradições nas relações sociais referentes aos movimentos dos agricultores camponeses e à produção no processo de ocupação do território (Raffestin, 1993).

Já Fernandes (2008, p. 14) aponta que os territórios camponeses

[...] necessitam de políticas de desenvolvimento a partir da lógica do trabalho familiar, cooperativo ou associado, para a produção de diversas culturas para os mercados locais, regionais e nacional e para exportação. Enfatizando, novamente, cada território precisa produzir políticas de acordo com sua lógica, seu modo de produção. A ação do agronegócio em territórios camponeses rompe a territorialidade camponesa e cria a subordinação, expressa pela territorialidade do agronegócio. As políticas dos territórios camponeses não podem,

portanto ser elaboradas a partir da lógica do agronegócio. As políticas públicas com esses princípios devem ser elaboradas preferencialmente pelos movimentos camponeses, sindicatos e suas confederações. A participação do governo é importante, mas não pode ser intrusiva [...].

Essa visão permite compreender que o território mato-grossense é tanto um espaço de conflito quanto de resistência. Isso porque os diferentes grupos sociais que aqui vivem têm diferentes modos de produção e reprodução de vida e o uso da terra é o sentido do território que envolve diferentes lógicas territoriais, baseando-se em sujeitos sociais (agricultura familiar, movimentos sociais, MST *etc.*) e em constatação do caráter de territorialidade do agronegócio na expansão da monocultura da soja no estado.

Essas são algumas das concepções que norteiam o debate sobre região e território. Nesse contexto, a discussão sobre as duas categorias revela-se de suma importância para a realização desta pesquisa, pois nos permite compreender o estado de Mato Grosso, evidenciando como a mídia jornalística aborda/apresenta a luta dos povos do campo, bem como os conflitos sociais, coadunando com a veiculação de informações com impactos, tendo em vista abordagens sensacionalistas sempre a favor do grande.

### **3.3 Dilema da questão agrária no Brasil**

*A reforma agrária só prejudica a uma minoria de insensíveis, que deseja manter o povo escravo e a nação submetida a um miserável padrão de vida.*

(João Goulart).

Percebe-se que a questão agrária remete a assuntos problemáticos de norma social, econômica, política e cultural no primórdio da herança histórica, rejeitada pelo processo de colonização e apropriação das terras feitas pelos portugueses, por meio das capitânicas hereditárias/sesmarias, em que grandes extensões de terras foram doadas a particulares que tivessem recursos. Então, criou-se na essência da sociedade brasileira o desejo de se livrar da dominação, exploração e injustiça social

que ainda se inscrevem no âmbito do país (Ferreira, 2012). É nesse contexto que se segue a questão agrária.

Santos (2012, p. 31) afirma que:

A questão agrária é, em termos gerais, consequência de uma política de má distribuição fundiária, que historicamente propiciou a segregação dos meios de produção dos trabalhadores. Esta segregação em contrapartida acaba por beneficiar uma parcela menor de pessoas, tornando o processo de desenvolvimento social e econômico restrito aos detentores de capital. Aumenta então a lacuna entre classes sociais, o que gera insatisfações, o que implica em conflitos que por sua vez são remediados com políticas governamentais. Tais políticas que deveriam ser criadas para beneficiar a sociedade de forma mais ampla, acabam novamente beneficiando a classe mais privilegiada.

Assim, a questão agrária elencada no país está enraizada devido a diversos fatores contraditórios, como a exploração, opressão, desigualdade e injustiça, decorrentes da terra submeter-se ao controle do mercado da produção de monoculturas. Girardi (2015) menciona que a origem e a essência da questão agrária estão na concentração da terra e do poder político-econômico que visa ao desenvolvimento do capitalismo, tendo como principal consequência o empobrecimento e a desintegração do campesinato. Ainda segundo o autor, a concentração da terra fere o princípio de que a terra é a fonte única e básica da existência humana e, por isso, deve ser considerada um bem especial e de interesse coletivo, antes de ser submetida à propriedade privada.

Silva (1980) ressalta que a resistência do agricultor camponês é uma luta de longo prazo e que após a aquisição da terra outras lutas começam. Essa é uma luta pela sobrevivência da família na terra, luta pelo crédito e pela infraestrutura que torna viável a vida nesse espaço.

A questão agrária no país coloca em destaque as contradições de um país que se formou por meio de uma colonização perversa, que colonizou as mentes das pessoas que aqui vivem. Nesse sentido, uma educação *decolonial* é preciso para quem sabe, lutar contra a exploração da terra que visa ao controle da produção do mercado, bem como da produção de monocultura.

Para Cosme (2016), a questão agrária está relacionada aos benefícios do campo e da cidade, isso é, a reforma agrária é um processo que não deve ser considerado como uma solução para os problemas apenas do campo, mas também faz parte da solução de muitos problemas que assolam as cidades de hoje. Oliveira (2001) afirma que, hoje, o Brasil propôs assentamentos de reforma agrária pelo governo e ele usa os assentamentos como medida paliativa para que possa minimizar problemas nessa área e adiar a tão esperada reforma agrária. Por isso, os trabalhadores, tanto do campo quanto do urbano, se unem por uma reforma agrária justa e igualitária, pois a união faz a força, ou seja:

A reforma agrária é agora uma bandeira de luta política capaz de unificar não só os trabalhadores do campo, mas inclusive de se estender aos trabalhadores urbanos. A reforma agrária começa a se apresentar hoje como uma luta pela transformação da própria sociedade brasileira para um outro sistema, onde o trabalhador não só trabalhe, mas também se aproprie dos frutos do seu trabalho (Silva, 1980, p. 41).

Nessa concepção, Oliveira (2007, p. 66) define:

A reforma agrária constitui-se em um conjunto de ações governamentais realizadas pelos países capitalistas visando modificar a estrutura fundiária de uma região de um país todo. Ela é feita através de mudanças na distribuição da propriedade e ou posse da terra e da renda com vista a assegurar melhorias nos ganhos sociais, políticos, culturais, técnicos, econômicos e reordenação do território [...].

Portanto, a reforma agrária é um processo clássico de redistribuição de riqueza e combate às desigualdades extremas. Existe desde os tempos antigos por sua importância e intensidade em diferentes países, sendo marcada por uma série de fatores demográficos, econômicos, sociais e políticos. O século XX é tido como a era da reforma agrária.

No início desse século, para Carter (2010), o debate sobre a questão agrária trouxe novos e antigos conteúdos, podendo-se usar como referência as formas de resistência dos trabalhadores na luta pela terra e a intensificação dos assentamentos no campo. No entanto, no cerne dessa fase está o debate contínuo, com discussões políticas envolvendo vários projetos de desenvolvimento local.

Desse modo, Fernandes (2001, p. 21) aponta que,

O atual governo vem tentando implantar o que denominou de "Novo Mundo Rural". Nesse programa, o governo reconhece a importância dos pequenos agricultores para o desenvolvimento do campo e cria um conjunto de políticas para tratar da questão agrária. Todavia, essas políticas têm o capital e o mercado como principais referências, de modo que procura destituir de sentido as formas históricas de luta dos trabalhadores. A luta pela terra, que tem como princípio o enfrentamento ao capital, defronta-se com esse programa, por meio do qual pretende convencer os pequenos agricultores e os sem-terra a aceitarem uma política em que a integração ao capital seria a melhor forma de amenizar os efeitos da questão agrária.

Nessa mesma linha, Prado Jr. (2000) defende essa ideia há mais de cinquenta anos atrás que, a desigualdade extrema perpetua-se na sociedade, contribuindo, por exemplo, para o enfraquecimento da democracia política. Por conseguinte, produz, entre outras, distorções das contradições nas regras do jogo político, bem como as distribuições “[...] fraudulentos de indenizações milionárias, o governo vem abandonando a sua competência determinada pela Constituição, em fazer a reforma agrária”. (Fernandes, 2001, p. 22). Isso significa “[...] que é preciso reconhecer e dar visibilidade as lutas e as resistências que historicamente são protagonizadas pelo campesinato e demais sujeitos do campo no Brasil” (Cosme, 2016, p. 08), e que essa jornada dos camponeses também deixou uma marca profunda na vida deles, que lutam contra os latifúndios, a exploração e a desigualdade, ou seja, lutas centradas no território do Brasil agrário.

Para Girardi e Fernandes (2013, p. 41),

Contraditoriamente à territorialização do agronegócio, o território da luta pela terra também se territorializa, fazendo enfrentamento, sobretudo, a partir da realização de ocupações de terra, o que resulta na criação de assentamentos rurais. Essa luta se dá a partir da desterritorialização do campesinato pelo agronegócio a partir do processo de desapropriação sofrido pelo campesinato. A luta pela terra através das ocupações de terra é o principal instrumento utilizado pelos movimentos socioterritoriais para que tenham acesso à terra. A principal reivindicação desses movimentos é a realização da reforma agrária e a desapropriação de terras que não cumprem sua função social de produção e que praticam crimes ambientais e utilizam o trabalho escravo. A criação de assentamentos rurais é fruto direto da

pressão realizada pelos movimentos socioterritoriais através das ocupações e outras manifestações de luta, tais como as marchas.

A ideia do agronegócio tornou-se um radicalismo dessa visão em que a agricultura perde importância e a indústria não se refere às unidades industriais locais, mas aos grupos que a controlam e são usados como uma referência em forma de gestão empresarial.

Fernandes (2013) destacou que o agronegócio era um termo novo na década de 1990, e tentar mudar a imagem tradicionalista da agricultura capitalista também é uma construção ideológica. A imagem dos latifúndios é de exploração, trabalho escravo, alta concentração de terras, coronelismo, escravidão, atraso político e econômico. Portanto, esse é um espaço que pode ser ocupado para o desenvolvimento nacional. O latifúndio está relacionado à terra que não pode ser produzida e pode ser usada para a reforma agrária.

Girardi (2015), em seus estudos, destaca que, desde que se leve em conta a questão agrária em um conjunto de políticas participativas que priorizem as relações sociais das famílias e comunidades e seus territórios, os problemas da questão agrária podem ser minimizados e transformados em políticas de desenvolvimento. Mudar o processo de desenvolvimento de exclusão e desigualdade desse país, transcender a utopia do paradigma capitalista do agronegócio é uma condição necessária para a solução desse problema. Basta lembrar que, a experiência recente na construção de políticas públicas comprova que a participação pública é essencial para o sucesso dessas políticas.

Portanto, considerando a atual questão agrária no Brasil, especialmente os temas e condicionantes da reforma agrária (agricultura, agricultores, agronegócio *etc.*) faz-se necessário ter presentes mudanças nas estruturas sociais e políticas, priorizar a classe trabalhadora rural e urbana na construção de projetos populares eficazes, bem como a construção de um modelo de agricultura camponesa que priorize a produção de alimentos saudáveis, distribuição de terra e renda no país e, por fim, uma política de governo que beneficie toda a sociedade (Fernandes, 2008).

### 3.4 Contextualizando a questão agrária em Mato Grosso

*Sem luta não há progresso. Aqueles que professam em favor da liberdade, e ainda depreciam a agitação, são pessoas que querem ceifar sem arar a terra. Eles querem chuva sem trovão e raios. Eles querem o oceano sem o terrível bramido de suas muitas águas. Esta luta pode ser moral; ou pode ser física; ou pode ser ambas, moral e física; mas deve ser uma luta. O poder não concede nada sem demanda. Nunca concedeu e nunca concederá.*  
(Frederick Douglass, 1849, líder abolicionista norte-americano).

Como já mencionamos antes, a história do Brasil é marcada por lutas sociais, muitas das quais levam à violência. A questão agrária está relacionada com a propriedade da terra e, portanto, com a concentração, expulsão e exclusão dos trabalhadores migrantes, que envolve: agricultores e trabalhadores migrantes; luta pela terra, pela reforma agrária e resistência à terra; extrema violência contra os trabalhadores; produção, abastecimento agrícola e suas normas técnicas; políticas e mercados agrícolas; áreas rurais e urbanas; qualidade de vida e dignidade humana. Por todas essas razões, a questão agrária inclui aspectos econômicos, sociais e políticos (Ferreira, 2012).

Nesse sentido, Santos (2012, p. 29) argumenta que,

Assim como não se pode utilizar o termo agropecuária de forma genérica, também não se pode achar que a questão agrária tem um manual, com início, meio e fim, onde tudo é explicado de forma simples. A questão agrária sofre variações desde seu surgimento e tem seu próprio tempo com suas próprias características, ou seja, cada época tem sua própria questão agrária com suas peculiaridades. Assim, desde seu surgimento, questões diversas vêm contribuindo para o que seria a questão agrária dos dias atuais. Portanto não é simples definir questão agrária sem identificar os atores, a política praticada, a economia, e muitas outras variáveis de uma determinada época.

Assim, de acordo com Martins (2003), faz-se necessário implantar um novo modelo político diferenciado, que envolva concepções de progresso, desenvolvimento da economia, para que se possa realizar a reforma agrária não de forma compensatória, mas como uma política de desenvolvimento territorial, em que seja desconcentrada a estrutura fundiária e a utilização da terra no Brasil beneficie,

principalmente, aqueles que realmente precisam dela para produzir e usufruir; que seja concebida como espaço de vida e trabalho; que não se constitua apenas como um simples negócio, mas que possibilite aos trabalhadores produzirem e se apropriarem dos frutos do seu trabalho, como um território camponês. (Silva, 1980).

Nessa perspectiva, é importante reconhecer que a questão agrária é um componente estrutural do capitalismo, bem como, fruto de uma política de distribuição inadequada de terras. Para Cosme (2016, p. 19), costuma ser o isolamento dos meios de produção dos trabalhadores, e vale a pena ser mencionado como problema da sociedade brasileira como um todo, porque:

[...] a Questão Agrária está conectada aos interesses do campo e da cidade, ou seja, a Reforma Agrária é um processo que não é para ser visto como solução para os problemas apenas do campo, mas também faz parte e contribuirá na solução de muitas mazelas que hoje afligem as cidades.

Ainda segundo o autor, é possível, e precisa realmente, unificar os trabalhadores rurais e urbanos e a luta pela reforma agrária para que ela realmente se adapte aos verdadeiros interesses da maioria da sociedade brasileira (ou seja, da classe trabalhadora) e ajude a superar a hegemonia atual nesse campo do modelo agrário do agronegócio e garantir a sobrevivência e reprodução dos agricultores camponeses.

No caso específico de Mato Grosso, a situação também é agravante, pois o Estado é considerado território do latifúndio, da monocultura e do agronegócio. Portanto, tomando o caso específico de Mato Grosso, é preciso considerar que as famílias camponesas trabalharam no desbravamento do campo para estabelecer a agricultura tradicional, sem conseguir permanecer na *sua* terra, sendo ameaçadas e/ou expulsas, de forma que as terras foram convertidas em grandes propriedades.

Nesta perspectiva, Mato Grosso, ampliou a concentração de terras em mãos de uma elite aristocráticas que, historicamente, concentrou terra e poder nas mãos dos coronéis, nunca houve intenção de uma política fundiária baseada em distribuição da terra para a agricultura camponesa ou familiar. Nunca tivemos uma política do governo de incentivo ao desenvolvimento da produção familiar onde são os maiores

fornecedores de alimentos básicos da população do país. Compartilhamos da tese de Moreno (1999, p. 73-74) quando afirma que:

Na realidade, a expansão da pequena propriedade, naquele momento histórico, mostrava ser utópica, uma vez que toda a política fundiária estadual estava voltada para a expansão da grande propriedade adequada ao sistema produtivo vigente vinculada aos interesses oligárquicos. Os governantes tentavam conciliar a expansão da pequena produção, a partir de uma colonização espontânea, sem que o Estado arcasse com o ônus econômico e sem riscos políticos às suas lideranças. Mesmo investindo numa propaganda oficial, dentro e fora do país, e estendendo a concessão gratuita de terras devolutas para qualquer parte do Estado, com menos tempo (1 ano) para a outorga do título definitivo, os resultados foram inexpressivos. Os números disponíveis mostraram que, de 1889 a 1930, foram efetivadas 152 concessões gratuitas, para um total de 4.814 hectares alienados no mesmo período. Isto significou menos de 1% do total da área regularizada no mesmo período.

Portanto, a este respeito, os interesses das elites agrária não interromperam seus interesses pelo acesso à terra no estado, pois,

Desde 1892, os diversos governos de Mato Grosso vêm estimulando e favorecendo o acesso a grandes porções do território, seja por latifundiários, capitalistas individuais ou por grupos econômicos e empresas agropecuárias e de colonização (Moreno, 1999, p. 68).

Ou seja, de acordo com esses documentos, extensos direitos de propriedade sobre terras devolutas no controle do estado e foram reconhecidos por um decreto, no qual foi promulgado por meio de propriedade legal de grandes propriedades de terra às elites capitalistas no estado.

Moreno (1999, p.70) ainda ressalta que,

No caso do Mato Grosso, tais fenômenos foram recorrentes na história legal da terra. A complacência dos governadores estaduais com relação aos abusos cometidos pelos particulares na apropriação de terras devolutas, revelou-se também na legalização dos excessos de área incorporados ao título de domínio original, acima do permitido por lei. A Legislação Estadual de Terras previa a incorporação de terreno devoluto contíguo aos terrenos ocupados, desde que não excedessem à área cultivada e deveriam possuir, no máximo, 150 ha. Este dispositivo foi generalizado e aplicado também às alienações de terras feitas pelo Estado após 1892. Assim, da expedição do título provisório até a expedição do título definitivo, as áreas aumentavam

consideravelmente de tamanho, chegando algumas a atingir mais de 15.000 ha. A soma dos excessos das áreas regularizadas chegou a ser superior à soma das áreas constantes dos títulos primitivos de domínio. Entre 1889 e 1929 verificamos que para 910 títulos definitivos que foram expedidos registrou-se de 650.877,50 ha de área legal e 4.294.216,00 ha de área em excesso. As propriedades foram tituladas com áreas médias superiores a 5.000 hectares.

Devido a esses acontecimentos, houve, então, divisões dessas famílias, que voltaram para seus lugares de origem, nos estados do Sul, Sudeste e Nordeste. Outra parte avançou para o norte do estado e concentraram-se na fronteira agropecuária, possivelmente, repetindo a mesma história. Poucas famílias passaram a fazer parte de movimentos camponeses em busca de terras. Ainda outras famílias dispersaram-se e, assim, contribuíram para o crescimento das periferias da capital Cuiabá e, de certa forma, das cidades médias do interior de Mato Grosso (Girardi, 2015).

Sobre essa ótica, tem-se a importante contribuição dos estudos de Silva (2014, p. 91), quando diz que

[...] o histórico do Estado de Mato Grosso explicita não só o açambarcamento da terra e do poder pela classe dos proprietários de terras, que, na atualidade, por meio de alianças com outros segmentos dominantes vai redesenhando sua relação de posse e uso da terra, porém sem perder a característica fundante que é a concentração da terra em poucas e privilegiadas mãos. Mas, também, a luta dos trabalhadores rurais/camponeses pela democratização do acesso à terra e combate ao latifúndio, ou seja, a luta pela Reforma Agrária e, conseqüentemente, pelo entendimento do campo como espaço próprio da vida e de realização humana.

Segundo Oliveira (2010), os agricultores insistem em entrar na terra e tornarem-se proprietários no campo. Eles se esforçam para permanecer na terra para produzir alimentos de alta qualidade, indispensáveis na mesa da sociedade, do país. É nessas contradições que tem havido um movimento social que luta pela conquista de um pedaço de terra rural, pelo direito à conquista de uma reforma agrária justa e igualitária. Em consequência dessa reforma, houve conflitos sociais, violência e lutas sangrentas entre o Brasil e o Estado de Mato Grosso.

Portanto, a esse respeito, Silva (2014, p. 89) explica:

Percebe-se então que em Mato Grosso o campo é compreendido apenas como espaço de investimento e especulação, pois apesar de grande parte de suas terras serem agricultáveis, existem poucas áreas

destinadas às pequenas propriedades, principalmente quando se considera as “áreas ocupadas”. Isto quer dizer que, nenhuma prioridade foi dada aos camponeses para o plantio de produtos de subsistência familiar, como também não há a preocupação em proporcionar condições para que os camponeses permaneçam no campo. Portanto, o que prevalece no Estado são as grandes propriedades, os latifúndios, que “exportam, geram divisas para o país e proporciona alimentos de melhor qualidade”.

Calaça (2013) destacou que a luta dos agricultores camponeses é um dos entraves às disputas por terras, seus estilos de vida e a forma de produzir no diferencial do agronegócio, e a resistência, sem dúvida, é garantir seu futuro, a sustentabilidade e o desenvolvimento sustentável no campo. Além disso, os agricultores cultivam diversos alimentos saudáveis, sendo um dos maiores criadores de trabalho familiar e sua produção não é apenas voltada para o mercado, mas também para a sobrevivência da família, sendo o restante destinado ao comércio.

A existência de território camponês decorre dos obstáculos contraditórios ao modelo de desenvolvimento do capitalismo. Tal modelo impõe relações de poder e envolve interesses políticos. Isso constitui dois conceitos distintos. Um refere-se à empresa de agronegócio, que se baseia nas finanças, ou seja, o capital é baseado e usado para a agricultura de plantio único. Por sua vez, a diversificação da produção agrícola saudável e o desenvolvimento sustentável da sociedade e do meio ambiente dão suporte à agricultura dos camponeses.

[...] é preciso desvendar a produção do espaço sob a dominação da grande propriedade, agora não mais aquela que já na aparência se mostrava arcaica (o grande latifúndio), mas a grande propriedade unida ao capital (o agronegócio). Essa modernização da agricultura produz um espaço-tempo característico do processo de produção do que hoje se denomina o “agronegócio” revelado nas formas das cidades novas (sem história, pois produzidas segundo a lógica da produção econômica), das lavouras (imensas plantações homogêneas), dos equipamentos (máquinas, aviões, etc.), das relações sociais determinadas pelo ritmo da reprodução econômica (a esfera do financeiro mundializado se imiscuindo nas relações de proximidade). Ao mesmo tempo, refletir sobre a questão agrária implica em pensar a luta pela terra, que traz à tona os conflitos e contradições da posse da terra no Brasil. A luta histórica dos movimentos sociais do campo nos escancara a dimensão cotidiana de enfrentamento da mediação abstrata da propriedade privada da terra como condição fundamental da posse, com a transformação do sentido da terra de terra de vida e de trabalho (caso dos camponeses

e indígenas) para a terra como meio de reprodução do capital (caso do agronegócio) (Padua, 2014, p. 42).

Ainda segundo esse autor, hoje, Mato Grosso é uma das fronteiras da prática representada e revelada no processo de produção e reprodução do espaço no Brasil. A fronteira marcada pelas lutas de longo prazo pela resistência dos movimentos sociais rurais ao desenvolvimento do capitalismo moderno (empresas agronegócios) domina a sua produção de forma monopolista, desigual e contraditória. Começa pelo princípio do desenvolvimento capitalista, que trouxe como resultado a expansão do campo inserida de forma heterogênea, complexa e diversa. Na verdade, isso é o oposto daqueles considerados como expansão homogênea, em que a autenticidade plena do trabalho pago é interpretada como um aspecto primitivo do capitalismo moderno.

[...] Mato grosso foi marcada pela consolidação dos projetos de colonização, intenso processo de desflorestamento e ampliação do agronegócio de grãos através de incentivos das políticas agrícolas federais e da abertura de novas áreas no cerrado e na amazônia mato-grossense. O agronegócio de grãos se consolidou na região sudeste do estado, principalmente em campo verde, primavera do leste e rondonópolis; na área de influência da br-163 entre nova mutum e sinop e; na região do parecis. Essas regiões apresentaram o maior crescimento demográfico no estado na década de 1990. De meados da década de 1990 até meados da década de 2000 os movimentos sociais camponeses, principalmente o MST, intensificaram sua atuação no estado, em especial no sul, onde também passaram a ser criados os assentamentos em terras desapropriadas, diferentes dos assentamentos mais antigos do norte do estado (Girardi, 2015, p. 07).

Sob essa premissa, Fernandes (2008), Girardi (2015), Oliveira (2010), Stédile (2005), entre outros, são unânimes em afirmar que, na atualidade, o agronegócio é responsável pela expansão da conflitualidade, assim, amplia o controle sobre o território e as relações sociais, promove injustiças e desigualdades sociais e impulsiona a exclusão pela intensa produtividade.

Isso porque o agronegócio é visto como responsável por grandes produções no campo, onde as propriedades de monocultoras empregam tecnologia avançada e usam pouca mão de obra, no entanto, sabemos que isso é discurso da própria mídia, pois tudo o que a grande propriedade produz são *comodities* que são vendidas no mercado internacional, nada ou pouco ficam no país e ou em Mato Grosso. O que fica

para nós no estado de Mato Grosso dessa produção? Fica os impactos no ambiente e muita pobreza. Hoje vivemos um calor que já está se tornando insuportável e estamos vendo a floresta, o pantanal e a chapada serem consumidos em fogo criminoso. Infelizmente essa produção de grande escala (*commodities*) é vendida diretamente para o mercado externo ou para as grandes agroindústrias com um só objetivo, lucrar. Para Martins (2017, p. 190).

Centrada na produção de *commodities* e, portanto, na produção em escala, que só se viabiliza pela monocultura, com relações sociais de assalariamento, determina uma matriz tecnológica demandadora de capital, poupadora de mão de obra e destruidora da biodiversidade. Esta matriz tecnológica é centrada na mecanização pesada, no intenso uso de insumos químico-sintéticos e na aplicação de sementes transgênicas.

Portanto, o agronegócio, hoje, em seu discurso hegemônico, considera a ajuda na produção de alimentos, ou seja, essa seria uma solução ideal para erradicar a fome no mundo, e não haveria necessidade de se preocupar com solo, desastres naturais e com as famílias camponesas que cultivam seus próprios produtos de subsistência em pequena escala. Nesse sentido, pensar no bem estar social das pessoas a partir de um modelo de agricultura saudável diferenciado do agronegócio, modelo agrícola com forte força econômica e disseminação em todo o Brasil e que está consolidado no interior do estado de Mato Grosso (Rocha, 2017).

Para Camacho (2012), o agronegócio produz lucro para o seu dono; coloca alimento nos mercados para valor de uso de outrem. Há setores em que a agricultura familiar é instrumentalizada pela cadeia do agronegócio para viabilizar seus lucros; inclusive utilizando tecnologias nos moldes agroquímicos. Ainda o autor complementa que o agronegócio é redundante ao gerar lucro, automaticamente, o capitalista multiplica seus patrimônios, mas, esconde essa posição multiplicadora de seus bens. E, perpassa a falsa realidade de que é um modelo de produção de alimentos viável para toda a sociedade. Segundo o autor, isso é inverdade, pois os pequenos agricultores camponeses são os que produzem realmente os alimentos saudáveis na mesa para a população brasileira.

Na realidade, o agronegócio é bárbaro, excludente e destruidor das biodiversidades do maior bem que é a natureza, e são fatos concretos e expostos para a sociedade, que fazem vista grossa. E, a mídia só veicula que o “Agro é Tech, Agro

é Pop, Agro é Tudo", "Tudo vem do Agro"<sup>4</sup>, como se o agronegócio fosse tudo, a solução para a sociedade, inclusive o melhor modelo para adquirir alimentos saudáveis. É a lógica do capital. Além da ideologia errada, também estamos à mercê dos principais veículos de comunicação de massa. Esses meios de comunicação manipulam informações para prejudicar os movimentos sociais dos agricultores e o MST. Eles buscam estabelecer outro modelo de uso correto da terra no meio rural, sem uso de agroquímicos na produção de alimentos, e que se produzam alimentos saudáveis para cada população deste país. (Carter, 2010).

Como já vimos antes, pensar a questão agrária e, em especial, o tema da reforma agrária e seus condicionantes (agricultura, campesinato, agronegócio *etc.*), no Brasil e em Mato Grosso, requer pensarmos em mudanças na estrutura social e política; na construção de um projeto popular que priorize a classe trabalhadora tanto do campo como da cidade; na construção de um modelo de agricultura que priorize a produção de alimentos e a distribuição de terra e de renda no país (MST, s/d) e em políticas governamentais que beneficiem a sociedade como um todo de forma mais ampla e igualitária.

Nesse caso, a mídia jornalística, historicamente, surge como paradigma de mercado para obtenção de lucro. Como diz Ferreira (2012, p. 85),

A partir de meados do século XX, impõe-se progressivamente o paradigma do mercado, cujos critérios de lucro e competitividade tendem a substituir a natureza histórica da humanidade. Aos poucos, uma visão de mundo comprometida com a supremacia da instância econômica sobre a política começa a surgir e as "novas tecnologias" da informação, geradoras de uma ideologia da comunicação universal, começam a se adequar aos mercados financeiros, pois estes passam a constituir o principal modelo de funcionamento da vida social: velocidade, instabilidade, incertezas e caos, parâmetros de um mundo descartável e globalizado. Inseridas na ideologia do neoliberalismo<sup>108</sup>, as sociedades seguiram o caminho de um desenvolvimento em que o ponto final implicaria o paraíso técnico e o consumo de massa. A grande mídia, assim, opera tanto por adesão à lógica globalizada quanto por deter a capacidade única de entrecortar o planeta (MORAES, 2003), por meio das tecnologias modernas que contribuem para o reforço do modelo de produção capitalista. Como exemplo: os

---

<sup>4</sup> Campanha publicitária do Agro, disponível em:

<https://g1.globo.com/economia/agronegocios/video/entenda-a-campanha-agro-e-tech-agro-e-pop-agro-e-tudo-5343997.ghtml>

conglomerados multimídia que foram concebidos dentro desse ideário para exercer hegemonia em todas as pontas da “revolução digital”, uma revolução que se viabiliza em ritmo acelerado e está habilitada a integrar processos, redes e sistemas, multiplicando a capacidade de transmissão de conteúdos.

Nesse sentido, faz-se necessário refletir sobre a produção e a manifestação do discurso da mídia sobre as várias nuances do campo brasileiro, buscando entender qual a imagem e valores estão envolvidos na abordagem que a mídia jornalística faz sobre a questão agrária em Mato Grosso.

## 4. A MÍDIA NO BRASIL E O SURGIMENTO DA MÍDIA EM MATO GROSSO: SUA VINCULAÇÃO COM INTERESSE DE CLASSES

*Os homens que exercem a profissão de jornalista parecem constituídos como os deuses de Walhalla, que se cortavam em pedaços todos os dias e acordavam em perfeita saúde todas as manhãs.*

(Edgar Allan Poe)

### 4.1 A mídia no Brasil

Como mostram os estudiosos, historicamente, a mídia jornalística no Brasil, bem como em Mato Grosso tem funcionado como importante precursora na construção de identidade, da manipulação das notícias publicadas, na formação de ideias, valores e comportamentos. Na maioria das vezes, sendo articuladora de decisão política e influenciadora de opinião da sociedade de forma pejorativa, o que é um fato presente nos dias atuais, não dando margem para que a sociedade tire suas próprias conclusões do que é noticiado.

Desde os primeiros estudos acerca da linguagem humana e suas possibilidades de uso, percebe-se que ela tem sido utilizada para fins de poder (religião e governo). Desse modo, o intuito da retórica é persuadir seu auditório e, para tanto, pode utilizar-se de todos os meios possíveis. Além de pôr em evidência o valor de sua tese – que pode ser real ou aparente – procura conquistar a confiança dos ouvintes apelando a sua emotividade, logo ela não se utiliza somente de meios racionais em suas comunicações.

Nessa perspectiva, a mídia jornalística sempre existiu no Brasil como uma grande aliada nos propósitos de subordinação política, econômica e cultural durante os diversos governos brasileiros (Santos, 2012). A verdade é que a mídia do mundo inteiro age assim. Sobre isso, remetemos à análise de Arbex Jr. (2003, p. 42-43):

No Brasil, a influência da mídia estadunidense é particularmente avassaladora, por uma série de circunstâncias históricas e culturais, que têm a ver, genericamente, com a inserção do país na periferia do sistema capitalista e mais especificamente, nas últimas décadas, com a subordinação geopolítica e econômica aos interesses dos Estados Unidos, primeiro no quadro da Guerra Fria e depois no mundo “globalizado”.

O autor afirma, ainda, como é estarrecedora a facilidade com que a mídia estadunidense dissemina e influencia os conteúdos que veicula/publica/imagem, sendo transmitida para o mundo inteiro. A mídia projetou-se na criação de uma sociedade mundialmente alienada e sem nenhuma base crítica, analisa ele.

Historicamente, a mídia brasileira tem desempenhado um importante papel pioneiro na construção da identidade, manipulação das notícias publicadas, formação de ideias, valores e comportamentos e, na maioria das vezes, como dominadora de decisões políticas e opiniões sociais. Influenciadores depreciativos são fatos existentes hoje, e a sociedade não tem espaço para tirar suas próprias conclusões do que é relatado. É justamente nessas circunstâncias que a mídia noticiosa sempre existiu no Brasil e se tornou uma grande aliada na subordinação política, econômica e cultural de diversos governos brasileiros.

No Brasil, devido a uma série de ambientes históricos e culturais, a influência da mídia dos EUA é particularmente esmagadora, graças a uma série de circunstâncias históricas e culturais, em geral bem sintonizadas com a inserção do país na periferia do sistema capitalista, com mais precisão nas últimas décadas. Ou seja, a subordinação geopolítica e interesses economicamente alinhados beneficiaram os Estados Unidos, primeiro, no contexto da Guerra Fria e depois, no mundo globalizado.

Nessa ótica, Arbex Jr. (2003, p. 41-42) relata:

[...] por uma questão de tradição cultural e de penetração ideológica, já que a comunicação eletrônica surgiu, foi moldada e proliferou nos Estados Unidos, de onde se espalhou pelo resto do mundo, exportando modelos de conduta e percepção dos fatos, conceitos e valores éticos e morais, assim como sistema de controle e de prática dos profissionais da comunicação; pelo prestígio de publicações como *The New York Times*, *The Washington Post* e *The Los Angeles Times*, situados no coração do poder financeiro e político mundial; pelo alcance geopolítico e tecnológico da rede CNN, responsável pela transmissão da maior parte das imagens que o mundo vê, diariamente; finalmente, pelo imenso poder concentrado pelas megacorporações estadunidenses, que controlam os maiores grupos da mídia em escala internacional.

No Brasil, a mídia jornalística consolidou-se como um instrumento eficaz de difusão muito poderoso durante o período da ditadura militar de 1964 e serviu como uma grande aliada nos seus propósitos de subordinação política, econômica e cultural

(Santos, 2012). “Há, no Brasil, uma mídia (TV, jornais, revistas, editoras) sob o absoluto controle de famílias e políticos conservadores e, conseqüentemente, a serviço de seus interesses”. (Ferreira, 2012, p. 92). Nesse período da ditadura, Arbex Jr. (2003) explica que os meios de comunicação se tornaram instrumentos bastante eficazes para os governos brasileiros, possibilitando concessões e financiamentos em prol da modernização. E, nesse cenário, nasce a grande corporação midiática, a Rede Globo, concretizada até os dias de hoje. Vejamos:

A maior rede de televisão do Brasil foi construída durante a ditadura militar (não por acaso, a rede foi inaugurada logo após o golpe militar de março de 1964, em 26 de abril de 1965), tecnicamente orientada pela transnacional estadunidense Time-Life, graças a um acordo abertamente inconstitucional “abençoado” pelos generais. O objetivo era estabelecer o “padrão Globo de qualidade” à imagem e semelhança dos padrões técnicos praticados nos Estados Unidos. A ditadura teve na Rede Globo uma grande aliada, quando se tratou de disseminar uma imagem positiva do regime, de mostrar à classe média as “vantagens” do chamado “milagre econômico” e mesmo de construir uma falsa sensação de “união nacional” em torno do poder (Arbex Jr., 2003, p. 43).

Os meios de comunicação são chamados *jornais burgueses*, conforme Ferreira (2012), e seu papel é apenas manifestar a ilusão de democracia e atuar no controle social. A autora explica que, aliás, a democracia só pode ser submetida sob o controle democrático, especialmente, dos meios de comunicação. Apontou três fatores nos quais o Brasil pode ser o país da burguesia vista no mundo:

Em primeiro lugar, para ganhar dinheiro. É apenas uma fonte de lucros. Em segundo lugar, é articulada de forma oligopólica para controlar o que o povo deve ver e ler. Em terceiro, como dizia Gramsci, nos países periféricos a burguesia não usa partidos políticos institucionais para fazer a luta ideológica. Os partidos institucionais servem apenas para ascensão a cargos públicos [...] (Ferreira, 2012, p. 92).

Ainda, a autora relata que é necessária uma série de medidas construtivas por parte das forças organizadas da sociedade, dos movimentos sociais e dos partidos de esquerda, que, se não participarem dessa luta, podem comprovar a concentração e manipulação da ditadura dos meios de comunicação. Conforme Ferreira, “Há, no Brasil, uma mídia (TV, jornais, revistas, editoras) sob o absoluto controle de famílias

e políticos conservadores e, conseqüentemente, a serviço de seus interesses.” (2012, p. 92).

Para torná-la uma mídia livre, democrática e transparente não precisa ser privada, ou seja, uma mídia comercial, e, essa é a mídia que temos no Brasil. Portanto, com base nas ideias de Ferreira (2012, p. 89):

A grande imprensa comercial costuma autoproclamar-se livre, independente, imparcial e comprometida com uma mídia democrática e transparente, que seja expressão fiel da diversidade social e cultural do país. No entanto, na prática diária, essa mídia expressa, através das pautas, fontes e enfoques, pensamentos e interesses dos setores dominantes na sociedade, especialmente das classes que controlam a economia, a propriedade privada e a riqueza. Mas o que deveríamos esperar dos grandes jornais se eles nasceram sob as bandeiras políticas das elites e foram sustentados, ao longo dos anos, pelos proprietários (latifundiários, empresários e banqueiros) e pelo Estado, também representante – no Império e na República – dos mesmos interesses. Por isso, esses veículos nos fornecem uma leitura parcial dos acontecimentos, porque marcados pelo jogo de interesses econômicos que envolve essas organizações e pelo conteúdo ideológico que elas possam conduzir, construindo consenso em relação a uma determinada visão de mundo [...].

A autora acrescenta que a mídia prioriza a resolução de problemas que contemplem seus benefícios próprios e interesses, como comportamento de *marketing* promocional. O objetivo é alienar o público; portanto, há uma demanda constante de *compra* da ideologia chamada de movimento de mercado, que satisfaz uma pequena parte da sociedade: a burguesia. Os métodos adotados pela mídia capitalista e pela luta popular são apenas mais um dos incomensuráveis acontecimentos semelhantes ocorridos no decorrer da luta de classes. Atualmente, prevalece o neoliberalismo, que visa lucrar a todo custo e acirrar as contradições sociais (Ferreira, 2012). E, isso está acirrado no estado de Mato Grosso.

Arbex Jr. (2003) relatou que, em vários períodos, o meio de comunicação tornou-se uma maneira muito eficaz do governo brasileiro fazer concessões e financiar a modernização. Nesse caso, Santos (2012) adverte que surgiram grandes empresas de mídia, que foram se tornando cada vez maiores para atrair mais públicos, muitas vezes *engolindo* uma concorrência que não tem a mesma força econômica para competir em pé de igualdade com o adversário.

Portanto, o Brasil sempre foi considerado,

[...] terra de forasteiros quando o assunto é o latifúndio midiático dominado pelo oligopólio privado. [...] Não há uma lei geral que discipline a área e democratize a comunicação no país. [...] O código brasileiro de telecomunicações está totalmente desatualizado e só coopera para perpetuar o caos e beneficiar os donos do poder. Isso porque, os proprietários dos grupos midiáticos sempre foram avessos a qualquer tipo de regulação, tachando de censura qualquer tipo de dispositivo que se disponha a reger a área. Um número reduzido de grupos midiáticos controla, de maneira oligopólica, expressiva parcela da produção e da difusão de dados, com larga influência na conformação do imaginário social brasileiro (Ferreira, 2012, p. 94-95).

E mais, a autora acredita que para essas grandes empresas de comunicação não há neutralidade em jogo, pois esses grupos capitalistas são mais propensos a manter uma agenda unificada. Portanto, querem manipular e, muitas vezes, criminalizar os movimentos sociais.

Pode-se dizer, então, que uma das principais características do jornalismo brasileiro e mato-grossense, adotadas pela grande mídia, hoje, é a manipulação da informação para legitimar ou deslegitimar questões sociais, sejam elas afirmativas ou ilegais. Com isso, muitas vezes, levam as pessoas a acreditarem no que seja o melhor modelo de sociedade. Quer dizer, as organizações noticiosas quase sempre não refletem a realidade social e política do país.

Nesse caso, Erbolato (2002) afirma que a atual mídia jornalística funciona como os ouvidos e a visão da população, pois serve para divulgar e informar o leitor/telespectador sobre os cenários dos fatos sociais para a sociedade. A função da verdade dos fatos ocorridos se compromete, portanto, e cria na sociedade:

[...] cidadãos mal informados e conformistas – consumidores e não cidadãos. O discurso midiático contém em si, como parte da visão de mundo que veicula, sistemas de valores que são estereótipos dos comportamentos valorizados, positiva ou negativamente, em nossas vidas (Ferreira, 2012, p. 82).

Assim, Ferreira (2012) e Santos (2012) concluem que o poder da mídia é simbólico e persuasivo, pois tem a capacidade de controlar o pensamento do interlocutor, por meio da difusão de ações simbólicas, distorcendo os métodos de informação indireta, conforme seu discurso, pautadas nos conteúdos vinculados.

Quanto mais limitado o acesso às pessoas de outras fontes de realidade, mais ainda se priva de opinião própria. A mídia, como produto da sociedade capitalista e ferramenta a serviço de direitos e interesses hegemônicos, desempenha um papel decisivo em sua forma social e utiliza suas capacidades de sensibilização, mobilização e desmobilização, de acordo com as conveniências da classe em que está inserida. (Paulino, 2009).

Afirmam unanimemente Rizzotto (2012), Erbolato (2002), Santos (2012), Ferreira (2012), Chinem (2003), Paulino (2009), Souza e Thomas Jr. (2002), entre outros, que hoje os meios de comunicação censurados começam a ter efetivas ações políticas e parciais, comportando-se cada vez mais como agentes sociais de encontros, desencontros, bem como mostrando as diferenças e o reaparecimento do bom senso, integrando tais elementos ao cotidiano da sociedade. Dessa forma, desempenham um papel protetor e mantêm o *status quo*, cujo poder e riqueza estão nas mãos da minoria capitalista que controla o poder político e econômico do país.

Assim, o papel da mídia que é de construir a realidade, fica comprometido com a sociedade capitalista, uma vez que se mostra atrelada às grandes empresas. O império midiático expande-se a contemporaneidade, exatamente por esse poder que ela exerce. Assim, desta maneira, concordamos com Guareschi (2005, p. 63) em:

[...] Pensamos no sistema capitalista, baseado no Ter muito mais do que no Ser, onde os bens materiais constituem aquilo que se é e o que se pode fazer, tudo movimentado pelo motor do consumo. Visto que quem ganha com isto é quem controla a TV e já que ela constrói a realidade, que tipo de valores são passados através de seus conteúdos mediados? Com certeza, não são aqueles que pregam a igualdade, a valorização da pessoa. Pelo contrário, eles agregam e alimentam cada vez mais valores que impulsionam as pessoas para o consumo de produtos por eles mesmos criados e divulgados, servindo até como compensação para suas frustrações.

Nessas afirmações de Guareschi (2005), são os capitalistas midiáticos que sustentam a visibilidades, as informações pautadas nos conteúdos, para chegar nos conhecimentos do grande públicos (leitores, telespectadores, ouvintes), perpassando para os mesmos, uma concepção importante e digna de respeito, quando na verdade é o contrário disso.

Na concepção capitalista os destaques são representados pelo individualismo, materialismo, competição, cobiça, ciúmes, revanches, intrigas, invejas. Tudo isto é constantemente percebido no enredo de qualquer telenovela. E não esqueçamos. Isto é transmitido como verdade: “Assim que devemos agir, assim mesmo que devemos pensar” (Guareschi, 2005, p. 63).

É desta maneira que os grandes donos das mídias perpassam para a população brasileira, fazendo com que acreditem que sejam o modelo de progresso e cultura.

## 4.2 A origem da mídia jornalística em Mato Grosso

*Pelas notícias de ontem, o jornal de Hoje faz temer as de amanhã.*

(Carlos Drummond de Andrade).

O foco da pesquisa, como já mencionado, é analisar os conteúdos publicados sobre a temática agrária, bem como algumas questões estruturais relacionadas ao campo mato-grossense, tais como: movimentos sociais, luta pela/na terra, conflitos sociais, reforma agrária, agricultura camponesa, agricultura familiar agronegócio, entre outro, no jornal A Gazeta, *on-line*. Esse assunto nos interessa, sobretudo, porque a notícia é publicada no cotidiano do dia a dia para a sociedade mato-grossense.

Para discutir essas questões, remetemos à história da mídia jornalística e ao seu surgimento no estado de Mato Grosso, que sofreu seus contratempos e aperfeiçoamentos para alcançar a consolidação que ele tem atualmente no estado.

A imprensa surgiu no Brasil em 1808, período que se marca pela chegada da família real no país. O ano de 1808 marca definitivamente a chegada da imprensa ao Brasil. Segundo Rocha (ano), três meses depois da circulação do Correio Braziliense, o primeiro jornal a ser publicado no Brasil, começa a ser publicado, em setembro de 1822, no Rio de Janeiro, a Gazeta de Notícias. No entanto, as notícias demoraram a chegar em Mato Grosso, como, por exemplo, a notícia da Independência do Brasil, que ocorrida em setembro de 1822, só chegou à Cuiabá, em janeiro de 1823, quatro meses depois.

Nesse contexto, conforme Rocha (2017, p.05),

A primeira Constituição brasileira outorgada pelo Império em 1824 transformou as Capitanias em Províncias, surgindo, porém, a necessidade de tornar público os atos administrativos dos governos locais e, como não havia imprensa em Mato Grosso, os documentos e atos do governo eram publicados, no jornal *Matutina Meyapontense*, vizinha Província de Goyaz. Esse jornal era impresso na Typographia Oliveira, a primeira do Centro-Oeste do país, de propriedade do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, um mecenas das artes e das letras.

Como vimos, nasce uma necessidade de publicizar os atos públicos do governo. Foi assim que começa a circular o *jornal Matutina Meyapontense*. *Esse jornal* foi o primeiro periódico impresso a circular em Mato Grosso, embora não tenha sido produzido no estado, mas o jornal *Matutina* trazia duas colunas que contempla assuntos do estado: A Província de Mato Grosso e Miscelânea Cuiabanense. O jornal era de propriedade do comendador Joaquim Alves de Oliveira, um fazendeiro próspero, de Goiás.

Conforme Rocha, o proprietário ditava as regras do que deveria ser publicado:

Ele fez questão de escrever o primeiro editorial, explicando a destinação do jornal, que era a publicação de decretos e resoluções da Assembleia Geral, resumos de sessões das Câmaras Legislativas, trechos de discursos de Senadores e Deputados, além de notícias nacionais e internacionais, retiradas de outros periódicos, bem como a publicação de correspondências, que não ferissem as regras editoriais do noticioso (Rocha, 2017, p. 6).

Jucá (2009), em seus estudos, aborda a trajetória de desenvolvimento da mídia do Estado de Mato Grosso inicia-se com o Dr. José Antônio Pimenta Bueno, sendo o quarto presidente do estado de Mato Grosso, em 1836. Ele tomou posse no dia 26 de agosto de 1836 e durou um ano, oito meses e 26 dias. Durante seu mandato no governo, obteve uma fonte em resposta à assinatura do público, sendo, portanto, designado como fonte oficial, diretamente relacionada à Assembleia Legislativa Provincial de Mato Grosso.

Conforme Jucá (2009, p. 29),

A Tipografia Provincial de Mato Grosso foi criada pela Lei nº 10, de 2 de maio de 1839, para imprimir o jornal oficial *Themis Mattogrossense*, que começou a circular em 14 de agosto de 1839. O primeiro jornal que publicou os atos da Província de Mato Grosso foi *A Matutina Meyapontense*, de Meiaponte, atual Pirenópolis, Goiás, de 5 de março

de 1830 a 21 de março de 1834 – alguns historiadores citam a data de 24 de maio de 1834. Era propriedade do Comendador Joaquim Alves de Oliveira, tendo como principal redator o padre Luiz Gonzaga de Camargo Fleury. Publicava também o encarte *Miscellanea Cuyabanense*, redigido por João Fleury de Camargo.

Posteriormente, conforme Jucá (2009), Estevão Ribeiro de Rezende, o novo presidente da Província de Mato Grosso, tomou posse em 16 de setembro de 1838. Ficou impressionado com a instalação do primeiro formato, por isso, redigiu a Lei n.º 10, de 2 de maio de 1839, de acordo com as regras precedentes:

LEI Nº 10, DE 2 DE MAIO DE 1839.

Estevão Ribeiro de Rezende, presidente da Província de Mato Grosso, faço saber a todos os seus habitantes que a Assembleia Legislativa Provincial Decretou, e eu sancionei a Lei seguinte:

*Art. 1º* - O Governo fica autorizado desde já a montar a Tipografia Provincial, despendendo o que for necessário.

*Art. 2º* - O mesmo Governo estabelecerá, provisoriamente, o número de empregados indispensáveis para o trabalho dela consignando-lhes vencimentos, a título de gratificação.

*Art. 3º* - A administração, redação e revisão dos impressos desta tipografia, será encarregada pelo Governo a pessoas hábeis, com tanto que não seja administrador o mesmo redator.

*Art. 4º* - Haverá um periódico denominado “Themis Mattogrossense” em que serão publicados os atos do Governo, da Assembleia Legislativa, das Repartições Fiscais, das Câmaras Municipais, dos Jurados, as participações das Autoridades Policiais, as decisões das Juntas de Paz: e, finalmente, as Lei e atos do Governo Central tendentes a esta Província.

*Art. 5º* - Havendo lugar poderá ser inserida qualquer obra sobre moral cívica e religiosa, sobre comércio, agricultura e artes.

*Art. 6º* - O Periódico será remetido grátis ao Governo da Província, aos Deputados da Assembleia Legislativa Provincial, ao Chefe da Polícia e ao Promotor desta cidade; à exceção destes, as pessoas que quiserem serão assinantes, ou comprarão avulsos.

*Art. 7º* - O Governo fará logo imprimir, e encadernar, os exemplares necessários das Leis Provinciais em vigor, e coligidas sob o título de Leis Mato-grossenses.

*Art. 8º* - Destes exemplares o Governo remeterá um a cada Assembleia Provincial do Império, e outro a cada uma das Câmaras Municipais da Província, e os mais serão vendidos ao público.

*Art. 9º* - Na Tipografia Provincial poderá ser impresso qualquer Periódico que tenha por fim censurar os atos dos funcionários públicos em razão do seu emprego, sujeitando-se o seu redator à responsabilidade da Lei.

*Art. 10º* - O empregado encarregado da direção dos trabalhos da Tipografia que, sendo solicitado para fazer imprimir qualquer Periódico, de que trata o artigo antecedente, recusar a sua impressão

será processado e punido na forma da Lei com as penas estabelecidas no art. 154º do Código Criminal.

Art. 11º - O rendimento desta Tipografia será aplicado para o Cofre Provincial.

Art. 12º - O Governo dará um regulamento próprio para administração do estabelecimento, fiscalização e arrecadação de suas rendas, direção e distribuição dos trabalhos dos empregados do mesmo.

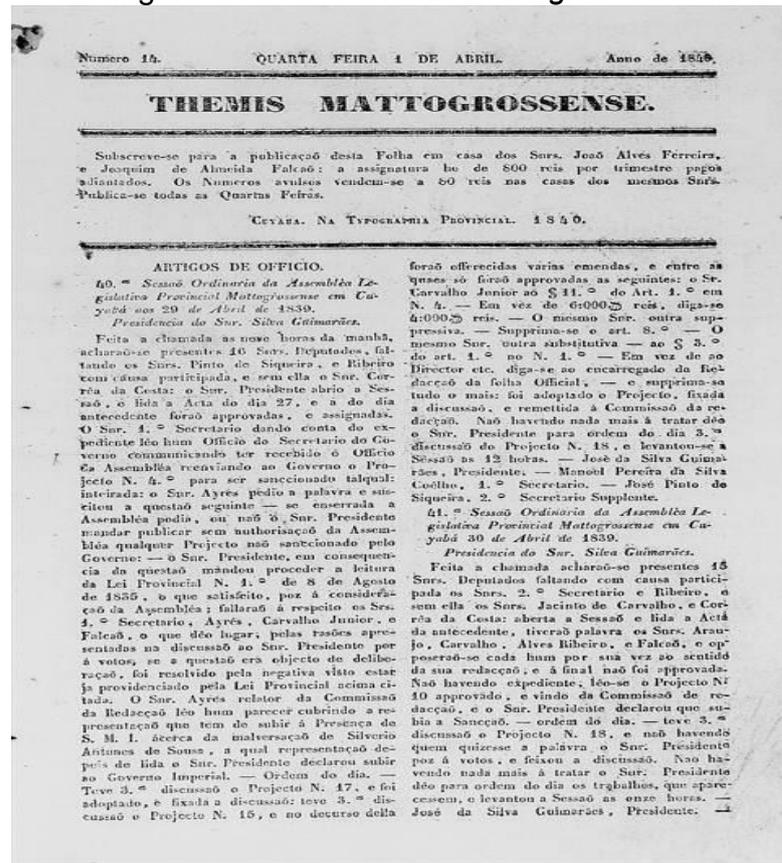
Art. 13º - Ficam revogadas todas as Leis e disposições em contrário. ESTEVÃO RIBEIRO DE REZENDE. (JUCÁ, 2009, p. 32).

Em relação à Lei 10, que instituía a imprensa em Mato Grosso, queremos destacar que no artigo 4º, cria-se o periódico “Themis Mattogrossense” para dar publicidade a todos os atos do governo:

[...] da Assembleia Legislativa, das Repartições Fiscais, das Câmaras Municipais, dos Jurados, as participações das Autoridades Policiais, as decisões das Juntas de Paz: e, finalmente, as Lei e atos do Governo Central tendentes a esta Província.

E no artigo seguinte, o 5º, determina que SE sobrar espaço no periódico o topógrafo e editores poderão complementar com “[...] qualquer obra sobre moral cívica e religiosa, sobre comércio, agricultura e artes”. Podemos dizer que, em primeiro lugar, a prioridade é noticiar as ações do governo e se sobrar espaço podem acrescentar temas como moral, religião, comércio, agricultura e artes. Nessas palavras, já podemos ver, pela ordem, o lugar da questão agrária no estado desde a fundação da imprensa.

O jornal *Themis mattogrossense* (Figura 1), que surgiu em 14 de agosto de 1839, circulava às quartas-feiras, era impresso na Tipographia Provincial. Segundo Rocha (ibidem) essa topografia havia sido comprada com dinheiro arrecadado junto à população de Cuyabá. Mas mesmo assim sofria o controle do Governo da Província, Estevão Ribeiro Rezende.

Figura 1 - Jornal *Themis mattogrossense*

Fonte: Biblioteca Nacional, 2020.

O jornal era destinado a “[...] transcrever e publicar apenas os atos oficiais da Província, mas por divergências políticas e limitação orçamentária, ele teve vida curta, deixando de circular em 1840” (Rocha, 2017, p. 9).

Ainda segundo Rocha (2017), no contexto do surgimento da imprensa, o governo administrava a revisão dos impressos, bem como sua arrecadação, e Cuiabá tinha uma população de aproximadamente 12.000 habitantes, em 1839. A persistência não diminui completamente, então nasce o ciclo agrícola, embora seja autossuficiente. Portanto, a base do crescimento populacional na Província de Mato Grosso era galopante em torno de Cuiabá, e a criação de gado e cavalos marcou um período econômico importante naquela época.

Assim, a tipografia provinciana tornou-se uma referência importante na longa história de Cuiabá, em 1839. Porém, o surgimento de uma nova profissão, que surgiu no momento em que passou a ser tipólogo, possibilitou trabalhar e passar momentos inesquecíveis que não podem esquecer. Além disso, possibilitou medir os avanços no

campo cultural para despertar a arte da escrita e desenvolver o hábito da leitura. “Mesmo sem enfrentar o que se chama hoje de problemas sociais, Cuiabá não oferecia opções profissionais” (Jucá, 2009, p. 32).

Nesse caso, o governo provincial de Tipografia assumiu Cuiabá e tornou-se ela a primeira profissão distante da administração pública: topografista. A demanda por serviços de limpeza é amplamente afetada pelo patrocínio generalizado. Essa é uma revolução profissional que ocupa uma proporção maior e atípica do trabalho efetivo e não tem a importância de obter uma remuneração razoável. Então, naquele local, nota-se o profissionalismo no período, mas o importante é que se tornou possível.

O primeiro jornal que publicou os atos da Província de Mato Grosso com o tema foi *Matutina Meyapontense* (Figura 2), sendo publicado e impresso no arraial de *Meyaponte*, no período de 5 de março de 1830 a 21 de março de 1834, atualmente Município de Pirenópolis, no Estado de Goiás (Jucá, 2009). (Figura 01).

Portanto, Jucá (2009) destacou que Francisco José de Melo, o primeiro impressor do Mato Grosso, era natural de *Meiaponte*, no Estado de Goiás, hoje, Pirenópolis. Começaram imediatamente a instalar e operar a primeira gráfica oficial da província. Logo após, na chegada a Cuiabá, em junho de 1830, demonstrou sua destreza e experiência empresarial e, em 14 de agosto do mesmo ano, lançou a publicação já editada e impressa do jornal *Themis Mattogrossense*, no estado de Mato Grosso (Figura 02).

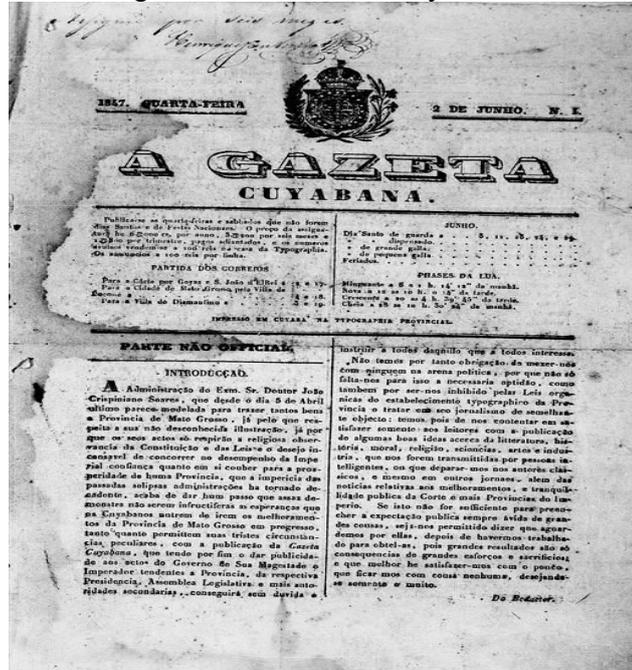
Segundo Jucá (2009), Francisco José de Melo foi o primeiro diretor da Tipografia Provincial, e exerceu outras funções, como: departamento de artes gráficas, líder de oficina, coordenador de composição, paginador e impressor. Além disso, ele recrutou pessoas e as ensinou a seguir novas carreiras em Cuiabá.

Seu salário anual era de 600\$000, que era um dos maiores salários pagos na província. O jornal *Themis Mattogrossense* foi editado e impresso em folha de papel almaço, dividido em duas colunas em um espaço estreito de 31 cm de altura por 21 cm de largura. A sua circulação era às quartas-feiras, quando disponibilizava a publicação de atos oficiais, tendo em vista tornar público o que era apenas realizado pela administração da Província.



meses em relação aos periódicos anteriores”. O jornal *A Gazeta Cuyabana* (Figura 3) trazia também como publicações informativos e diversidades em seus conteúdos (Jucá, 2009).

Figura 3 - A 1ª Página da *A Gazeta Cuyabana* de Mato Grosso.



Fonte: Biblioteca Nacional, 2020.

Durante o reinado da Imprensa, conforme Jucá (2009), *A Gazeta Cuyabana* realizou mudança das publicações em atualizar as informações, pois, já coletavam com atrasos e isso dificultava no editorial da semana. Assim:

[...] pela primeira vez na história da imprensa mato-grossense, publicou-se um editorial, externando a difícil posição do jornal, por se tratar de um órgão oficial. O seu texto era ágil e fluente, mas preocupado em buscar um equilíbrio entre a Assembleia Legislativa Provincial e o presidente da Província, João Crispiniano Soares, que já não se entendiam (Jucá, 2009, p. 41).

O entorno histórico do Estado de Mato Grosso, e, principalmente, o surgimento da mídia cuiabana, transpareceu o rearranjo do poder político, diante da conquista de Cuiabá pela disputa da então, sede administrativa provincial com o arraial de Vila-Bela da Santíssima Trindade (Jucá, 2009).

Em 1848, a Typographia Provincial foi leiloada a José Leite Penteado, tornando-se, agora, uma tipografia particular. Assim, é lançado o primeiro jornal de Mato Grosso, o *Echo Cuyabano*, que começou a circular em 2 de setembro de 1848, mas durou muito. Assim, conforme Rocha, “A imprensa privada marca também, o início da venda de espaço no jornal, pois o governo, agora, tinha que pagar para publicar seus atos e leis”. (2017, p. 10). Outros jornais surgem como o jornal Cuyabá, em 1857; o Noticiador Cuiabano, o jornal Imprensa de Cuyabá, em 1859.

Conforme o site oficial da Superintendência da Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso (IOMAT)<sup>5</sup>,

Somente a 4 de outubro de 1868, depois de um novo período de carência, a imprensa cuiabana passou a contar com "A SITUAÇÃO", que se dizia um jornal oficial, político e literário. Bem maior que os jornais anteriores, era bi-semanal, em quatro colunas, mas mantendo as tradicionais quatro páginas. A primazia do jornal "A SITUAÇÃO" foi prejudicada com a circulação, no dia 9 de janeiro de 1879, do primeiro número do jornal "A PROVÍNCIA DE MATTO GROSSO", por iniciativa do Dr. João José Pedrosa, o 24º presidente da Província, sob a direção do Sr. Joaquim José Rodrigues Calháo. Nesse jornal, um dos mais importantes da história da imprensa mato-grossense, foram publicados os atos oficiais da Província até o fim do período imperial. Ficou, contudo, com "A GAZETA", a fase intermediária entre "A PROVÍNCIA DE MATTO GROSSO" e o surgimento da "GAZETA OFFICIAL", editada pela Typographia do Estado (IOMAT)<sup>6</sup>

Jucá (2009) comenta sobre esses jornais no arraial de Cuiabá. Eram somente três jornais nessa época: *A Situação*, um jornal em que representava o Partido Conservador (Figura 4); já *A Província de Matto Grosso*, especificamente, respondia ao Partido Liberal (Figura 5); e, somente, o jornal *A Gazeta* (Figura 6) foi o único que apoiava cerradamente a República, ou seja, “[...] foi contratada para publicar atos oficiais, o que fez até 2 de maio de 1890, quando o convênio foi rescindido. Contudo, *A Gazeta* participou de um dos momentos mais importantes da história de Mato Grosso”. (Jucá, 2009, p. 78);

---

<sup>5</sup> <https://www.iomat.mt.gov.br/site/canais/histórico>

<sup>6</sup> <https://www.iomat.mt.gov.br/site/canais/histórico>

Figura 4 - O Jornal A Situação (1868)



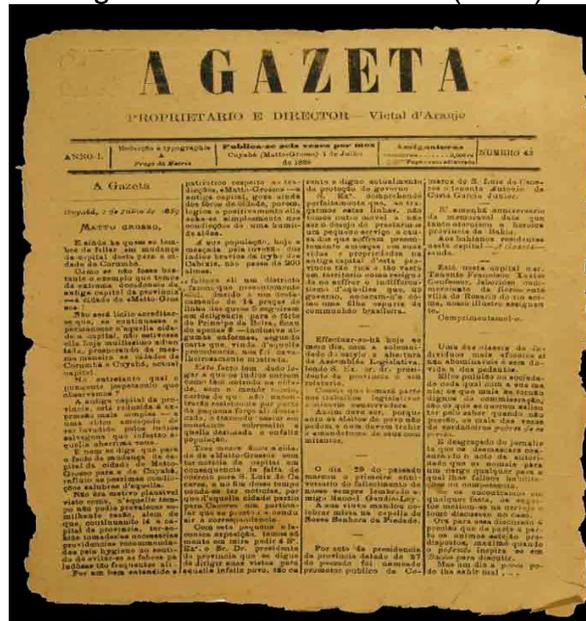
Fonte: Jucá, 2009

Figura 5 - O jornal A Província de Matto Grosso (1879).



Fonte: Jucá, 2009.

Figura 6 - Jornal A Gazeta (1890)



Fonte: Jucá, 2009.

O jornal *A Gazeta* em sua amplitude de reinado, publicou o ato da Proclamação da República no país e, levando aos conhecimentos da população de Cuiabá, ficou ciente do ocorrido, através de uma testemunha que presenciou e narra todo o acontecido, conforme segue:

A uma meia da madrugada dormia ainda a população desta Capital quando José Marques, Ernesto Frederico, André Virgílio e Victal de Araújo, dirigindo-se à chácara de D. Martha, no Largo da Boa Morte, onde se hospedava Antônio Maria Coelho, pediram para que o acordassem. Com pouca demora, apareceu-lhes o general, agasalhado em um sobretudo e de boné de seda preta, sendo-lhe então mostrada a carta em que, entre outras coisas, dizia que o governo provisório se lembrara do general para o nomear governador de Mato Grosso, não tendo, porém, chegado nesse pacote o decreto de sua nomeação para esse cargo.

A princípio, o general mostrou-se um tanto irresoluto, o que não era para menos, atendo-se à surpresa de tão extraordinária notícia; depois, porém, de alguma insistência e das diversas considerações que lhe foram apresentadas, o general Antônio Maria anuiu a aceitar o cargo se fosse aclamado pelo povo, o que realizou – adiante se verá, entusiasticamente (Jucá, 2009, p. 78).

O marco importante que *A Gazeta* publicou, após o primeiro governador republicano de Mato Grosso já empossado, o general Antônio Maria Coelho, foi ter

lido e aclamado para toda as autoridades e a população presente de Cuiabá e dizendo:

Viva a República dos Estados Unidos do Brasil! Viva o Estado de Mato Grosso! Mato-grossenses, enfim é livre a terra de Colombo. A planta exótica que ainda existia feneceu no glorioso dia 15 de novembro de 1889. Está proclamada a República na nossa estremecida pátria, e Mato Grosso já não é a Província de uma monarquia. É, sim, um Estado de uma República ligada às suas irmãs pelos laços da Federação. O fato grandioso realizou-se com aplauso geral, sem sangue, sem protesto, porque significa liberdade, fraternidade e justiça. Aclamado hoje, pelo povo desta Capital e pela Assembleia, em nome do mesmo povo, governador do Estado de Mato Grosso, que assim confirmou a nomeação do governo provisório dos Estados Unidos do Brasil, assumi as rédeas do governo. A Capital e Corumbá já aderiram ao movimento proclamando a República; o mesmo espero, farão todas as demais cidades e localidades do Estado. Liberdade, fraternidade, paz e justiça é a missão da República. Tranquilizem-se, pois, todos os cidadãos, que todos os seus direitos serão garantidos em sua plenitude. Cidadãos! Viva a República dos Estados Unidos do Brasil! Viva o presidente provisório general Manoel Deodoro da Fonseca! Viva o 1º Ministério republicano! Viva o Estado de Mato Grosso!

Cuiabá, 9 de dezembro de 1889. Antônio MARIA COELHO” (Jucá, 2009, p. 78).

Como vimos até aqui, o governo do estado pagava à imprensa as publicações de suas matérias, mas, em 1890, surge a imprensa oficial criada pelo governo como registrado pela IOMAT<sup>7</sup>:

A Imprensa Oficial em Mato Grosso ressurgiu com o advento da República. Depois de um lapso de quase 42 anos, o governo mato-grossense criou a Typographia do Estado de Mato Grosso, de acordo com os termos do decreto nº 17, de 2 de maio de 1890. Com ela surgiu, também, a "GAZETA OFFICIAL DO ESTADO DE MATTO GROSSO", que circulou pela primeira vez no dia 8 de maio de 1890<sup>8</sup>.

Como podemos ver, ao mesmo tempo em que o estado fez (re)surgir a Typografia de Mato Grosso, nasce a *Gazeta oficial do Estado de Mato Grosso*, que posteriormente denominou-se de *Diário Oficial*. O jornal em sua primeira edição foi

<sup>7</sup> Superintendência da Imprensa Oficial do Estado de Mato Grosso (IOMAT)

<sup>8</sup> Conforme <https://www.iomat.mt.gov.br/site/canais/historico>, acesso 29/10/2021.

distribuído em oito de maio de 1890. Esse jornal se encarregava de noticiar eventos, bem como as notícias de todo arraial de Cuiabá.

No início da instalação da imprensa em Mato Grosso, historicamente, os jornais vêm mostrando a sua relação com o estado. E quando a imprensa privada dá início, nasce no berço de proprietários de terras, como o caso do primeiro jornal que circulou em mato Grosso, a *Matutina*, de propriedade do comendador Joaquim Alves de Oliveira, fazendeiro de Goiás. Para se manter os jornais privados logo começaram a vender seus espaços, esse modo permanece até hoje.

A seguir vamos mostrar um pouco da história do jornal A Gazeta de Mato Grosso.

### **4.3 Um olhar sobre o jornal A Gazeta *on-line***

O objeto de estudo desta pesquisa é a questão agrária no jornal *A Gazeta*, na sua versão *on-line*, no estado de Mato Grosso, para isso selecionamos um corpus constituído de matérias produzidas sobre a questão agrária em Mato Grosso, no período de 2019 a 2020.

O jornal *A Gazeta* faz parte do Grupo Gazeta de Comunicação no estado de Mato Grosso, um grupo que possui várias empresas em vários meios de comunicação de massa, foi fundado em 1990, com o jornal *A Gazeta*, na sua versão impressa. A partir de 1992 amplia o seu ramo de atuação criando a Gazeta FM e CBN Cuiabá, nesse mesmo período também criou o Instituto de Pesquisa Gazeta Dados, e no ano seguinte, 1993, cria a TV Gazeta dando cobertura a todo o estado de Mato Grosso. Incorpora duas outras empresas, em 2016, a Rádio Cultura de Cuiabá AM 710 e Ondas Tropicais de 5015 kHz foi incorporada ao Grupo (GAZETA DIGITAL, 2020). Hoje, o vínculo destes grupos com o setor do agronegócio é a Gazeta Digital Online.

No site da Gazeta Digital (2020), encontramos:

O Grupo Gazeta de Comunicação foi criado em 1990. Sua história é marcada pela proximidade com a população, respeito e admiração dos mato-grossenses. Com megaestrutura, equipamentos com tecnologia de ponta e profissionais capacitados e comprometidos com a qualidade, o Grupo Gazeta prima pela responsabilidade social, cultura

regional e utilidade pública. Investir no Estado, contribuir com o desenvolvimento social e econômico, e ser o Grupo de Comunicação do povo é motivo de orgulho.

Como podemos ver, o grupo de comunicação coloca-se como uma empresa com responsabilidade social, cultural e de utilidade pública. A empresa coloca-se como uma instituição que contribui para o desenvolvimento social e econômico do estado. Esse dizer sobre a empresa deve ser analisado também em suas matérias, ou seja, ao analisarmos as notícias sobre a questão agrária vamos procurar observar como ela trata esses assuntos, uma vez que ela afirma que “Sua história é marcada pela proximidade com a população, respeito e admiração dos mato-grossenses”. (Gazeta Digital, 2020).

Podemos ver ainda que a empresa registra os seus investimentos:

Em 2013, o Grupo Gazeta de Comunicação realizou investimentos significativos através de uma gestão atuante e eficaz. Com isso diversas áreas foram reestruturadas envolvendo a parte física, humana, tecnológica, estratégica e comercial. As mudanças foram significativas, buscando proporcionar ao público-alvo melhor qualidade em atendimento, produtos e serviços. E as ações publicitárias desempenharam importante papel nesse processo. Seja através da mídia impressa, rádio ou TV, o Grupo fortaleceu o seu posicionamento e aproximou-se ainda mais do seu target (Gazeta Digital, 2020).

É possível dizer que a empresa investe na sua própria estrutura para que ela tenha mais circulação, credibilidade e influência no estado, considerando que se trata de uma empresa privada, que disputa/concorre com outras empresas de comunicação.

É importante dizer que o Grupo Gazeta de Comunicação foi fundado por João Dorileo Leal, atualmente, presidente. Sua representação nos meios de comunicações foi através do jornal impresso, que teve boa aceitação dos leitores no Estado de Mato Grosso, fazendo o grupo investir mais em empresas de comunicação de massa (Gazeta Digital, 2020).

Hoje, integram o Grupo Gazeta de Comunicações as seguintes empresas: Gazeta FM, FM Alta Floresta, FM Barra do Garças, FM Poxoréu, Cultura FM, Vila Real FM, TV Vila Real 10.1, TV Pantanal 22.1, o Instituto de Pesquisa Gazeta Dados, Gráfica Millenium e o Portal Gazeta Digital. (GAZETA DIGITAL, 2020). O jornal A

Gazeta está localizado na Rua Professora Tereza Lobo, nº 30, Bairro Alvorada, na capital Cuiabá-MT (Figura 7).

Figura 07: Jornal A Gazeta



Fonte: Jornal A Gazeta Digital, 2020.

Atualmente, o jornal A Gazeta completa 30 anos de existência no estado de Mato Grosso, em funcionamento, além de ser um jornal impresso, conta com uma versão *on line*, disponível no site Gazeta Digital. O jornal conta com: Diretora de Redação, Editora Executiva, Reportagem, Mídias Sociais, Estagiários e *Webmaster* (Gazeta Digital, 2020).

Em relação à tiragem, não temos o número exato, mas em uma reportagem em 2019, encontramos,

Diariamente cerca de 25 mil leitores recebem o jornal em diversas cidades do Estado. Além disso, com as plataformas digitais, assinantes também contabilizam a audiência em Brasília, São Paulo, Rio de Janeiro, Goiânia e Curitiba, conforme explica a Coordenadora de telemarketing, Luciana Marcante. "Essa tiragem vai para a transportadora que é responsável pela distribuição. No interior é feito de ônibus e avião. Além do impresso, em lugares que o jornal não chega, assinantes podem acessar a versão online", ressalta.

Como podemos ver, a tiragem diária de jornais não possui número exato, uma vez que a sua distribuição é para todo o estado de Mato Grosso; devemos considerar, ainda, que o jornal também funciona na mídia eletrônica, no *site on-line*

(<http://www.gazetadigital.com.br>), um dos motivos que o escolhemos para o nosso estudo. Outro motivo foi, justamente, por ele ser um veículo respeitado e consolidado no estado.

A partir do estudo que desenvolvemos sobre a mídia, este jornal pode ser um grande influenciador de opinião no estado, no que se refere a questão agrária, que é o objeto de estudo desta pesquisa. Os dados que encontramos em nossa pesquisa neste período de um ano, oferecem-nos um material consistente para ser investigado, examinado, propiciando, assim, a análise de conteúdo das matérias publicadas no jornal, na sua versão *on-line*, sendo um suporte metodológico principal na pesquisa.

Como vimos nos estudos realizados sobre a história da imprensa, os meios de comunicação subsistem por meio de seus clientes, que no caso destacamos o estado e as grandes empresas. Os jornais vendem espaços nos jornais, para matérias pagas e publicidade. Esse tipo de serviço custa muito dinheiro. Quanto custa uma propaganda do Agronegócio? Quanto custa uma campanha do governo? Assim, a mídia no Brasil e em Mato Grosso, vai construindo seus financiadores, e ao mesmo tempo acaba se comprometendo, uma vez que esse atrelamento a impede de divulgar qualquer coisa que possa ferir a imagem de seus clientes. Um exemplo desses custos com publicidade na mídia: o estado de Mato Grosso gastou no ano de 2019 o valor de R\$ 34.690.934,37, com criação, produção de campanhas e veiculação em jornal, mídia alternativa, rádio, revista, site e TV, conforme informações da Secretaria Adjunta de Administração Sistêmica da Casa Civil, de 19 de novembro de 2020, disponível no Portal de Transparência do estado.<sup>9</sup>

Como vamos mostrar no próximo capítulo, analisamos 134 matérias do jornal *A Gazeta*, *on-line*, do período de um ano e encontramos um apagamento das questões agrárias relacionadas ao pequeno produtor do campo. Assim, nosso objetivo é compreender o olhar desse veículo sobre a questão agrária no estado de Mato Grosso.

---

<sup>9</sup> Disponível em:

<https://www.transparencia.mt.gov.br/documents/363605/13945850/GASTOS++COMUNICA%C3%87%C3%83O.pdf/c2247b9e-30c4-0390-edd0-bf7dc3912924>

## 5. A VISÃO GEOGRÁFICA DA QUESTÃO AGRÁRIA EM MT, CONFORME NOTICIADO NA MÍDIA E NA OPINIÃO DE JORNALISTAS

As notícias devem ser dadas rápida, íntegra e compreensivelmente, porque o homem moderno precisa de informação completa e honesta.

(PASTORAL COMMUNIO ET PROGRESSIO, SOBRE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL).

Neste capítulo, apresentamos, em um primeiro momento, uma análise das matérias do jornal *A Gazeta* de Mato Grosso sobre a questão agrária na sua versão *on-line*, para isso, selecionamos alguns recortes de jornais para mostrar o posicionamento da mídia sobre essa questão agrária. Em um segundo momento, analisamos a opinião de jornalistas de Mato Grosso sobre a temática, bem como a avaliação que eles fazem sobre o modo como a mídia trata a questão agrária.

### 5. 1. Análise das matérias sobre a questão agrária no jornal *A Gazeta on-line*

Após selecionarmos o jornal *A Gazeta*, de Mato Grosso, na sua versão *on-line* para realizar a pesquisa e delimitarmos o período para realizarmos o nosso estudo, partimos para o levantamento das matérias que tratam da discussão sobre a questão agrária em Mato Grosso.

Todas as matérias que constituem o nosso corpus de análise, foram retiradas dos arquivos eletrônicos do jornal<sup>10</sup> *A Gazeta* do estado de Mato Grosso, *on-line*. Iniciamos o nosso trabalho realizando, primeiramente, o levantamento dos conteúdos que abordam a questão do campo mato-grossense como: agricultura familiar, agricultura camponesa, agricultura rural e agronegócio.

Diante da multiplicidade das matérias levantadas e selecionadas em diferentes dias e meses de março de 2019 a março de 2020, pormenorizamos um recorte temporal das matérias veiculadas no site do jornal.

---

<sup>10</sup> Todas as matérias publicadas pelo próprio jornal *A Gazeta* digital online no site: <http://www.gazetadigital.com.br>.

Assim, levamos em consideração as datas e os meses das matérias publicadas sobre as ocorrências no campo agrário mato-grossense, nas chamadas das matérias enunciadas sobre: agricultura familiar, agricultura camponesa, agricultura rural, agricultura, movimentos sociais, conflitos sociais, reforma agrária, pecuária, assentamentos bem como o agronegócio.

O detalhamento da análise está disposto no Quadro 1:

Quadro 1 - Matérias por mês – Março/2019 a Março/2020.

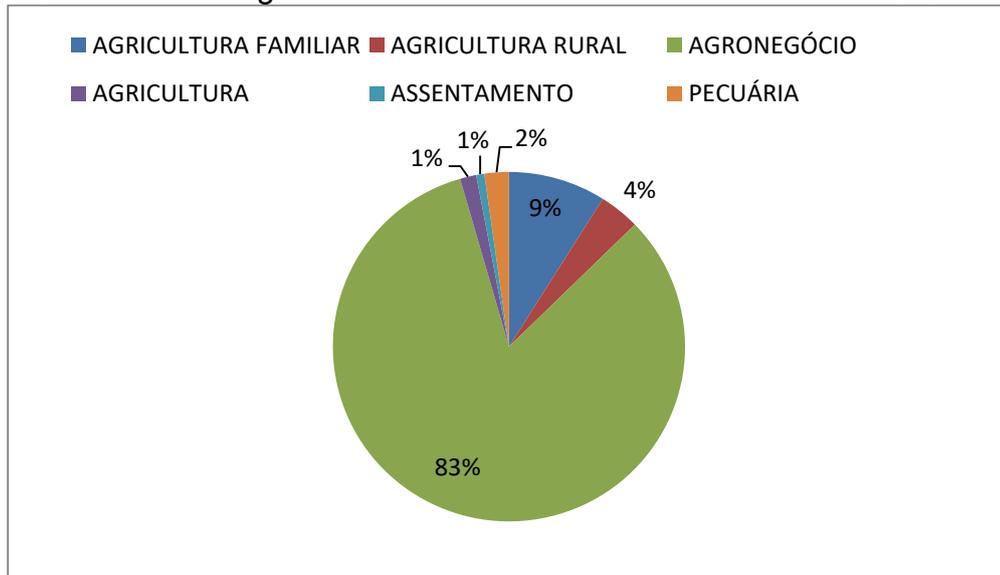
Conteúdos	Nº. De Matérias/Publicadas	Período	Total
<b>Agricultura Familiar</b>	12	2019 a 2020	12
<b>Agricultura Camponesa</b>	-	2019 a 2020	-
<b>Agricultura Rural</b>	5	2019 a 2020	5
<b>Agronegócio</b>	111	2019 a 2020	111
<b>Conflitos Sociais</b>	-	2019 a 2020	-
<b>Movimentos Sociais</b>	-	2019 a 2020	-
<b>Agricultura</b>	2	2019 a 2020	2
<b>Reforma Agrária</b>	-	2019 a 2020	-
<b>Assentamentos</b>	1	2019 a 2020	1
<b>Pecuarista</b>	3	2019 a 2020	3
<b>TOTAL</b>			134

Fonte: Jornal *Gazeta On-line*, 2019 e 2020. Org. da autora.

O quadro mostra que no período de um ano o jornal *A Gazeta on-line* publicou um número considerável de matérias sobre a questão agrária, em um total de 134 reportagens. Essa temática, subdivida no quadro 1, apresenta-se em vários assuntos. Observamos, no entanto, que dos tópicos o que me mais se destaca é o agronegócio, e os demais se manifesta de uma forma indireta. Logo, algumas matérias coletadas e analisadas são pertinentes à pesquisa e envolvem o dilema da *questão agrária*. Em outras palavras, o que se vê no quadro não é a questão agrária em si, mas é para si, isto é, trata-se do modo como a questão agrária se manifesta em diferente tempo e espaço.

As chamadas das matérias publicados nas páginas do jornal *A Gazeta on-line*, em Mato Grosso trata muito pouco sobre a agricultura familiar, agricultura rural, agricultura, pecuarista, assentamentos. Como podemos ver no Gráfico 1, prevalece o agronegócio:

Gráfico 1 - Porcentagens de Matérias coletadas no Período de 2019 a 2020



Fonte: Elaboração própria, 2021.

O gráfico mostra a quantidade, em percentual, do material levantado e coletado no período de 2019 a 2020 nos arquivos do jornal (JG), ou seja, as matérias do jornal sobre o tema questão agrária. No período de um ano, foram 134 notícias publicadas, o equivalente a um total de 100% das matérias que envolveram o tema questão agrária no Estado de Mato Grosso, ou seja, constatamos somente textos que tratavam da:

- Agricultura familiar: 9%
- Agricultura rural: 4%
- Agricultura: 1%
- Assentamento: 1%
- Pecuária; 2%
- Agronegócio. 83%

Quando analisamos os assuntos da questão agrária abordados no jornal *A Gazeta*, como mostra o Gráfico 01, percebemos que, esse veículo destina um espaço enorme, em suas edições, para o agronegócio (83%), em detrimento de outros assuntos da questão agrária. Nesse sentido, é importante investigar por que isso ocorre.

Observamos também que o jornal retrata, nas chamadas, o agronegócio como sendo o precursor no desenvolvimento e expansão de alimentos para a sociedade brasileira e mato-grossense. Esse veículo supervaloriza o agronegócio, sugerindo que o avanço do capitalismo no campo trouxe investimentos altos em tecnologias avançadas para o desenvolvimento da exportação em grande escala mundial de grãos como soja, algodão milho e cana-de-açúcar, culturas que se espalharam por toda a região de Mato Grosso. Em contrapartida, poucas edições abordaram a agricultura familiar, pecuária, assentamentos, agricultura e agricultura rural. Em outras palavras, nas notícias do jornal *A Gazeta* há uma defesa velada do capitalismo, tendo em vista que temas sociais são abordados superficialmente (quando o são).

Dessas matérias, foram selecionadas algumas para análise (Anexo), todas foram publicadas no jornal *A Gazeta on-line* no período. Podemos ver que o jornal *A Gazeta de MT, on-line*, destaca em suas matérias os bônus oriundos do agronegócio. Nas edições dos dias 13/05/2019 e 17/03/2019, por exemplo, as chamadas *Produção de grãos bate recorde* (Figura 8) e *MT lidera no Centro-Oeste* (Figura 9), afirmam que o estado de Mato Grosso é reconhecido como o maior produtor em grãos do país e que a safra de 2018/2019 estima uma colheita de 64,976 milhões de toneladas.

Segundo a Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), houve um acréscimo de três milhões de toneladas a mais que no ciclo anterior e, ainda, que os produtores colheram o maior volume já produzido no estado. O cultivo de algodão é tratado como a *cultura evolutiva de grão exportador* (Figura 8). Consta no texto que a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) do estado foi de 2,5% no ano de 2018, acima da média regional de 0,1% e como o 6º melhor estado do país em desempenho de exportação. As informações significam que a exportação de soja de Mato Grosso tem destino certo, sua transação comercial firmada com a China, o maior consumidor de soja do planeta. Alguns municípios onde o agronegócio prospera apresentam um Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) mais alto, com renda *per capita* maior;

porém, o jornal divulga que a maioria dos municípios mato-grossenses não vivencia essa realidade, devido à distribuição desigual de renda no Estado (Figura 9).

Figura 8 - Publicação da edição de 13/05/2019



Fonte: Site do jornal A Gazeta on-line.

Figura 9 - Publicação da edição de 17/03/2019



Fonte: Site do jornal A Gazeta on-line

O jornal *A Gazeta on-line* não dá relevância, em suas reportagens, a notícias acerca da agricultura camponesa, movimentos sociais, conflitos sociais e reforma agrária, por exemplo. Tendo em vista a própria constatação feita pelo periódico de que o IDH elevado não reflete a realidade de municípios prósperos. Há temas de suma importância a serem tratados, questionados e direcionados na agenda da mídia jornalística para que seu público-alvo possa ter suas opiniões e conclusões próprias. Como, por exemplo, o quanto essa situação tem empobrecido municípios mais antigos e priorizado os de produção de soja.

É neste contexto de visão de desenvolvimento capitalista, no campo, que o surgimento de monoculturas como soja, algodão, milho e cana-de-açúcar se espalhou

pelo território mato-grossense. Esse modelo de produção, que vem se expandindo sistematicamente por todo o Brasil e, principalmente, enraizou-se no estado de Mato Grosso, desde a década de 1950, tem causado a expulsão de famílias de agricultores do campo e a descaracterização da agricultura camponesa em muitas comunidades e assentamentos rurais.

Diante disso, essa dimensão territorial da indústria de grãos, que impacta fortemente o centro da cidade e no campo agrário, modificou a dinâmica política e social desses espaços.

O agronegócio tem representado “[...] os interesses dos grandes agricultores inseridos no neoliberalismo que, por sua vez defendem os interesses do grande capital e da produção da monocultura voltada para a exportação”. (PEREIRA,2009, p. 06). Isso mostra que o tom principal desse desenvolvimento está fortemente centrado na produtividade em economias de grandes escalas. A expansão do agronegócio em Mato Grosso, avança a um ritmo alarmante. Assim, nas últimas décadas, duas forças opostas, o agronegócio e o agricultor camponês, se inserem no território brasileiro e mato-grossense em diferentes conflitos de interesses.

Em outras palavras, o território do agronegócio dos grandes proprietários de terra (capitalistas) centrado na exportação e que, segundo Oliveira, “A lógica é mundial, e o nacional fica submetido a esta lógica mundial. O agronegócio e suas commodities são expressões objetivas desta inserção capitalista das elites brasileiras ao capital mundial”. (2003, p. 120). Isso mostra que a terra é usada como reserva de valor e a tem como mercadoria que administram a renda e os lucros em condições de mercado favoráveis: as exportações mundiais e que realmente, não proporciona nenhuma geração de renda para a população local, essa é, a realidade exposta pelo capitalismo. E, o mais importante, sem trazer a soberania de alimentos saudáveis para a mesa da sociedade e é totalmente o oposto do território do agricultor camponês, ligados à produção de diversos alimentos saudáveis para a população. São estes que promovem a criação de oportunidades de emprego, através da contratação de mão de obra familiar.

Para Oliveira (2007), o maior parceiro do agronegócio que apoia e divulga o novo conceito de compreensão da agricultura, baseado na mitologia, é a mídia, que

reforça o pensamento inédito da chamada lógica da linguagem na modernização tecnológica do agronegócio de ponta.

Diante da luta dos agricultores camponeses, surge o MST. O MST, é composto por pessoas que perderam suas terras por algum motivo e que foram postas nas contradições criadas pelo desenvolvimento do capitalismo brasileiro nas áreas rurais e urbanas. Isto significa que o MST é conhecido por seu movimento vibrante e perspicaz, de acordo com a atual situação do campo brasileiro e mato-grossense, abriram-se espaços para novas formas de lutas, transformando o processo de tensão da reforma agrária em força exercida para a conquista de assentamentos. O MST por ser um movimento dinâmico e de grande proporção nas batalhas de luta e resistências, vivenciadas no campo brasileiro, abriu espaço para novas formas de luta pela reforma agrária, exercendo pressão e cobrando o governo para realização dos assentamentos no campo, prática que se estendeu até os dias atuais.

Nas edições do jornal *A Gazeta on-line*, dos dias 21/03/2019 e 15/06/2019, as chamadas: *China Sustenta Exportações de MT* (Figura 10) e *Produção de Soja Terá Novo Recorde* (Figura 11) afirmam que a exportação em grãos comercial para a China como o grande precursor e responsável por 59% do volume exportados, com um salto de grande positividade na balança comercial mato-grossense e que gera um fator crescente em demanda de alimentos nos países asiáticos (China), ou seja, Mato Grosso exporta em escala mercantil mais da metade de grãos produzidos anualmente. O Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços (Mdic) aponta movimentos na ordem de US\$ 2,723 bilhões de produtos exportados do estado de Mato Grosso (Figura 10). E o Instituto Mato-grossense de Economia Agropecuária (Imea) aponta que a safra de 2019/2020 é a maior da série histórica de colheita em grãos prevista de 32,8 milhões de toneladas só no Estado de Mato Grosso (Figura 11).

Na matéria da figura 10, o jornal retrata a China como o país que sustenta a exportação de soja do estado de Mato Grosso. O jornal *A Gazeta on-line*, de Mato Grosso, chama atenção para o terceiro maior país do mundo, localizado no continente asiático, que se finda na porção da Ásia Oriental. Mato Grosso é o estado que produz grãos em grande escala, porém esses grãos são comercializados em dólar aos países estrangeiros gerando, assim, grande capital lucrativo para os grupos capitalistas no estado, bem como no Brasil.

Figura 10 - Publicação da edição de 21/03/2019



### China sustenta exportações de MT

Chineses respondem por 50% do volume exportado e do faturamento gerado pelos negócios do Estado no mercado internacional

**Exportações de MT**  
**US\$ 4,995 bilhões**  
**Aus US\$ 2,723 bilhões**

China sustenta as exportações de Mato Grosso em março, com o país sendo responsável por 50% do volume exportado e do faturamento gerado pelos negócios do Estado no mercado internacional. Segundo dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa), os chineses responderam por 50% do volume exportado e do faturamento gerado pelos negócios do Estado no mercado internacional em março. O valor total das exportações de Mato Grosso para o exterior chegou a US\$ 4,995 bilhões, com o valor em dólares americanos chegando a US\$ 2,723 bilhões. O valor em reais chegou a R\$ 1,1 bilhão. O valor em dólares americanos chegou a US\$ 2,723 bilhões, com o valor em reais chegando a R\$ 1,1 bilhão. O valor em dólares americanos chegou a US\$ 2,723 bilhões, com o valor em reais chegando a R\$ 1,1 bilhão.

Figura 11 - Publicação da edição de 15/06/2019



### Produção de soja terá novo recorde

Estimativa do Imae aponta para colheita de 32,8 milhões de toneladas de oleaginosas na próxima temporada

**Estimativa para o grão**  
**Safral 2019/2020**  
**Safral 2018** **Safral 2019**  
**Produção (milhões de toneladas)**  
**32,8** **30,0** **30,0**

A produção de soja no Brasil terá um novo recorde na próxima safra, segundo estimativa do Instituto de Economia do Rio de Janeiro (Iuper). O Iuper estima que a produção de soja no Brasil será de 32,8 milhões de toneladas na safra 2019/2020, contra 30 milhões de toneladas na safra 2018/2019. O Iuper também estima que a produção de soja no Brasil será de 30 milhões de toneladas na safra 2019/2020, contra 28 milhões de toneladas na safra 2018/2019.

**Demanda tem alta constante**  
**Ruínas**

As ruínas de um prédio em São Paulo, após o terremoto de 2018, mostram a alta constante da demanda por materiais de construção. A demanda por materiais de construção tem se mantido alta desde o terremoto de 2018, com a demanda por materiais de construção aumentando constantemente. A demanda por materiais de construção tem se mantido alta desde o terremoto de 2018, com a demanda por materiais de construção aumentando constantemente.



Alagado é um dos principais produtos de MT exportados para a China

**Unidade de Campo Verde**  
**BRF é condenada por demissão coletiva**

A BRF foi condenada por demissão coletiva em uma unidade de Campo Verde. A BRF foi condenada por demissão coletiva em uma unidade de Campo Verde. A BRF foi condenada por demissão coletiva em uma unidade de Campo Verde.



Indústria BRF condenada por demissão de 11 funcionários de uma unidade

**ANIVERSÁRIO CVC MILHARES DE OFERTAS PELO BRASIL E O MUNDO COM PREÇOS ARRAZADADES.**

**1ª PARCELA PARA 60 DIAS**

**MARCELO**  
 Parcela de R\$ 1.020  
 ou 12x de R\$ 85

**FORTALEZA**  
 Parcela de R\$ 1.224  
 ou 12x de R\$ 102

**PROCURE UMA LOJA CVC MAIS PRÓXIMA DE VOCE**

**ICMS da madeira**

**Empresas querem diferimento**

Empresas querem diferimento do ICMS da madeira. As empresas querem diferimento do ICMS da madeira. As empresas querem diferimento do ICMS da madeira.

**Investimento em infraestrutura**

**MT está nos planos do governo federal**

MT está nos planos do governo federal. MT está nos planos do governo federal. MT está nos planos do governo federal.

**Investimento em infraestrutura**

**MT está nos planos do governo federal**

MT está nos planos do governo federal. MT está nos planos do governo federal. MT está nos planos do governo federal.

Fonte: Site do jornal A Gazeta on-line.

Fonte: Site do jornal A Gazeta on-line.

Diante disso, podemos dizer que a mídia se porta como uma grande parceira do agronegócio. O que mostra o interesse comercial em triplicar seu capital, a partir dos espaços que destina no seu jornal para as matérias dos grandes capitalistas do agronegócio, dando ênfase as tecnologias avançadas injetadas no campo, colocando o agronegócio como protagonista de alimentos para a população brasileira.

Pereira (2009, p. 06), ao contrário, faz uma reflexão bastante interessante:

As mudanças tecnológicas no campo e nas relações de trabalho ocorridas após a modernização conservadora das décadas de 1960/70, trouxeram também ao campo brasileiro a monocultura em grandes extensões de terra, voltada ao mercado externo, subordinando desta forma não só os grandes proprietários de terras, mas também pequenas extensões de terra ou a agricultura familiar ou mesmo a agricultura camponesa.

A autora ressalta que em pequenas localidades produtivas, seja em assentamentos ou em outros pequenos direitos de propriedade, a característica fundamental da agricultura camponesa é o trabalho de produção familiar em produzir alimentos saudáveis, em que a força de trabalho está concentrada em membros da própria propriedade familiar e é a base de sua existência do território camponês. Nesse sentido:

[...] a construção do território camponês nasce do confronto com as contradições do modelo de desenvolvimento que estabelece nas relações de poder envolvendo diferentes correlações de forças e interesses políticos, que concebe diferentes concepções. Pode-se destacar o poder hegemônico da agricultura capitalista, confrontando com um modelo de agricultura que não é predominantemente capitalista, mas que exerce um papel importante para a produção de alimentos de primeira necessidade para o país. (CALAÇA *et al.*, 2013, p. 213).

Mas também de políticas públicas de assentamentos. O capital expropria e também abre espaço para sua reprodução subordinada a ele pela circulação.

É neste contexto, em que se predomina a forma desigual de fazer economia, da qual se destaca a produção e práticas dos camponeses e sendo formadas em relações de colaboração solidária e influenciadas por valores culturais, que identifica o ser humano na sua totalidade de princípios morais e lúcido, ou seja, como sujeito para o desenvolvimento da atividade econômica, assim, promovendo a sustentabilidade ambiental e, principalmente, justiça social, em vez da concentração privada do capital que se almeja no estado de Mato Grosso.

Ressaltamos, desse modo, que o jornal *A Gazeta on-line*, de Mato Grosso, não veicula em suas matérias sobre o agricultor camponês no seu território de existência, persistência e resistência da sua identidade, do seu lugar no campo agrário mato-grossense. Para tanto, como não rende lucro em propagar esse discurso nas reportagens não encontramos em nossa pesquisa nada referente a luta cotidiana do trabalho da produção de alimentos saudáveis e que está presente na mesa da população brasileira e mato-grossense.

Ainda, nas matérias, ganham destaque nas edições 26/08/2019 e 1/07/2019 as chamadas: *Representante de 8 indústrias conhecem MT* (Figura 12) e *MT tem 6 entre os 50 maiores do país* (Figura 13). No dizer da reportagem, o jornal aborda acerca

dos representantes de indústrias têxteis de oito países que chegaram em Mato Grosso, para conhecer a Cooperativas e Laboratórios de Análises, os trabalhos e pesquisas desenvolvidos por produtores e algodoeiros do estado (Figura 12). Observamos que *A Gazeta* coloca o agronegócio em evidência nas reportagens veiculadas, isto é, o agronegócio sustenta 6 dos 141 municípios mato-grossense, que apresentam entre os 50 maiores PIB *per capita* do país quais sejam: Campo de Júlio, Santa Rita do Trivelato, Nova Ubiratã, Sapezal, Alto Taquari e Diamantino. Segundo o IBGE de 2016, o município de Campo de Júlio é o primeiro no PIB *per capita* estadual e ocupa a 8<sup>o</sup> posição no *ranking* do país. Entretanto, o agronegócio está fortemente nos seis municípios mato-grossense em expansão de grãos comercial em escala mercantil de exportações (Figura 13).

Na matéria da Figura 12, o discurso da mídia aborda o avanço do agronegócio no estado de Mato Grosso, por meio dos grupos de agricultores do agronegócio, que ampliam seus investimentos em laboratórios de análises de grãos, principalmente, para a agricultura de algodão e soja, no estado que está entre os seis do país, como referência de produção em escala de exportação para os países estrangeiros. A produção de soja no estado de Mato Grosso, embora seja uma cultura que surgiu repentinamente, expandiu de modo avassalador a sua área e produtividade em menos de 30 anos. Porém, em contra partida, a safra de algodão, embora recente, está crescendo em produção significativa no estado, de modo que vem trazendo investimento de alto custo (dólares) dos capitalistas estrangeiros. Assim, o investimento em tecnologia sofisticada de primeira linha e muito capital no campo agrário torna-se notícia fácil para um jornal que ideologicamente se sustenta no capitalismo. Por outro lado, a mídia não retrata em suas pautas, sobre o MST e quanto veicula, valem-se de nomes pejorativos ao movimento como, por exemplos, “fora da lei”, “de vagabundos”, dentre outros.

Figura 11– Publicação da edição de 26/08/2019

Algodão Plúmia (15 kg)		Soja (60 kg)		Milho (60 kg)		Boi Gordo (10 - 15kg)	
Local	Preço (R\$)	Local	Preço (R\$)	Local	Preço (R\$)	Local	Preço (R\$)
Alto Bonito	73,28	Carajás	74,30	Estrelado	24,20	Itambé	191,20
Carajás de Fátima	74,68	Lucas do Rio Verde	72,00	Sagami	24,00	Caldas	138,00
Carajás Verde	78,17	Pomeroy de 1609	79,00	Tupacatiara	23,00	Itambé	138,00
Carajás	78,81	Recipiente	75,30				
Nova Marom	74,47	Serrote	88,20				
Itambé	78,86	Sorriso	71,00				
Itambé	75,24						
Sorriso	78,47						

## Terra e Criação

### Compradores de algodão

# Representantes de 8 indústrias conhecem MT

**Seu Brasil**  
 Representantes de indústrias brasileiras de algodão visitaram Mato Grosso para conhecer o estado e a produção de algodão. O grupo foi recebido em Mato Grosso por representantes do setor e autoridades locais. O grupo também participou de uma reunião com representantes de indústrias brasileiras de algodão e algodão de fibra curta. O grupo também participou de uma reunião com representantes de indústrias brasileiras de algodão e algodão de fibra curta. O grupo também participou de uma reunião com representantes de indústrias brasileiras de algodão e algodão de fibra curta.



México é realizado pela Algora desde 2016 para trazer indústrias locais de diversas partes do mundo

participação de indústrias de Mato Grosso, responsável por quase 70% da produção nacional de algodão. Em uma reunião com representantes de indústrias brasileiras de algodão e algodão de fibra curta, o grupo também participou de uma reunião com representantes de indústrias brasileiras de algodão e algodão de fibra curta. O grupo também participou de uma reunião com representantes de indústrias brasileiras de algodão e algodão de fibra curta.



Clube de apoio do Mato Grosso em defesa da produção de algodão

Fonte: Site do jornal A Gazeta on-line

Figura 13 - Publicação da edição de 01/07/2019

Algodão Plúmia (15 kg)		Soja (60 kg)		Milho (60 kg)		Boi Gordo (10 - 15kg)	
Local	Preço (R\$)	Local	Preço (R\$)	Local	Preço (R\$)	Local	Preço (R\$)
Alto Bonito	73,28	Carajás	74,30	Estrelado	24,20	Itambé	191,20
Carajás de Fátima	74,68	Lucas do Rio Verde	72,00	Sagami	24,00	Caldas	138,00
Carajás Verde	78,17	Pomeroy de 1609	79,00	Tupacatiara	23,00	Itambé	138,00
Carajás	78,81	Recipiente	75,30				
Nova Marom	74,47	Serrote	88,20				
Itambé	78,86	Sorriso	71,00				
Itambé	75,24						
Sorriso	78,47						

## PIB per capita

# MT tem 6 entre os 50 maiores do país

Com uma população de 2,5 milhões e um PIB per capita de R\$ 12,5 mil, Mato Grosso está entre os estados com o maior PIB per capita do Brasil. O estado também possui o maior PIB per capita entre os estados com menos de 5 milhões de habitantes.



Agropecuária continua a ser o principal setor econômico do estado

produção de R\$ 27,4 bilhões. Quanto à produção de algodão, o estado possui o maior PIB per capita do Brasil. O estado também possui o maior PIB per capita entre os estados com menos de 5 milhões de habitantes.



Reunião com representantes de indústrias e produtores locais

Com uma população de 2,5 milhões e um PIB per capita de R\$ 12,5 mil, Mato Grosso está entre os estados com o maior PIB per capita do Brasil. O estado também possui o maior PIB per capita entre os estados com menos de 5 milhões de habitantes.

Com uma população de 2,5 milhões e um PIB per capita de R\$ 12,5 mil, Mato Grosso está entre os estados com o maior PIB per capita do Brasil. O estado também possui o maior PIB per capita entre os estados com menos de 5 milhões de habitantes.

Reunião com representantes de indústrias e produtores locais

Fonte: Site do jornal A Gazeta on-line

Com isso, podemos dizer que o jornal *A Gazeta on-line*, neste contexto do avanço do latifúndio, dá visibilidade ao agronegócio como o grande responsável pela produção de alimentos, da socioeconômica, da cultura, da política do país e do estado de Mato Grosso. Podemos indagar: Por que a mídia cria esse imaginário de que o agronegócio é responsável pelo desenvolvimento do país? O que tem sustentado o discurso da mídia na defesa do agronegócio? Podemos dizer que há um jogo de interesse e lucro por parte da mídia em somar seu capital. Conforme Ferreira (2012, p. 92),

A mídia, denominada de “imprensa burguesa”, é apontada como tendo um papel que dá apenas uma ilusão de democracia, funcionando como controle social. A democracia somente poderá efetivar-se caso haja controles democráticos sobretudo sobre a mídia. O Brasil, talvez seja o país do mundo em que está mais claro como a burguesia usa os seus meios de comunicação. Em primeiro lugar, para ganhar

dinheiro. É apenas uma fonte de lucros. Em segundo lugar, é articulada de forma oligopólica para controlar o que o povo deve ver e ler. Em terceiro, como dizia Gramsci, nos países periféricos a burguesia não usa partidos políticos institucionais para fazer a luta ideológica. Os partidos institucionais servem apenas para ascensão a cargos públicos, e “a verdadeira luta ideológica nos países periféricos é feita através da imprensa”, diz Stédile (2010).

Com Ferreira (1992), podemos ver que a mídia é considerada “imprensa burguesa”, porque está a serviço do capital. O interesse dessas empresas é o lucro. Ela imaginariamente tem um papel democrático, mas funciona como um controle social, determinando o que o povo deve ler e compreender as questões sociais. A imprensa a serviço da burguesia, como diz Gramsci (*apud* Ferreira, 2012, p. 92), é que trava a luta ideológica nos países periféricos.

A existência de grupos capitalistas de empresas midiáticas nacionais, que dominam preeminentemente no Brasil e no estado de Mato Grosso são resultado de concessões que vêm geralmente de apoio político, trocas de favores, benefícios mútuos e planos públicos e privados, tudo, em vantagens próprias.

Nas edições de 19/08/2019 e 24/07/2019, incluídos nas chamadas da vinculação ao tema: *Agricultura Familiar é Mapeada* (Figura 13) e *Agricultura Familiar* (Figura 14), podemos ver o jornal apontar o mapeamento que será feito por sistema de aplicativo que ajudará a traçar um retrato preciso referente à agricultura familiar nas pequenas propriedades mato-grossenses, segundo a EMPAER e SAGae (Sistema de Acompanhamento e Gerenciamento das Atividades das Empresas Mato-grossense de Pesquisa, Assistência e Extensão Rural) e pretende terminar esse mapeamento até final de 2020.

Essa plataforma digital armazenará os dados coletados das pequenas propriedades dos agricultores familiares e dará acompanhamento e assistência técnica rural, bem como monitorará o ganho social dos produtores familiares no campo mato-grossense (Figura 14). Em relação à matéria de 24/07/2019, o jornal traz que a agricultura familiar, na realidade, consiste no cultivo da produção de alimentos por pequenos produtores e é, na maior parte, do mesmo grupo familiar. Por estas questões, a agricultura familiar se destaca, ganhando mais espaços no cenário econômico, climático e científico, sendo a responsável pela renda de 40% da

população ativa no país, bem como por mais de 70% de renda ativa dos brasileiros na produção no campo.

Figura 12 - Publicação da edição de 19/08/2019

**A Gazeta** - Edição de 19/08/2019

Algozes (16h-18h)	Seja (18h-19h)	Milho (19h-20h)	Boi Gordo (21h-23h)
Algozes (16h-18h)	Seja (18h-19h)	Milho (19h-20h)	Boi Gordo (21h-23h)
Algozes (16h-18h)	Seja (18h-19h)	Milho (19h-20h)	Boi Gordo (21h-23h)
Algozes (16h-18h)	Seja (18h-19h)	Milho (19h-20h)	Boi Gordo (21h-23h)
Algozes (16h-18h)	Seja (18h-19h)	Milho (19h-20h)	Boi Gordo (21h-23h)

**Terra e Criação**

**Tecnologia**

## Agricultura familiar é mapeada

**Sua Bem**

Um levantamento realizado pelo Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) revelou que há cerca de 10 milhões de produtores rurais no Brasil, sendo que 70% são agricultores familiares. O estudo também aponta que a agricultura familiar representa 24% do PIB brasileiro e emprega cerca de 20 milhões de pessoas.

**Mulheres no Campo**

## Programa prevê 40 ações

O Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA) anunciou um programa para apoiar as mulheres no campo. O programa prevê 40 ações, incluindo cursos, capacitação e acesso a crédito. O objetivo é fortalecer o papel das mulheres na agricultura familiar e promover a igualdade de gênero no setor.

**Atas de reunião**

Atas de reunião do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) sobre o tema "Agricultura Familiar e Inovação".

Fonte: Site do jornal A Gazeta on-line.

Figura 13 - Publicação da edição de 24/07/2019

**A Gazeta** - Edição de 24/07/2019

# Aparte

**Ruça**

Um projeto de lei do Senado (PLS 358) que altera o Código de Processo Civil (CPC) para permitir a realização de audiências de conciliação por videoconferência foi aprovado pelo Senado em 24 de julho.

**Atenções**

Um projeto de lei do Senado (PLS 358) que altera o Código de Processo Civil (CPC) para permitir a realização de audiências de conciliação por videoconferência foi aprovado pelo Senado em 24 de julho.

**Apostas**

Um projeto de lei do Senado (PLS 358) que altera o Código de Processo Civil (CPC) para permitir a realização de audiências de conciliação por videoconferência foi aprovado pelo Senado em 24 de julho.

**Farpas**

Um projeto de lei do Senado (PLS 358) que altera o Código de Processo Civil (CPC) para permitir a realização de audiências de conciliação por videoconferência foi aprovado pelo Senado em 24 de julho.

**Quem não ganha**

Um projeto de lei do Senado (PLS 358) que altera o Código de Processo Civil (CPC) para permitir a realização de audiências de conciliação por videoconferência foi aprovado pelo Senado em 24 de julho.

**Holofotes**

Um projeto de lei do Senado (PLS 358) que altera o Código de Processo Civil (CPC) para permitir a realização de audiências de conciliação por videoconferência foi aprovado pelo Senado em 24 de julho.

**Disputa**

Um projeto de lei do Senado (PLS 358) que altera o Código de Processo Civil (CPC) para permitir a realização de audiências de conciliação por videoconferência foi aprovado pelo Senado em 24 de julho.

**Questões da ferrovia**

Um projeto de lei do Senado (PLS 358) que altera o Código de Processo Civil (CPC) para permitir a realização de audiências de conciliação por videoconferência foi aprovado pelo Senado em 24 de julho.

**Agricultura familiar**

Um projeto de lei do Senado (PLS 358) que altera o Código de Processo Civil (CPC) para permitir a realização de audiências de conciliação por videoconferência foi aprovado pelo Senado em 24 de julho.

Fonte: Site do jornal A Gazeta on-line.

Nesse contexto, a produção dos pequenos agricultores é de produzir uma agricultura de alta qualidade de alimentos saudáveis para o sustento das suas famílias e, apenas, o excedente é usado para produzir o mercado. Historicamente, as famílias camponesas em sua forma social brasileira, com seus diferentes modos de existência, expressam de um mundo econômico, social, político e cultural. Produzem, se reproduzem e se confirmam em conexão com outros sujeitos sociais, estabelecendo assim seus próprios aspectos, seja no que se refere ao modo de produção, seja pela combinação da vida comunitária, ou seja, na forma de convivência com a natureza.

A produção dos pequenos agricultores apresenta um diferencial na alimentação dos familiares. A qualidade é a reprodução social dos próprios trabalhadores diretos, diferente das grandes empresas, que lucram com base no trabalho remunerado. Os

agricultores camponeses têm atuado em movimentos sociais como o MST, porque estão envolvidos com a sociedade e entendem que a terra é condição necessária para reproduzir seu modo de vida, por isso, estabeleceram um espaço de luta e resistência, por meio do movimento espacial. Com o tempo, através da luta, ocupação de terras etc., eles constroem e conquistam e/ou reconquistam parte do território. (Pereira, 2009).

Já Caldart (2012, p. 30 e 31) afirma que,

O uso corrente da expressão agricultura camponesa por amplas parcelas das próprias famílias camponesas no processo de construção da sua identidade social, pelos movimentos e organizações populares no campo, por organismos governamentais, pela intelectualidade acadêmica e por parcela dos meios de comunicação de massa tem sido crescente nas últimas décadas. Isso decorre, por um lado, da aceitação da concepção, no Brasil contemporâneo, de que a agricultura camponesa é expressão de um modo de se fazer agricultura distinto do modo de produção capitalista dominante, e, nesse sentido, o campesinato se apresenta na formação social brasileira com uma especificidade, uma lógica que lhe é própria na maneira de produzir e de viver, uma lógica distinta e contrária à dominante.

Isso significa que os agricultores camponeses são vistos, como um conjunto de famílias camponesas que existem em um território, ou seja, no contexto das relações sociais, essas relações sociais se materializam no uso das regras de liberdade conferidas na delimitação do espaço geográfico pela natureza, cultura e política. Isso contribui para uma visão de que a agricultura camponesa está ligada à produção de diversos alimentos, promovendo assim a criação de mais oportunidades de emprego por meio da contratação de mão de obra familiar, dentre as quais a finalidade da produção camponesa não é apenas para o mercado, mas principalmente para a subsistência da família e apenas o excesso é destinado ao mercado. No entanto, isso nada é retratado nas matérias veiculadas no jornal *A Gazeta on-line*. Com isso, podemos dizer que o jornal não dá espaço aos camponeses, no sentido de mostrar a luta, conquista e resistência desses trabalhadores por um pedaço de terra no território agrário mato-grossense.

Sobre isso, Pereira (2009, p. 05) vai dizer que,

Assim, o campesinato tem se recriado, mesmo dentro da produção capitalista, pois o capitalismo gerou na economia brasileira a economia de fronteira, o progresso de algumas áreas, a exemplo de muitos municípios matogrossense, oriundos do processo de expansão da fronteira agrícola, tem sido sinônimo de crescimento econômico, com base na exploração dos recursos naturais. Baseado na economia de fronteira, ele evoluiu, com a contribuição da academia, para o padrão de desenvolvimento sustentável, que objetiva a eficiência máxima e o desperdício mínimo quanto ao uso dos recursos naturais. E essas áreas de fronteira tem se constituído o lócus da reprodução do campesinato, que se encaminha para essas localidades como pioneiros, abrindo a terra, atribuindo valor a terra, possibilitando que uma segunda leva de produtores capitalizados se instalem nessas áreas.

E mais, o autor (2009, p. 5) ainda ressalta que:

[...] esta produção capitalista nas áreas de fronteira, tem sido acompanhado de desmatamentos e outros impactos no ambiente, por isso mais recentemente, os grandes proprietários de terra encontraram no discurso do desenvolvimento sustentável, mais uma alternativa que o capital buscou para se perpetuar. E tem se perpetuado nas áreas mais longínquas, tidas historicamente como áreas de fronteira e que ainda preservam recursos naturais como a Amazônia Legal (criada pelos governos militares) onde se insere todo o Estado de Mato Grosso. O paradigma do desenvolvimento sustentável tem tido como aliado grupos que historicamente tiveram uma ideologia contrária à expansão capitalista na Amazônia, como os agricultores familiares ligados a CPT, ao MST e ONGs. Muitas ONGs têm se apoiado no GTA (Grupo de Trabalho Amazônico), presente no norte do Estado de Mato Grosso. Por isso, o uso da expressão desenvolvimento sustentável, precisa ser questionado, neste texto pois, o Estado de Mato Grosso, é governado pelo maior produtor individual de soja do mundo, que não tem um entendimento do ambiente, mas a certeza de que o estado tem muitas terras e é possível utilizá-las de forma sustentável.

Isso explica, de acordo com Calaça *et al.*, “[...] a luta histórica da agricultura camponesa para resistir e reafirmar seu modo de produzir, seu modo de vida [...]”, (2013, p. 213) sendo que, “[...] a resistência é a expectativa de garantir seu futuro, a permanência e o desenvolvimento sustentável do campo” (CALAÇA *et al.*, 2013, p. 213).

Nesse aspecto, Oliveira (2007) afirma que o avanço do modo capitalista de produção é compreendido como um processo contraditório de reprodução, pois acrescenta ao capital a criação capitalista de vínculos não-capitalistas de produção,

visto que o capital de tal maneira se reproduz, ou seja, eles integram as suas contradições. Assim, desta maneira:

O campesinato deve, pois, ser entendido como classe social que ele é. Deve ser estudado como um trabalhador criado pela expansão capitalista, um trabalhador que quer entrar na terra. O camponês deve ser visto como um trabalhador que, mesmo expulso da terra, com freqüência a ela retorna, ainda que para isso tenha que (e)migrar. Dessa forma, ele retorna à terra mesmo que distante de sua região de origem. É por isso que boa parte da história do campesinato sob o capitalismo é uma história de (e)migrações (Oliveira, 2007, p. 11).

No entanto, Oliveira (2007) enfatiza que a produção dos agricultores camponeses, que produzem seus alimentos no campo, é para a sobrevivência e não para afins lucrativos, o que significa que, parte do trabalho dos agricultores camponeses, na sua produção agrícola, entra no consumo direto dos produtores como intermédio de subsistência instantânea. A outra parte, o excedente, entra como uma forma de mercadoria e é mercantilizada.

É nesse contexto que Oliveira (2007, p. 40) nos afirma a diferença entre a produção camponesa e a produção capitalista:

Por isso é mister a distinção entre a produção camponesa e a produção capitalista. Na produção capitalista, ocorre o movimento de circulação do capital expresso nas fórmulas:  $D - M - D$  na sua versão simples, e  $D - M - D'$  na sua versão ampliada. Já na produção camponesa, se está diante da seguinte fórmula  $M - D - M$ , ou seja, a forma simples de circulação das mercadorias, onde a conversão de mercadorias em dinheiro se faz com a finalidade de se poder obter os meios para adquirir outras mercadorias igualmente necessárias à satisfação de necessidades. É, pois, um movimento do vender para comprar.

Sobre esse sentido, é relevante que se tenha e conduza prioridades alternativas da produção no campo, assegurando a sociobiodiversidade, a demarcação do tamanho das propriedades e, principalmente, a policultura e a produção de alimentos sem transgênicos e agrotóxicos. Sendo que, em uma forma geral, isso é recíproco das características de produção da agricultura camponesa do campo. Dessa forma, é possível que a produção no campo agrário seja uma realidade que não destrua o meio-ambiente e, assim, possa preservá-lo para as futuras

gerações. Dentro dessa perspectiva, é possível construir uma vida digna no campo para seus indivíduos, desterritorializando o capital e territorializando os camponeses.

Diante disso, como já apontado nos capítulos anteriores, a geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico e a relação entre as pessoas e o meio que nele se estabelece. Porém, o espaço geográfico está constantemente sendo transformado pelas pessoas no cotidiano do dia a dia. É importante destacar que o conteúdo de pesquisa da geografia é difícil de definir, por se tratar de uma ciência horizontal com uma ampla gama de campos de pesquisa, e a mesma, mantém conexões com outras disciplinas, ultrapassando assim o seu próprio conhecimento. Esta compreensão das mudanças geoespaciais e humanas ajudam a compreender e analisar criticamente a nossa própria existência, permitindo-nos imaginar situações futuras e a resolver problemas acerca das questões do passado, do presente e a possibilidade de retratar avanços compreensivos para o futuro. A geografia promove o estudo da interação entre sociedade e espaço, abrangendo aspectos políticos, socioeconômicos e culturais.

Como pudemos ver nas análises das matérias publicadas no jornal *A Gazeta* no Estado de Mato Grosso, em sua versão *on-line* em relação à questão agrária, quase sempre se mostraram contraditórias, não retratando a natureza das ações/práticas dos movimentos sociais e do desenvolvimento dos sujeitos do campo. Pudemos observar que notícias/fatos/informações sobre o campo mato-grossense sempre têm influência da ideologia capitalista, que não permite discussões mais amplas ou a formação de uma consciência crítica sobre o assunto e sobre a realidade dos sujeitos que produzem e reproduzem suas vidas no campo brasileiro e mato-grossense. Pois como pudemos ver, os espaços para a questão agrária nessa imprensa favorecem o agronegócio que produz grãos, visando lucros, bem como apaga a versão dos camponeses sobre a luta e o seu modo de pensar a agricultura. Assim os sentidos produzidos pela mídia sobre a questão agrária vão formar na sociedade um ponto de vista sobre o agronegócio como aquele que põe à mesa a comida da população, que gera emprego e renda para as famílias e contribui para o desenvolvimento do estado e do país.

No que diz respeito à discussão do dilema da questão agrária e de suas variantes, as notícias veiculadas na mídia distorcem a realidade posta no país. O

campo é usado como um espaço de produção para ajustes de preços, retratado como um fator positivo, eficiente pelas tecnologias avançadas a fim de alcançar grande escala mercantil de exportações. Quando a informação remete ao modo de produção camponesa, a agricultura familiar, a área rural é tida como espaço de convivência; ou seja, não há aprofundamento dos problemas, da desigualdade de oportunidades e dos grilhões de impostos pelas grandes corporações ao pequeno produtor.

A forma como é divulgada a notícia é uma experiência pré-formada do mediador e de seu sistema de inserção, ou seja, a mídia (televisão, jornais e revistas) é considerada um importante canal informativo da população. Por meio de opiniões, veladas ou expressas, subjazem discursos culturalmente ideológicos e hegemônicos, repassados para a população mais necessitada do país, que utiliza a mídia como sendo a única opção de conhecimento, lazer e interatividades.

A mídia faz parte da dinâmica da sociedade e ajuda a formar ideias e preconceitos por meio de seu ideário. Dessa forma, o discurso das notícias desempenha dois papéis relacionados: narrar notícias, esforçar-se para ser objetivo e justo e, assim, alcançar, portanto, sua função de informação; a outra se expressa por meio do significado e do sistema de valores relacionados ao veículo, é o assunto da expressão.

## **5. 2 O que dizem os jornalistas a respeito da questão agrária em Mato Grosso**

Com o objetivo de conhecer o que os jornalistas de Mato Grosso pensam em relação ao nosso objeto de estudo, aplicamos um questionário a um grupo de 20 jornalistas que atuam em várias instituições de comunicação no estado, como detalhamos na metodologia desta pesquisa. Enviamos um roteiro de entrevista para que eles respondessem algumas perguntas a respeito da questão agrária, desse modo, a seguir apresentamos as perguntas e respostas de alguns jornalistas.

Como pudemos ver até aqui, as matérias analisadas e publicadas no jornal *A Gazeta* de Mato Grosso abordam os temas da agricultura de forma superficial, sem aprofundar a questão agrária no que tange às questões que envolvem a má distribuição de terra no Brasil e no estado de Mato Grosso. Isto significa, que a questão

agrária é resultado do contexto histórico, político, social e econômico do período colonial até o presente, levando a drásticas mudanças sociais, territoriais e ambientais na esfera da agricultura camponesa.

No campo, as lutas dos movimentos sociais existentes mostram que tais lutas são desiguais e os trabalhadores rurais se unem para lutar pelos direitos à reforma agrária, pela manutenção da agricultura camponesa, pelos direitos de propriedade ecológica e pela permanência no campo com suas famílias para produzirem alimentos saudáveis.

Neste tocante, a explanação da prática de sistema mercantil/lucro intensivo do agronegócio coaduna-se à mídia jornalística, como principal órgão de cooperações de interesses lucrativos, contribuindo para a concretização do processo de expansão do capitalismo, no Brasil e no estado de Mato Grosso. Nesse sentido, a mídia propaga a sua ideologia em uma versão realista das condições em que se encontra a sociedade atualmente, isto é, modificando completamente a seu sistema econômico, sistema político, bem como o sistema cultural no país.

Diante desse cenário, formulamos onze perguntas (Apêndice) para entrevistar alguns jornalistas sobre a mídia jornalística e a questão agrária nacional e estadual, buscando compreender os seus posicionamentos pessoais sobre a temática, bem como as avaliações que eles fazem do discurso da mídia jornalística sobre as questões agrárias em Mato Grosso.

Assim, procuramos trazer para reflexão alguns recortes das respostas dos jornalistas entrevistados, que comentam sobre o que diz a mídia jornalística, no que se refere à questão agrária em Mato Grosso. Quando perguntamos sobre a concepção acerca das matérias e ou conteúdos jornalísticos *on-line* acerca da questão agrária em Mato Grosso e se o que tem saído na sua visão favorece a grande ou a pequena agricultura, o Jornalista 01 (2021) respondeu:

**Pesquisadora:** Qual a sua concepção sobre as matérias e ou conteúdos jornalísticos *on-line* sobre a questão agrária em Mato Grosso? O que tem saído na sua visão favorece a grande ou a pequena agricultura?

**Jornalista:** O conteúdo jornalístico produzido em Mato Grosso, em sua grande maioria, no que diz respeito à questão agrária, favorecem o agronegócio e “compram” o discurso do agro como força motriz da economia e gerador de prosperidade. No geral, a pauta dos veículos

de comunicação favorece a grande agricultura, dando destaque para pautas das entidades como Aprosoja, Famato, Acrimat, Ampa, etc. (Jornalista 01, 2021).

Como podemos ver na resposta do jornalista, o favorecimento da mídia ao agronegócio é evidente nas matérias veiculadas, por exemplo: no site eletrônico de jornais, podemos ver nas chamadas que o agronegócio é o grande precursor de alimentos saudáveis para a população. Nessa compreensão, a mídia jornalística opera segundo uma lógica dual: a primeira como uma lógica econômica, fazendo com que cada instituição de informação opere como uma empresa que tenha a finalidade de fabricar um produto que é determinado por sua posição no mercado de bens de consumo (agronegócio) para a sociedade em geral. A segunda é uma lógica simbólica, para que toda instituição da informação tenha a missão de comunicar a construção da opinião pública, não dando chance para que a mesma tenha opinião própria.

Sobre essa questão, Volanin (2007, p. 10) vai dizer que a mídia é

[...] como um meio ideológico e articulador. Não deixa de ser uma poderosa arma manipulada por poderosos agentes do capital, do estado e do mercado. Todo e qualquer “estorvo” que venha em percurso desordenar tal processo, a mídia tem a função desarticuladora e ideológica frente a sociedade [...].

Além do mais, a mídia jornalística é uma empresa que visa ao lucro com a expansão do mercado consumidor de seu conteúdo de informação a partir das suas publicações. Outro jornalista ao responder a mesma questão, referente as matérias produzidas e veiculadas na mídia, disse:

**Jornalista:** Acredito que a cobertura ainda é muito declaratória e favorável ao setor. Ou seja, se tem pouca investigação e ao mesmo tempo, você tem os veículos sempre com o editorial comprometido com o governo ou o setor, já que o Agronegócio em Mato Grosso é a maior força política do Estado, muito mais do que partido. Ainda assim você tem repórteres que conseguem quebrar essa barreira. Mas isso é muito culpa de como é a relação imprensa e verba publicitária pública, e não especificamente dos jornalistas (Jornalista 02, 2021).

Mais uma vez, podemos ver a denúncia do favorecimento da mídia/da imprensa aos grandes capitalistas (agronegócio), deixando os pequenos, os agricultores camponeses, sem visibilidade uma vez que como vimos publica-se muito pouco a respeito do homem do campo. Conforme o entrevistado, há um atrelamento, comprometimento dos empresários capitalistas da grande mídia com o governo e com o setor no agronegócio, e isso direciona as matérias. Interessante observar que a fala do jornalista procura isentar a função do jornalista, na medida em que responsabiliza a própria imprensa quando diz: “Mas isso é muito culpa de como é a relação imprensa e verba publicitária pública, e não especificamente dos jornalistas”. (*Ibidem*)

Hoje, o cenário que se apresenta como o modelo capital da agricultura tecnológica, conhecido como o agronegócio, usa seus próprios meios para intimidar os trabalhadores camponeses, expulsando das suas terras de forma desumana e com extrema violência. E nesse embate, os capitalistas, contam com total apoio do estado, que determina o uso de forças policiais para tirá-los de suas terras de origens.

Sobre a influência na comunicação da mídia jornalística *on-line* com a sociedade, na visão dos jornalistas, vejamos o que disse o jornalista 02:

**Pesquisadora:** Você acredita que a mídia jornalística *on-line* tem influência na comunicação com a sociedade?

**Jornalista:** Sim. E muito. Hoje com a interconectividade da população através dos *smartphones*, as informações influenciam em muito a opinião da população. Porém, cabe aos veículos de comunicação atrair a sociedade para que se aprofundem nos conteúdos produzidos. (Jornalista 02, 2021).

Como podemos observar, o jornalista menciona que com o avanço tecnológico a mídia aumenta a sua conectividade com a população. A marca da sociedade moderna é uma novidade explanada, que permeia todas as áreas dessa sociedade que é a existência ou onipresença dos chamados meios de comunicação que surge absurdamente no espaço da sociedade, em um crescimento lucrativo e sem nenhuma interrupção. Portanto, vivemos em uma sociedade, intrinsecamente contaminada, dependente da mídia e de uma cultura afloradamente determinada por ela. E mais, desde a economia, a política, a educação, religião, a cultura, o esporte, o lazer, dentre tantas outras áreas, todas têm uma relação profunda com a mídia.

Ainda sobre a influência que a mídia exerce sobre a sociedade, o Jornalista 03 respondeu:

**Jornalista:** Tem influência sim. Mas, em Mato Grosso, a mídia *on-line* fica um pouco restrita aos formadores de opinião. O grande público mato-grossense ainda não se interessa por assuntos políticos (ou específicos como a questão agrária) locais, quando se informa fica restrito aos assuntos nacionais notadamente neste período de acirramento entre grupos apoiadores e opositores do presidente Bolsonaro. No mais, se interessa por assuntos relacionados a celebridades e outras futilizes (Jornalista 03, 2021).

Para o jornalista, os mato-grossenses demonstram pouco interesse sobre a questão agrária e assuntos do estado, estão mais voltados para as questões nacionais como o acirramento entre os pró e contra o presidente e as questões de celebridades. No entanto, a mídia jornalística e políticos podem usar estratégias para se impor à opinião pública. Uma delas é invocar opiniões para tentar influenciar o comportamento de outros sujeitos, ou seja, prever os possíveis julgamentos da comunidade. O que permite que a mídia e os participantes políticos realizem manipulação intersubjetiva. Portanto, tanto a mídia quanto os políticos têm a responsabilidade de disseminar as opiniões que surgem em uma determinada sociedade.

Se uma opinião interfere na ilegalidade do comportamento de um agente político, ou mesmo interfere nas crenças do público, então a opinião não será manipulada, mas na verdade é um grande manipulador. Isto significa, que a ilegalidade é considerada manipulação devido à possibilidade de gerar desigualdade, ou seja, satisfazer os objetivos dos fortes, mas não atende aos objetivos dos fracos. Portanto, a manipulação é baseada nas consequências sociais que produz.

Em relação ao dizer midiático sobre a questão agrária, o Jornalista 02 respondeu:

**Pesquisadora:** Qual o processo da ação o dizer midiático a respeito do dilema da questão agrária mato-grossense – nesse caso, do jornalismo *on-line* – é capaz de produzir na sociedade?

**Jornalista:** É possível sim, porém, é preciso superar algumas barreiras comerciais e editoriais dos veículos. O setor do Agronegócio é uma força política em nosso estado, e não apenas econômica. E uma das formas de superar essa barreira é o apoio ao jornalismo profissional e mais investimentos na educação para que os

profissionais da imprensa compreendam o seu papel dentro da sociedade. (Jornalista 02, 2021).

O jornalista 02, aponta um ponto interessante sobre a questão agrária no estado, qual seja, que o agronegócio é uma força política em Mato Grosso. E ela acaba direcionando os sentidos que são veiculados pela grande mídia. Como fugir dessa rede de sentidos, como democratizar a comunicação/a informação? Como criar espaço na mídia para o pequeno produtor, o camponês? No discurso do jornalista, é preciso investir na formação de profissionais para atuar no jornalismo, que compreendam o seu papel e assim possam romper com o modo como as coisas funcionam atualmente, em que prevalece nas matérias uma ideologia capitalista sobre a questão agrária.

No que tange ao problema da questão agrária, atualmente, é importante ressaltar que o agronegócio aprofundou seu investimento em novas tecnologias de produção, cujo principal objetivo é realizar a territorialização e a acumulação de capital nos territórios ocupados e dominados por grandes empresas nacionais e multinacionais. Esse modelo atual de produção, implantado pelo agronegócio, aumentou ainda mais o problema da questão agrária, agravando as desigualdades no campo como: a concentração de terras e renda, a destruições e envenenamento dos recursos naturais, a expropriação e exclusões dos agricultores camponeses. Com esses métodos de expansão da produção capitalistas (agronegócio), intensificam-se cada vez mais os conflitos territoriais, ambientais e de disputa de terras nas comunidades camponesas.

Sobre essa mesma questão, outro jornalista respondeu:

**Pesquisadora:** Qual o processo da ação o dizer midiático a respeito do dilema da questão agrária mato-grossense – nesse caso, do jornalismo on-line – é capaz de produzir na sociedade?

**Jornalista:** A mídia local não se aprofunda nos assuntos. Primeiro porque não interessa aos veículos. Segundo porque é um tipo de pauta jornalística cuja produção demanda tempo e estrutura (ouvir pessoas, deslocamentos geralmente para regiões longe da capital, etc. Então, mesmo a cobertura das questões agrárias locais acabam sendo pautadas por veículos nacionais que se dedicam a esse assunto nacionalmente (Jornalista 03, 2021).

Para o Jornalista 03, a mídia local não aprofunda sobre o dilema da questão agrária. Um dos argumentos é que demanda custo, pois teriam que ouvir os pequenos produtores, que demanda tempo e estrutura para isso. Na fala do jornalista, percebemos que tem mídia que se interessa por essas questões, que são as nacionais, que trabalham com esses temas. Esse discurso naturaliza o papel da mídia na veiculação de informação para o público mato-grossense. A sociedade não tem o direito de saber de tudo? Não é papel dos meios de comunicação ouvir os dois lados da agricultura no estado, o pequeno agricultor e o agronegócio? Onde está a imparcialidade da imprensa? Só no papel? Como vimos mostrando nas análises, a imparcialidade é imaginária, uma vez que a mídia só tem mostrado a visão de um grupo, a do agronegócio.

A mídia jornalística, historicamente, surge como um paradigma de mercado para o lucro. Nesse sentido, é preciso refletir sobre a geração e a atuação das diversas nuances do discurso do campo brasileiro, bem como no estado de Mato Grosso. Entretanto, a mídia não discute com intensidade as questões do campo agrário que estão expostas a desigualdades de rendas, a concentração de terra que nesse sentido, somente os capitalistas (agronegócio) apropriam-se com profundidade o bem mais precioso que é a terra, trazendo a destruições total, desse bem, que é para todos.

Desse modo, concordamos com Volanin, (2007, p. 14) quando diz: “[...] o discurso da manutenção da ordem social e a ideologia dominante retransmitido pela mídia fazem esconder as injustiças sociais, a concentração de rendas, desigualdades sociais e a manutenção do poder e do sistema capitalista”. É isso que vimos nas matérias analisadas pelo jornal *A Gazeta on-line* em Mato Grosso, ao dar notoriedade ao agronegócio, a mídia omite, esconde a agricultura familiar, bem como a injustiça social, a desigualdade. Assim, o modo como a mídia tem divulgado a questão agrária, no estado, acaba direcionando a sociedade para uma determinada interpretação da realidade, promovendo uma verdadeira inversão de valores sociais, ou seja, até distorções em questões históricas pela mídia.

Vamos analisar o que outro jornalista respondeu:

**Pesquisadora:** Qual a sua opinião sobre as questões agrárias no Brasil e em Mato Grosso?

**Jornalista:** É um dos principais gargalos que o Brasil possui. Por ter sido uma colônia, e a nossa elite, herdeira da escravocracia, a concentração de terras se fortaleceu ao longo dos séculos. Ao mesmo tempo, temos um parlamento dominado e financiado pela Agropecuária. Ou fazemos uma ruptura brusca com esse modelo político e avançamos em reformas estruturantes, ou cada vez mais o conflito agrário ceifará a vida dos brasileiros do campo (Jornalista 02, 2021).

O Jornalista 02, ao refletir sobre a questão agrária, remete o seu dizer a história de colonização, o que é muito importante porque os conflitos entre agricultura familiar e o agronegócio se assentam nessa história. Diante disso, o jornalista propõe uma ruptura com o modelo político vigente a partir de uma reforma estruturante. Essa proposta é ousada, e bem sabemos que seria possível se houvesse vontade política, os movimentos sociais há muito tempo tentam mudar essa situação, mas como ela não acontece o camponês resiste de muitas formas.

A luta pela terra no Brasil decorre do desenvolvimento desequilibrado e contraditório da expansão do capitalismo nas áreas rurais do país. Isto é, na sociedade, pois a cidade reflete esta lógica desigual e combinada das contradições do campo/floresta e vice-versa. No entanto, a concentração de terras é o legado cravado pela ocupação portuguesa, onde adquiriam seus lucros através da escravidão e da monocultura em favorecimento do mercado externo. Assim, segundo Martins, “A história da moderna burguesia brasileira é, desde o começo, uma história de transações com o Estado, de troca de favores (1994, p. 30-31). Desde então, estamos à mercê de um governo que nada faz para minimizar esses caos implantados, historicamente, no país. Cada vez mais, fica pior a situação exposta como: a economia, a educação, o desemprego, a fome e a miséria no país. E, a palavra final dita para este governo são das elites capitalistas, que dominam com suas ideologias hegemônicas, agravando ainda mais, o contexto dos problemas que o país atravessa.

Em relação a essa mesma questão, outro jornalista responde. Vejamos:

**Pesquisadora:** Qual a sua opinião sobre as questões agrárias no Brasil e em Mato Grosso? Assim, segue a resposta:

**Jornalista:** Eu vejo a questão agrária como reflexo da desigualdade e da história de colonização brasileira e, desde então, os governos têm

atuado de forma paliativa e que a questão deveria ser enfrentada de forma mais estrutural com uma reforma decente. (Jornalista 03, 2021).

Como podemos observar, a questão agrária é apontada como reflexo da desigualdade e da história de colonização. Assim podemos dizer que a questão agrária é compreendida como desigualdade extrema no Brasil, bem como no estado de Mato Grosso. Pensar a questão agrária de forma mais estruturada e satisfatória, que seja, realmente, seria importante para o desenvolvimento social e soberania alimentar do país. Entretanto, “A questão agrária está ligada às transformações nas relações sociais e trabalhistas de produção: como se produz, de que forma se produz (SILVA, 1984, p. 5).

Desta forma, questionamos aos jornalistas seus pontos positivos e negativos sobre a Reforma Agrária. Vejamos a resposta de dois jornalistas:

**Pesquisadora:** No seu ponto de vista, quais seriam os pontos positivos e negativos da Reforma Agrária no Brasil e, em especial, no estado de Mato Grosso?

**Jornalista:** Pontos positivos são assentamentos que deram certo e se transformaram em municípios prósperos. Pontos negativos, assentamentos que existem há décadas sem que o Incra seja capaz sequer de fazer o processo de titulação das terras. (Jornalista 01, 2021).

**Jornalista:** Acredito que não temos um projeto de reforma agrária de verdade no Brasil. Todos os governos que passaram, não tiveram a coragem de enfrentar esse problema nacional. Então teríamos que começar do zero. (Jornalista 02, 2021).

Para o Jornalista 01, os pontos positivos e negativos estão na forma como se dão os assentamentos no país. São muito poucos os assentamentos que o Incra fez, por se tratar de grandes extensões de terra no Brasil. Ainda, por consequência histórica sobre a questão agrária que se formou na apropriação da terra privada, ou seja, iniciou-se a formação acirradamente no poder político-econômico no tocante ao processo de desenvolvimento dos capitalistas estrangeiros no país.

Em relação a ausência de políticas para a reforma agrária no Brasil, mencionado pelo Jornalista 02, é preciso um projeto de reforma agrária que

estabeleça um novo modelo político diferenciado, que envolva concretização de progresso e desenvolvimento econômico, para que possam realizar a reforma agrária, não como forma de compensação, mas como política de desenvolvimento territorial, que descentralize a estrutura fundiária.

Como já mencionamos nos capítulos anteriormente, há falta da distribuição correta de terra no país, que beneficie realmente pessoas que precisam dela. Pessoas que queiram a terra para produzir e usufruir, ou seja, que consideram a terra um espaço de moradia e trabalho e não como terra de negócio, mas que permita aos trabalhadores produzirem e colherem seus frutos do seu próprio trabalho, tornando o campo um território camponês.

Quanto a questão dos principais fatores que levam à desigualdade social, causada pela concentração fundiária, um jornalista respondeu:

**Pesquisadora:** Quais são, no seu ponto de vista, os principais fatores de desigualdade social e a concentração fundiária que envolvem a questão agrária brasileira e mato-grossense?

**Jornalista:** O modelo de exportação que não paga imposto, não gera empregos, não move a cadeia produtiva local e gera danos irreversíveis ao meio ambiente e à saúde das pessoas. Em Mato Grosso, especialmente, este modelo deveria ser revisto. (Jornalista 03, 2021).

O Jornalista 03 aponta como principal fator para a desigualdade social e a concentração fundiária, o modelo de exportação. Nesse sentido, é preciso dizer que esse “modelo de exportação” que está instalado na sociedade é fruto do próprio trabalho da mídia, uma vez que ela em suas publicações tem veiculado que o agronegócio é o grande precursor de grãos em exportações em grande escala internacionais. Portanto, a própria mídia defende esse modelo de produção do agronegócio, como carro chefe, principalmente, no estado de Mato Grosso. Ao mesmo tempo que apaga os dizeres sobre a destruição da biodiversidade, das mudanças climáticas, dos problemas de saúde para a população e mortes, causados pelo agronegócio.

Outra questão sobre a mídia, foi respondida pelo Jornalista 01:

**Pesquisadora:** Como jornalística qual a sua avaliação do trabalho da mídia jornalística sobre a questão agrária aqui em Mato Grosso?

**Jornalista:** É fraco. Com raras exceções, é um trabalho burocrático e dedicado a cobrir pautas fornecidas pelas entidades do agronegócio. No geral, a imprensa olha para a questão agrária quando ocorre uma tragédia como a chacina de Colzina, mas logo a cobertura retoma a normalidade. (Jornalista 01, 2021).

A avaliação sobre o trabalho da mídia em relação à questão agrária no dizer do jornalista é fraco, as pautas são dadas pelas entidades do agronegócio, acrescenta que a imprensa só olha para a questão quando acontece uma tragédia como o caso da chacina de Colniza. Esse discurso reforça o que já se observou nas análises anteriores, que a imprensa só dá oportunidade aos grandes empresários do agronegócio, as grandes corporações transnacionais, ao estado e a política. Permeado somente pela moeda/pelo lucro, em um jogo de domínio de poder e ambição, próprio da ideologia capitalista. Em relação à questão agrária, a mídia só retrata acontecimentos no campo, quando acontece tragédia, violência, conflitos e mortes no campo, pois é de interesse nacional, que não dá pra omitir.

Vejamos o que os jornalistas responderam em relação à imparcialidade no jornalismo.

**Pesquisadora:** No seu ponto de vista, há imparcialidade no jornalismo? De que forma o jornalista poderia desenvolver um jornalismo imparcial sobre a questão agrária?

**Jornalista:** Para desenvolver um jornalismo mais imparcial, primeiro os veículos deveriam desvincular o financiamento do agro através de publicidades e patrocínios. Depois, os jornalistas precisariam conhecer a realidade da reforma agrária saindo das redações para conhecer a vida nos assentamentos. (Jornalista 01, 2021).

**Jornalista:** Imparcialidade não existe. Todos nós carregamos nossas trajetórias em nossas opiniões e ações. O que o jornalista precisa buscar é fazer um jornalismo honesto e completo. Honesto em contextualizar e explicar da maneira mais simples ao leitor os acontecimentos dos fatos. E completo porque temos que ouvir todos os lados e dar voz principalmente para quem não tem. Procuro trabalhar assim. Não esperem de mim imparcialidade. Pois tenho opinião e convicções de vida. Agora, no meu texto, sempre terá os relatos mais próximos da realidade do fato que estarei contando. (Jornalista 02, 2021).

**Jornalista:** Imparcialidade no jornalismo deve ser aplicada na forma de apuração e publicação das reportagens. Mas ninguém é pessoalmente imparcial porque todos temos percepções. A mídia só

faria jornalismo imparcial sobre esse tema se houvesse veículos destinados a essa causa, o que comercialmente seria insustentável em Mato Grosso. (Jornalista 03, 2021).

Nas respostas dos entrevistados temos dois pontos de vista diferentes sobre essa questão, que são importantes para nossa reflexão. O primeiro argumento em relação à imparcialidade, é que a imprensa deveria se desvincular do financiamento e patrocínio do agronegócio, que acaba direcionando ou comprometendo a notícia. E o segundo diz que a imparcialidade não existe, que o jornalista deve fazer um jornalismo sério ouvindo os vários lados de qualquer questão.

A sociedade espera formas mais sensatas de se fazer jornalismo, ela quer conhecer a notícia e não a opinião do jornalista. Quando a mídia direciona um dado sentido ela impede que a sociedade seja livre para refletir sobre suas próprias opiniões. No entanto, a mídia séria, comprometida com a sociedade tem o dever de noticiar em suas matérias as várias versões de um assunto/acontecimento para a sociedade do país. Devendo ser justa, apartidária e não manipulável. Os veículos de comunicação de massa devem propor ao seu leitor refletir sobre a realidade atual, não encobrir notícias para sustentar apenas uma classe social. Em outras palavras, a mídia deve atuar de forma transparente, correta e ética, sem negócios governamentais, partidos políticos e outros.

É importante dizer ainda que a mídia só fará um jornalismo imparcial, se não tiver interesse e influência na política, nem interesse de multiplicar seu capital. No entanto, ela incorpora a lógica específica do campo da informação, notícia e audiência. Dessa forma, impõe-se aos profissionais por meio de restrições e controle das notícias a serem publicados. A mídia em busca do público vive obcecada por notícias exclusivas, querendo obter informações quentes, mais recentes para atender aos seus leitores, bem como em comercializar espaços de anúncios/publicidades voltados para o mercado em obtenção lucrativos.

Sobre o contexto da Reforma Agrária, o Jornalista 02 respondeu:

**Pesquisadora:** Você poderia dizer, se a Reforma Agrária é um sinônimo de efetivação de assentamentos, ou seria um ponto para solucionar algumas divergências de conflitos sociais?

**Jornalista:** As duas coisas. Mas a reforma agrária traria justiça social para todos nós. E ao mesmo tempo, incluiríamos dentro da sociedade os menos favorecidos. Mas a Reforma Agrária precisa ser completa e séria. Não essas de anos e anos, onde muitas vezes se assenta a família e os abandonam nas terras. É preciso mais. A Reforma Agrária precisa ser tratada como uma política transversal, interligada a todas as áreas. (Jornalista 02, 2021).

Diante da questão, o Jornalista 02 respondeu que a reforma agrária pode ser considerada como sinônimo de efetivação de assentamento e ao mesmo tempo para resolver divergências de conflitos sociais. O jornalista defende a reforma agrária, pois segundo ele, ela traria justiça social, desde que fosse feita com seriedade como uma política transversal.

No entanto, somos herdeiros da escravidão, das Sesmarias, da Lei de Terras de 1850, das terras devolutas, em que os latifundiários e os grileiros foram invadindo e tomando conta dessas terras no campo. E, neste contexto, também, herdamos a tradição de lutar em busca ao acesso à terra no campo à implantação correta dos assentamentos feitos pela Reforma Agrária, lutando por projetos que subsidiem os assentados (camponeses) com uma infraestrutura adequada por um modelo de desenvolvimento sustentável de produção, com investimento nos seus cultivos de alimentos saudáveis e gerando rendas para o bem viver das suas famílias.

Fizemos outra pergunta aos jornalistas, vejamos como foi a resposta:

**Pesquisadora:** Qual a sua opinião sobre a mídia jornalística que dá espaço em suas matérias para o agronegócio e deixa de fazer o mesmo para os pequenos agricultores camponeses, agricultura familiar entre outros da classe trabalhadores do campo?

**Jornalista:** É uma triste realidade. É difícil fazer um jornalismo independente. Muitas vezes divulgamos apenas um lado. Mas é preciso entender que a culpa não é do jornalista. O jornalista é trabalhador, é da classe trabalhadora. E nós temos que compreender que um jornal, um veículo de comunicação, ele ouvirá sempre uma Amaggi da vida, porque ela tem milhões para anunciar na imprensa. E um assentamento do MST não tem. Então muitas vezes nós jornalistas, tentamos quebrar essas barreiras, tentar dar voz a quem realmente precisa. Mas na maioria das vezes não conseguimos. (Jornalista 02, 2021).

**Jornalista:** Existe a falha da mídia, sim. Infelizmente o agronegócio tem mais voz porque tem mais condições de produzir conteúdo e de promover comunicação própria (e paga!). (Jornalista 03, 2021).

O Jornalista 02 admite a dificuldade de um jornalismo independente, pois os próprios veículos de comunicação se comprometem com os grandes empresários do agronegócio para vender os seus espaços de publicidade, isso significa entre outras coisas que a ideologia capitalista sustenta e determina as notícias do campo, ou seja, só mostram uma versão. Desse modo, fica difícil para o jornalista produzir um jornalismo independente dentro da esfera dos grandes empresários da mídia, ou seja, sempre haverá as contradições que marcam a relação entre a mídia e o estado em um espaço de interesse cada vez mais, como articuladora nas tomadas de decisões ou cúmplice passivo das informações políticas que interessa para o estado.

Isso significa que a mídia está sob o controle absoluto dos grandes empresário e políticos conservadores e, “[...] O resultado disso é um Brasil refém das grandes empresas da mídia, imune a qualquer forma de controle público, empresas essas comandadas verticalmente e sustentadas em alianças regadas pelo capital (FERREIRA, 2012, p. 61). Favorecem apenas o interesse privado o que significa que administram a mídia como lucro pessoal sobre o contexto familiar. Diante disso, ARBEX JR. (2003) diz que para o jornalista obter seu emprego na grande empresa de comunicação tem que aceitar as normas estabelecidas:

[...] De um lado, aceitar as regras do jogo pode facilitar o caminho para a ascensão profissional, garantir bons salários, abrir as portas para posições de cargos de confiança dentro da empresa e espaços de prestígio nas páginas do jornal; de outro, desafiar o *establishment* e os consensos fabricados e sedimentados, ousar articular uma voz dissonante e denunciar as operações ideológicas por trás da aparência da “objetividade jornalística” pode ter consequências nada agradáveis, [...] (Arbex Jr., 2003, p. 189).

Além disso, se os jornalistas não aceitarem as regras postas pelos empresários da mídia eles sofrem sanções, são desvinculados da empresa e se, por outro lado, os jornalistas desmascararem o esquema de informações, poderão ser impedidos de trabalhar no ramo.

Como vimos nos argumentos do Jornalista 03, o agronegócio “tem mais condições de produzir conteúdo e de promover comunicação própria (e paga!)” (Ibidem). Fica evidente que a mídia não retrata nas suas matérias sobre os camponeses, devido à obtenção de interesse e lucro, uma vez que o agronegócio é

forte no estado de Mato Grosso e tem poder aquisitivo de pagar as matérias publicadas sobre a agricultura em grande escala. Com isso, suas ações em defesa de ser o único modo de produção, foram influenciadas e legitimadas pela visão do capitalismo extremo, que concentrava terra e renda no país, gerando desigualdade e conflito. E a mídia, por sua vez, pensando no lucro acaba se comprometendo com a informação, defendendo o modelo de produção, ou seja, do agronegócio. Isso porque está nas mãos de grandes empresas que detêm capital e terras, bem como da elite dominante do país.

Vejamos a resposta de outra pergunta:

**Pesquisadora:** Em relação à questão agrária, o estado geralmente, só funciona quando há pressão social, como por exemplo: os movimentos sociais organizados para reivindicar seus direitos de terras. Por que a mídia não coloca, questões como essa, em suas matérias?

**Jornalista:** Porque a mídia empresarial tem compromisso com o capital, ou seja, com quem é pressionado e não com quem pressiona. (Jornalista 01, 2021).

**Jornalista:** Mas é isso, infelizmente a imprensa sempre esteve ligada a grupos políticos e financeiros. E essa é principal barreira que impede que a imprensa cumpra seu papel com independência. (Jornalista 02, 2021).

**Jornalista:** O estado é um dos maiores anunciantes dos veículos de comunicação, principalmente em Mato Grosso. A mídia certamente acaba fazendo a cobertura de acordo com a visão do anunciante. Claro que há o contraponto feito por alguns meios de comunicação, mas não é feito da mesma forma e nem por todos, só por alguns. (Jornalista 03, 2021).

Como podemos ver nas três respostas, os jornalistas entrevistados dizem do comprometimento da imprensa com o estado e com o agronegócio. Isso impede que o jornalismo seja imparcial, pois o capital dita as normas, quem tem dinheiro manda/compra/acontece.

O objetivo da imprensa capitalista é esse: ela visa o lucro. E como o pequeno agricultor, o homem do campo não tem o capital não consegue ser ouvido pela população, não pelos meios de comunicação de massa. Não há espaços para a voz dos pequenos trabalhadores camponeses que reivindicam pelos direitos das suas

origens no campo, que os grandes capitalistas expulsaram da terra e enraizaram-se com suas tecnologias de última geração, no campo agrário.

Desde o seu surgimento, como vimos, a mídia está atrelada aos interesses do estado, uma vez que está centrada apenas em seus compromissos mercadológicos (lucrar), políticos e ideológicos, tornando-se uma articuladora na tomada de decisão política, conivente, passiva, em relatar o que realmente importa ao estado.

O estado é o anunciante parceiro da mídia jornalística em publicidade e propaganda paga com a intencionalidade de agradar seu público alvo. E, a mídia é uma empresa lucrativa mercadológica, porque veicula propagandas para o próprio governo e para as grandes empresas. Este, sem dúvida é um grande comércio. Com isso, os meios de comunicação acabam se comprometendo com essas empresas parceiras, passando a atuar de forma unilateral na política sem censura efetiva, consolidando-se cada vez mais como agente social de encontros, desencontros e reprodução do senso comum, bem como na construção de consensos cotidianos essenciais ao normal funcionamento da sociedade. Agem de forma a proteger e manter o *status quo*, ou seja, o poder e a riqueza estão nas mãos de poucos capitalistas que controlam o poder político e econômico do país.

Percebe-se, nessas análises das entrevistas dos jornalistas que, o papel da mídia jornalística é informar seu público alvo com transparência, retidão e ética. Mas não é isso que a mídia mostra para seu público, para que este possa construir suas próprias opiniões, porque:

A mídia, não é um “muro compacto”. Ela também é perpassada por muitas contradições e embates ideológicos, mesmo porque a opinião pública não é uma massa de argila que pode ser sempre moldada ao gosto dos donos dos veículos de comunicação de massa (Arbex Jr., 2003, p. 190).

Os jornalistas, muitas vezes, têm que fazer vista grossa, e até mesmo, ir contra seus princípios, para se manter no quadro de funcionários pela empresa privada, tendo que aceitar as ditas regras do jogo para construir uma brilhante carreira profissional. Desse modo,

As contradições que fazem parte das relações entre mídia, Estado e opinião pública abrem um espaço de disputa ideológica que, em certa

medida, permite ao profissional competente fazer o seu trabalho sem aviltar a sua consciência (Arbex Jr., 2003, p. 190).

É sobre essa pressão ideológica que grande parte dos jornalistas tem que aceitar, e conviver com essa situação de subservir os grandes proprietários de veículos de comunicações, dando informação pretendida pela emissora, publicando apenas um lado da notícia, ou seja, o lado “positivo” da matéria, apagando as consequências do agronegócio, uma vez que o objetivo é o mercadológico.

A mídia jornalística, historicamente, surge como paradigma de mercado para obtenção de lucro. Desde meados do século XX foi se impondo gradativamente, e seus padrões de lucro e competitividade tendem a substituir a essência histórica da humanidade. Aos poucos, foi surgindo uma visão de mundo voltada para a economia sobre a política. As novas tecnologias da informação, produtoras de difusão universal de ideologias, começaram a se adaptar ao mercado financeiro, pois passaram a constituir o principal modelo de trabalho e vida social: velocidade, instabilidade, incerteza e caos, os parâmetros de um mundo único e globalizado. A sociedade inserida na ideologia neoliberal segue uma trajetória de desenvolvimento, cujo fim, significa paraíso tecnológico e consumo de massa.

Portanto, os meios de comunicação de massa não só aderem à lógica da globalização, mas também têm a capacidade única de viajar pelo mundo, operando, por meio de tecnologias modernas, o fortalecimento do modelo de produção capitalista. Por exemplo: o grupo multimídia concebido sob esta ideologia exerce hegemonia em todos os extremos da revolução digital; esta revolução tornou-se viável a um ritmo acelerado; e pode integrar processos, redes e sistemas, bem como multiplica a capacidade de transmissão avassaladora de conteúdos.

A mídia jornalística privada, sem dúvida, tornou-se um meio hegemônico, mais eficaz na expressão da hegemonia. Portanto, é o que procuramos demonstrar aqui nesta pesquisa, porque a mídia tem a capacidade de expandir os limites da realidade, da política, da economia, da cultura e da sociedade do país. E, mais importante, isso ocorre no reaparecimento do discurso ideológico hegemônico, que é essencialmente para manter a governança política, os dominantes capitalistas no papel estratégico da política midiática.

Este capítulo mostrou uma compreensão do modo como a mídia trabalha a questão agrária, bem como analisou a opinião dos jornalistas em relação a esse assunto e a respeito da compreensão deles sobre como a mídia de Mato Grosso trabalha essa questão. De modo que fica evidente, nas análises, o comprometimento dos grandes veículos de comunicação do estado ao noticiar o tema, pois mostram apenas uma versão da questão agrária, o agronegócio, omitindo tanto as consequências que o agronegócio causa ao meio ambiente e à saúde da população quanto as questões da agricultura familiar, o trabalho dos pequenos agricultores.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O jornal exerce hoje todas as funções do defunto Satanás, De quem herdou a ubiquidade; e é não só o pai da mentira, mas o pai da discórdia.

(Eça de Queirós)

Na averiguação das nossas análises, constatamos que a informação da notícia é uma experiência pré-formada do mediador e de seu sistema de inserção, ou seja, a mídia como (televisão, jornais e revistas) é visualizada e/ou considerada como um importante canal informativo da população como sendo instrutores de ideias, opiniões, valores, comportamentos e discursos culturalmente ideológicos e hegemônicos, os quais perpassam para a população mais necessitadas do país e que fazem uso dessa mídia, como sendo, a única opção de lazer, interatividades e cultura.

Diante do exposto, essa dissertação buscou compreender os questionamentos levantados no decorrer das discussões sobre a questão agrária na mídia jornalística no estado de Mato Grosso, investigando o jornal *A Gazeta*, na sua versão *on-line*. E pudemos constatar que o jornal se apresenta como uma ferramenta política, de poder, uma vez que, atrelado a interesses políticos e econômicos, manipula a sociedade por meio de discursos/notícias implantando a sua ideologia. Esses discursos/notícias acabam orientando o comportamento e a tomada de decisões das pessoas, e não refletem diretamente a realidade social, a política e socioeconômica exposta no estado, tendo em vista que só mostra um lado da questão agrária.

Verificamos, também, que a mídia geralmente retrata os discursos político-ideológicos para manter somente *status quo*, embora esses discursos fossem vagos e repletos de interesses lucrativos opostos em diferentes períodos, e, sempre defenderam e defendem a estrutura capitalista do (agronegócio), a política do estado e os grandes capitalistas internacionais. Por outro lado, prejudicam os interesses de quem realmente necessita e luta por um pedaço de terra para trabalhar no sustento e dar uma vida digna as suas famílias. Ainda a mesma, não interfere apenas nas lutas ideológicas, mas também nas disputas políticas Federal, Estadual e Municipal.

A análise nos permitiu compreender o papel político da mídia no mundo contemporâneo, bem como no Brasil e no Estado do Mato Grosso, mostrando o viés de sua reportagem os atrelamentos com o neoliberalismo que se sustenta na ideologia

capitalista. Isso torna os meios de comunicação ambíguos, permeados por interesses antagônicos. A mídia tem se colocando como uma ferramenta de manipulação que constrói uma representação da realidade falseada para a sociedade, na medida em que, ao noticiar emite apenas uma versão/compreensão dos fatos noticiados. Isso a coloca também do lado do poder/do capital, defendendo as ideias e tomada de decisões políticas e socioeconômicas.

A pesquisa mostrou que o jornal *A Gazeta*, na sua versão *on-line*, no período analisado, assim como a maioria das grandes empresas de comunicação do país, veiculam mais sobre o agronegócio do que sobre o homem do campo, da agricultura familiar, da reforma agrária, porque esses veículos são comprometidos com o estado e com o agronegócio, como pudemos mostrar nas análises aqui implementadas.

Esse comprometimento se dá pelo capital, pois são empresas privadas que visam ao lucro, vendem espaços nos jornais e publicidades. Assim, a mídia acaba se comprometendo com os seus “parceiros”. E a população fica sem a informação das outras versões sobre um dado tema, no nosso caso sobre a questão agrária.

Quando analisamos o discurso dos jornalistas, também observamos que eles fazem uma leitura coerente em relação ao funcionamento da mídia sobre a veiculação das questões agrárias, e consideram difícil conseguir mudar esta questão que é histórica, que vem desde a colonização.

Apesar do apagamento do discurso do pequeno agricultor no jornal *A Gazeta*, na sua versão *on-line*, o homem do campo tem resistido, e tem se organizado para desenvolver o seu trabalho. Embora, como discutimos aqui, somente uma política séria de reforma agrária pode avançar nessa questão, beneficiando o homem do campo, dando condições para que ele melhore a sua condição de vida e de sua família.

Os meios de comunicação, como vimos, com raras exceções, atuam no domínio público ao longo do século XIX, bem como adentrando no século XX, disseminando como agente da cultura e comportamento neoliberal, da ideologia e manipulação nas teorias das políticas, socioeconômica e a economia nacional e internacional. Ainda são representantes de atores na democracia e nas falsas convergências cerradas entre mídia e democracia.

A mídia jornalística como empresa privada busca obter lucros e agir de acordo com a lógica e os interesses privados dos grupos capitalistas que representam as suas forças de vontade. Apesar de que, o comportamento da mídia é estarrecedor e muito complexo, ou seja, essas peculiaridades são a base para o conceito preliminar dessa relação entre os agentes privados e a esfera pública.

Assim, pode-se dizer que a mídia jornalística em seu marco conceitual de incorporar o seu papel coadjuvante na formação perante os conflitos distribuídos entre o capital e o trabalho no dilema da questão agrária, se faz presente na construção da sociedade midiática e apoia os grandes latifúndios (capitalistas) nas tomadas de decisão e opinião para, somente, os interesses lucrativos em triplicar seu capital.

Isso pode-se ver ainda hoje, nas vinculações de matérias sobre o agronegócio que tange ao grande propagador de alimentos para abastecer a população. Sendo que, isso, não passa de propaganda paga pelos capitalistas do agronegócio para construir um discurso positivo sobre o agronegócio à sociedade em geral. Desse modo, como o pequeno produtor da agricultura familiar não tem o mesmo espaço nos veículos de comunicação, o seu trabalho não tem visibilidade. Pois são os camponeses que alimentam e levam comida saudável à mesa da população do país. Enquanto o agronegócio, com o apoio da mídia, apaga os problemas ambientais que são causados pelo seu desenvolvimento como o desmatamento, as queimadas, para mencionar apenas alguns.

É importante ressaltar que o homem do campo, em grande parte, quer somente ter um pedaço de terra. Terra de/para trabalho. Ele também quer a terra como ente de valoração, mas, sobretudo, para sua auto sustentação. Para plantar com sua família, que resiste, persiste a sua identidade no campo agrário brasileiro e mato-grossense. Isso a mídia jornalística não publica, nem os acontecimentos de lutas, resistências dos agricultores camponeses.

Esta pesquisa sobre a questão agrária na mídia jornalística em Mato Grosso buscou contribuir com as discussões sobre o tema, abrindo caminho para novas investigações e perspectivas sobre este tópico.

## REFERÊNCIAS

ARBEX JR. José. **O jornalismo canalha**: a promíscua relação entre a mídia e o poder. São Paulo: Editora Casa Amarela, 2003.

AYOUB, Hanna A. **Mídia e Movimentos Sociais**: a satanização do MST na Folha de S. Paulo. 2006. 169 p. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Estadual de Londrina, Londrina, PR, 2006.

BIBLIOTECA NACIONAL. Disponível em: [www.bn.gov.br](http://www.bn.gov.br). Acesso em: 14 abril de 2020.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Portugal; Edições 70, 1977.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009. Disponível em: <http://pt.slideshare.net/alasiasantos/analise-de-conteudo-laurence-bardin>. Acesso em: 22 jan. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BICUDO, Maria A. V. A pesquisa qualitativa olhada para além dos seus procedimentos. *In*: BICUDO, M. A. V. (Org.). **Pesquisa qualitativa segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Editora Cortez, p. 11-28, 2006.

BORGES, Thelma Pontes. A Pesquisa Participativa na Economia como Fator de Desenvolvimento Social. **Mal-Estar e Sociedade**, Barbacena, ano V. nº 8, janeiro/junho, p. 13-28, 2012.

BONI, V.; QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. **Em Tese**: Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC, v. 2, n. 1 (3), janeiro-julho, 2005.

CALAÇA, Manoel *et al.* O Território Camponês em construção: Utopias e Contradições. **Revista Territorial**, Goiás, v. 02, n. 02, jul/dez., p. 211-229, 2013.

CAMACHO, Rodrigo S. A Barbárie Moderna do Agronegócio Versus a Agricultura Camponesa: implicações sociais e ambientais. **Revista Digital Geographo**, p. 1-29, 2017. Disponível em: <https://web.ua.es/es/revista-eographos-giecryal/documentos/articulos/agricultura-camponesa.pdf>. Acesso em: 10 de Janeiro de 2020.

CARTER, Miguel. **Combatendo a desigualdade social**: o MST e a reforma agrária no Brasil/Miguel Carter (Org.). São Paulo: Editora UNESP, 2010.

CHINEM, Rivaldo. **Assessoria de Imprensa**: como fazer. São Paulo: Summus, 2003.

CHARAUDEAU, Patrick. **Discurso das Mídias**. 2. ed., 2a reimpressão. São Paulo: Contexto, 2013.

CHIZZOTTI, Antonio. **Pesquisa em ciências humanas e sociais**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2006.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Região e organização espacial**. São Paulo: Ática, 1990.

CORRÊA, Roberto Lobato. **Trajelórias Geográficas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1991.

COSME, Claudemir M. Reforma Agrária no Brasil do Século XXI: qual Reforma Agrária? **Boletim DATALUTA**, n. 106, out. 2016. Disponível em: [www.fct.unesp.br/nera](http://www.fct.unesp.br/nera). ISSN 2177-4463. Acesso em: 10/03/2019.

ERBOLATO, Mário L. **Técnicas de Codificação em Jornalismo**. São Paulo: Saraiva, 2002.

FERNANDES, B. M. **Questão Agrária, Pesquisa e MST**. São Paulo: Cortez, 2001. (Coleção Questão da Nossa Época; v. 92).

FERNANDES, B. M. Políticas Públicas, Questão Agrária e Desenvolvimento Territorial Rural no Brasil. *In*: Antônio Márcio Buainain (Editor). **Luta pela Terra, Reforma Agrária e Gestão de Conflitos no Brasil**. Campinas: Editora da Unicamp, p. 08-14, 2008.

FERNANDES, B. M. Território Camponês. *In*: CALDART, R.; PEREIRA, I.; ALENTEJANO, P.; FRIGOTTO, G. (Org.). **Dicionário da educação do campo**. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

FERNANDES, B. M. **Construindo um estilo de pensamento na questão agrária: o debate paradigmático e o conhecimento geográfico**. 2013. Livre-Docência (em Geografia) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, *campus* de Presidente Prudente, Presidente Prudente, 2013.

FERNANDES, B. M.; GIRARDI, Eduardo Paulon; CAMPOS, J. F. S.. **7o Encontro da Rede DATALUTA**. 2013.

FERNANDES, Florestan. Revolução burguesa e capitalismo dependente. *In* FERNANDES, Florestan. **A revolução burguesa no Brasil: ensaio de interpretação sociológica**. São Paulo, SP: Globo, 2006.

FERREIRA, Sonia M. **A mídia e o MST: heróis e vilões na trama do discurso jornalístico**. Rio de Janeiro: UERJ, 2012.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**: aula inaugura no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GUARESCHI, Pedrinho A. **Mídia & Democracia**. Porto Alegre: Evangraf, 2005.

GREGOLIM, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re) produção de identidades. **Dossiê Comunicação, Mídia e Consumo**, v. 4, n. 11. p. 11-25, nov. 2007. Disponível:

<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/comunicacaomidiaeconsumo/article/viewFile/6865/6201>. Acesso em: 18 fev. 2021.

GRUPO GAZETA DIGITAL. 2020. Disponível em: <http://www.gazetadigital.com.br>. Acesso em: 14 abr. 2020.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GIRARDI, Eduardo Paulon. **Uma leitura da questão agrária em Mato Grosso**. Confin. Disponível em: <http://confins.revues.org/10446>. Acesso em: 05 maio 2015.

GOHN, Maria G. **Mídia, terceiro setor e MST: impactos sobre o futuro das cidades e do campo**. Petrópolis: Vozes, 2000.

GOMES, Marineide de Oliveira. **Formação de professores na educação infantil**. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção docência em formação. Série Educação Infantil).

HERSCOVITZ, Heloiza. Análise de conteúdo em jornalismo. *In*: LAGO, Claudia; BENETTI, Marcia (Org.). **Metodologia de pesquisa em jornalismo**. 3. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010, p. 120-127.

HAESBAERT, R. Fim dos territórios ou novas territorialidades? *In*: LOPES, L. P. M; BASTOS, L. C. **Identidades: recortes multi e interdisciplinares**. Mercado das Letras: Campinas-SP, 2002, p. 28-39.

HAESBAERT, R. **O mito da desterritorialização: do "fim dos territórios" à multiterritorialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

HAESBAERT, R. Da desterritorialização à Multiterritorialidade. X Encontro de Geógrafos da América Latina. **Anais [...]**. USP, Departamento de Geografia, 20-26 de março de 2005.

HAESBAERT, R. **Territórios Alternativos**. São Paulo: Contexto, 2006.

HAESBAERT, R. Identidades territoriais: entre a multiterritorialidade e a reclusão territorial (ou: do hibridismo cultural à essencialização das identidades). *In*: ARAUJO, F. G. B.; HAESBAERT, R. (Org). **Identidades e territórios: questões e olhares contemporâneos**. Rio de Janeiro, 2007, p. 38-40.

HAESBAERT, R. **Regional-Global: Dilemas da Região e da Globalização na Geografia Contemporânea**. Rio de Janeiro: Bertrand-Brasil, 2010.

JUCÁ, Pedro Rocha. **Imprensa Oficial de Mato Grosso: 170 anos de história.** – Cuiabá- MT: Aroe, 2009.

LENCIONI, Sandra. Região e geografia: a noção de região no pensamento geográfico. *In: CARLOS, Ana Fani Alessandri. (Org.). **Novos caminhos da geografia.*** São Paulo: Contexto, 1999, p. 186-194.

LENCIONI, Sandra. A inimaginável transformação da metrópole de São Paulo e seu entorno. A concentração da indústria de ponta do país, a fluidez para os negócios do capital garantida pelos helicópteros e sua contraface: congestionamento urbano e precariedade do transporte público. *In: LEMOS, Amalia Inês Geraiges de; GALVANI, Emerson. (Org.). **Geografia, tradições e perspectivas: a presença de Pierre Monbeig.*** Buenos Aires e São Paulo: Clacso: Expressão Popular, 2009, p. 15-188.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica.** São Paulo: Atlas, 2003.

MARCONI, M. de A.; LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa.** 5. ed. São Paulo: Ed. Atlas, 2005.

MARTINS, José de S. **S. Poder do Atraso: Ensaio de Sociologia da História Lenta.** São Paulo: Hucitec, 1994.

MARTINS, José de S. O sujeito da reforma agrária. *In **Travessias: a vivência da reforma agrária nos assentamentos.*** Porto Alegre: UFRGS, 2003, p. 38-42.

MARTINS, Adalberto Floriano Greco. Agricultura Camponesa e Agroecologia na Construção do Modo de Produção Socialista. *In: CALDART, Roseli Salete; BÔAS, Rafael Litvin Villas (Org.). **Pedagogia Socialista: Legado da revolução de 1917 e desafios atuais.*** 1. edição. São Paulo: Expressão popular, 2017. p. 171-193.

MORAES, Denis (Org.). **Por uma outra comunicação: mídia, mundialização cultural e poder.** Rio de Janeiro: Record, 2003.

MORENO, G. **O Processo Histórico de Acesso à Terra em Mato Grosso.** Geosul, Florianópolis, v. 14, n. 27, p. 67-90, jan./jun.1999.

NOBLAT, Ricardo. **O que é ser jornalista: memórias profissionais de Ricardo Noblat.** Rio de Janeiro: Record, 2004.

NÓBREGA, Pedro Ricardo da Cunha. Reflexões didáticas sobre o conceito de região na Geografia. Doutorando em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo-USP. *Rev. Tamoios*, São Gonçalo (RJ), ano 11, n. 1, p. 107-130, Jan/jun. 2015.

ORLANDI, Eni. **Análise do discurso.** Campinas, SP: Pontes, 2007.

OLIVEIRA, A. U. **Modo de Produção Capitalista e Agricultura**. São Paulo: Ática, 1986.

OLIVEIRA, A. U. **Agricultura camponesa no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

OLIVEIRA, A. U. de. Barbárie e Modernidade: As transformações no campo e o agronegócio no Brasil. In **Terra Livre**, São Paulo: AGB, ano 19, v. 2, n. 21, p. 110-135, jul./dez. 2003.

OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino. **Modo de Produção Capitalista, Agricultura e Reforma Agrária**. São Paulo: FFLCH, 2007.

OLIVEIRA, A. U. A Longa Marcha do Campesinato Brasileiro: Movimentos Sociais, Conflitos e Reforma Agrária. **Revista Estudos Avançados**, São Paulo, n. 43, p. 185-206, 2010.

OLIVEIRA, A. U. A Mundialização da Agricultura Brasileira *In: XII Colóquio Internacional de Geocrítica*, Bogotá. Actas do XII Colóquio. Barcelona: Geocrítica, v.1. p.1-15, 2012.

PADUA, R. F. Questão agrária, modernização da agropecuária e urbanização em Mato Grosso. In **Revista Mato-Grossense de Geografia**, Cuiabá, v. 17, n. 1, p. 33-63, jan/jun, 2014.

PASTORAL COMMUNIO ET PROGRESSIO SOBRE OS MEIOS DE COMUNICAÇÃO SOCIAL. Petrópolis, Vozes.

PAULINO, Eliane T. Mídia e Questão Agrária: percursos de pesquisa e extensão. IV Simpósio Internacional de Geografia Agrária. V Simpósio Nacional de Geografia Agrária. **Anais** [...]. Niterói-RJ, UFF, 2009. Disponível em: <http://www.uff.br/vsinga/trabalhos/CC/Eliane%20Tomiasi%20-%20CC.pdf>. Acesso em: 10 abr. 2019.

PEREIRA, Lisanil da Conceição Patrocínio. Reflexões acerca da produção capitalista no território mato-grossense: o desafio do campesinato em áreas do agronegócio. In **Anais do XII Encontro de Geógrafos da América Latina**, 2009.

PRADO JR., Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 2000.

RAFFESTIN, C. **Por uma Geografia do Poder**. São Paulo: Ática, 1993.

ROCHA, José Milton. O papel da imprensa no mato grosso do século XIX. XXIX Simpósio Nacional de História. Disponível em: [https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488921832\\_ARQUIVO\\_Artigo-ANPUH-2017.pdf](https://www.snh2017.anpuh.org/resources/anais/54/1488921832_ARQUIVO_Artigo-ANPUH-2017.pdf). Acesso em: 29/10/2021.

SANTOS, Barbara M. **O MST na visão da grande mídia**. v. 1. Rio de Janeiro: Saraiva, 2012.

SANTOS, Benildes M. R. **Mídia e Movimentos Sociais**: estudo a partir de análise de discurso do Jornal o Estado de S. Paulo sobre o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Brasília: UNB, 2010.

SANTOS, M. **A natureza do espaço** – Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço**. São Paulo: EDUSP, 2003.

SANTOS, M. **Técnica, espaço e tempo**: globalização e meio técnico científico informacional. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2008.

SAQUET, M. A. **Abordagens e concepções de território**. São Paulo: Expressão Popular, 2007a.

SAQUET, M. A. As Diferentes Abordagens do Território e a Apreensão do Movimento e da (i)materialidade. **Geosul**, Florianópolis, v. 22, n. 43, p 55-76, jan./jun. 2007b.

SAQUET, M. A. *et al.* **Territórios e Territorialidades**: teorias, processos e conflitos. São Paulo: Expressão Popular: UNESP, 2008.

SAQUET, M. A. **Abordagem e concepções sobre território**. 3. ed. São Paulo: Outras Expressões, 2013.

SILVA, José F. Graziano. **O que é Questão Agrária**. Cidade: Itapetininga- SP, Editora Brasileira s. a., 1980. (Coleção Primeiros Passos).

SILVA, Silvio Simione da. **Resistência camponesa e desenvolvimento agrário na Amazônia-acreana** – Presidente Prudente: [s.n.], 2004.

SILVA, Tania Paula da. **Territórios de esperança**: o processo de recriação camponesa em Cáceres-MT. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal Fluminense, Niterói/ RJ, 2014.

SMITH, Neil. **Desenvolvimento desigual**: natureza, capital e a produção de espaço. Trad.: Eduardo de Almeida Navarro. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.

SOUZA, Sonia M. R. de; THOMAZ JUNIOR, Antônio. O MST e a Mídia: o fato e a notícia. **Scripta Nova**. Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Barcelona, v. VI, n. 119 (45), 2002.

STEDILE, João P. A Questão Agrária no Brasil: O debate na esquerda: 1960 – 1980. **Expressão Popular**, São Paulo, v. 1, 2005.

TRAQUINA, Nelson. **O estudo do jornalismo no século XX**. São Leopoldo, RS: Unisinos, 2001.

VAN DIJK, Teun A. **Discurso e poder**. São Paulo: Contexto, 2008.

VASCONCELLOS, C. S. **Para onde vai o professor?** resgate do professor como sujeito de transformação. 8. ed. São Paulo: Libertad, 2001.

VERÍSSIMO, Luis Fernando. Crônica: **Injustiça e Desordem**. Disponível em: <http://www.assufrgs.org.br>. Acesso em: 05 março 2021.

VOLANIN, Leopoldo. **Poder e Mídia**: a criminalização dos movimentos sociais no Brasil nas últimas trinta décadas. 2007. Disponível em: [www.diaadiaeducacao.pr.gov.br](http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br). Acesso em: 4 jul. 2019.

## **MATÉRIAS PESQUISADAS**

JORNAL A GAZETA ON-LINE. **Produção de grãos bate recorde**. Cuiabá-MT, 13/05/2019.

JORNAL A GAZETA ON-LINE. **MT lidera no Centro-Oeste**. Cuiabá-MT, 17/03/2019.

JORNAL A GAZETA ON-LINE. **China Sustenta Exportações de MT**. Cuiabá-MT, 17/03/2019.

JORNAL A GAZETA ON-LINE. **Produção de Soja Terá Novo Recorde**. Cuiabá-MT, 15/06/2019.

JORNAL A GAZETA ON-LINE. **Representantes de 8 Indústrias Conhecem MT**. Cuiabá-MT, 26/08/2019.

JORNAL A GAZETA ON-LINE. **MT Tem 6 Entre os 50 Maiores do País**. Cuiabá-MT, 1/07/2010.

JORNAL A GAZETA ON-LINE. **Agricultura Familiar É Mapeada**. Cuiabá-MT, 19/08/2019.

JORNAL A GAZETA ON-LINE. **Agricultura Familiar**. Cuiabá-MT, 24/07/2019.



Indicadores

Table with 4 columns: Indicador, Valor, Variação, Unidade. Includes Inflation, PIB, and other economic indicators.

Imposto de Renda

Table with 4 columns: Indicador, Valor, Variação, Unidade. Focuses on tax-related indicators.

Mercado Agropecuario

Table with 4 columns: Produto, Local, Preço, Variação. Lists agricultural products and their market prices.

Dólar

Table with 4 columns: Indicador, Valor, Variação, Unidade. Shows exchange rates for the Dollar.

Indicadores

Table with 4 columns: Indicador, Valor, Variação, Unidade. Similar to the first page's indicators.

Imposto de Renda

Table with 4 columns: Indicador, Valor, Variação, Unidade. Similar to the first page's tax indicators.

Mercado Agropecuario

Table with 4 columns: Produto, Local, Preço, Variação. Similar to the first page's market prices.

Dólar

Table with 4 columns: Indicador, Valor, Variação, Unidade. Similar to the first page's exchange rates.

Safra de soja

Falta de umidade atrasa plantio

Plantação da safra de soja em Mato Grosso. A falta de umidade no solo está atrasando o plantio da safra de soja em Mato Grosso. Os produtores estão aguardando chuvas para iniciar as atividades agrícolas.



Algodão de MT

Exportação avança 106% este ano

Exportação de algodão de Mato Grosso. A exportação de algodão de Mato Grosso avançou 106% este ano. Os produtores estão aproveitando a alta demanda internacional para o produto.



Imposto Territorial Rural

127,7 mil declarações são enviadas

Declarações de Imposto Territorial Rural. Foram enviadas 127,7 mil declarações de Imposto Territorial Rural. Os produtores estão cumprindo com as obrigações fiscais.

Agropecuária

MP visa aumentar financiamento

Medida Provisória para o setor agropecuario. A MP visa aumentar o financiamento para o setor agropecuario. O governo está buscando novas fontes de recursos para apoiar os produtores.

Quantidade de declarações entregues aumentou 3,1% em 2010

Em Mato Grosso e Roraima a colheita avança a 22% em 14 mil hectares

Algodão Plasmado (15 kg)

Table with 4 columns: Produto, Local, Preço, Variação. Focuses on Algodão Plasmado prices.

Soja (60 kg)

Table with 4 columns: Produto, Local, Preço, Variação. Focuses on Soja prices.

Milho (60 kg)

Table with 4 columns: Produto, Local, Preço, Variação. Focuses on Milho prices.

Bol. Cordeiro (8 - 15kg)

Table with 4 columns: Produto, Local, Preço, Variação. Focuses on Bol. Cordeiro prices.

Terra e Criação

Lavoura, pecuária e floresta

Integração de lavoura, pecuária e floresta. A integração de lavoura, pecuária e floresta é uma estratégia para aumentar a produtividade e a sustentabilidade do setor agropecuario.

Região de Cáceres

Projetos de R\$ 168,1 milhões vão melhorar logística de MT

Projetos de infraestrutura logística. Projetos de R\$ 168,1 milhões vão melhorar a logística de Mato Grosso. Os investimentos são destinados a melhorar a infraestrutura de transporte e armazenamento.



Mulheres no agro

Sorriso recebe seminário

Seminário para mulheres no agro. O sorriso recebeu um seminário para mulheres no agro. O evento abordou temas relacionados à produtividade e à sustentabilidade do setor agropecuario.



Região de Cáceres

Projetos de R\$ 168,1 milhões vão melhorar logística de MT

Projetos de infraestrutura logística. Projetos de R\$ 168,1 milhões vão melhorar a logística de Mato Grosso. Os investimentos são destinados a melhorar a infraestrutura de transporte e armazenamento.



Mulheres no agro

Sorriso recebe seminário

Seminário para mulheres no agro. O sorriso recebeu um seminário para mulheres no agro. O evento abordou temas relacionados à produtividade e à sustentabilidade do setor agropecuario.



Região de Cáceres

Projetos de R\$ 168,1 milhões vão melhorar logística de MT

Projetos de infraestrutura logística. Projetos de R\$ 168,1 milhões vão melhorar a logística de Mato Grosso. Os investimentos são destinados a melhorar a infraestrutura de transporte e armazenamento.

Table with 4 columns: Produto, Investimento, Capacidade de carga, Energia Média (indicador). Summary of infrastructure projects.

Mulheres no agro

Sorriso recebe seminário

Seminário para mulheres no agro. O sorriso recebeu um seminário para mulheres no agro. O evento abordou temas relacionados à produtividade e à sustentabilidade do setor agropecuario.



Região de Cáceres

Projetos de R\$ 168,1 milhões vão melhorar logística de MT

Projetos de infraestrutura logística. Projetos de R\$ 168,1 milhões vão melhorar a logística de Mato Grosso. Os investimentos são destinados a melhorar a infraestrutura de transporte e armazenamento.

Table with 4 columns: Produto, Investimento, Capacidade de carga, Energia Média (indicador). Summary of infrastructure projects.

**Indicadores**

Índice	2019	2018	2017	2016	2015
PIB	1.000,0	1.000,0	1.000,0	1.000,0	1.000,0
PIB per capita	1.000,0	1.000,0	1.000,0	1.000,0	1.000,0
Índice de preços	1.000,0	1.000,0	1.000,0	1.000,0	1.000,0
Índice de produção	1.000,0	1.000,0	1.000,0	1.000,0	1.000,0
Índice de emprego	1.000,0	1.000,0	1.000,0	1.000,0	1.000,0

**Imposto de Renda**

Alíquota	Adicional	Redução
15%	0%	0%
25%	0%	0%
35%	0%	0%
45%	0%	0%

**Preços**

Produto	Preço	Variação
Soja	120,00	+1,5%
Milho	80,00	+0,8%
Trigo	150,00	+2,1%
Alfafa	60,00	+0,5%

**Exportações**

País	Valor	Variação
Estados Unidos	1.200,00	+5,2%
China	900,00	+3,1%
Brasil	400,00	+1,8%
Outros	150,00	+0,9%

**Startups**

Setor	Valor	Variação
Tecnologia	1.500,00	+12,5%
Agro	800,00	+8,3%
Logística	400,00	+5,1%
Outros	200,00	+3,0%

**137 mil**

Quantidade de produtores rurais em MT em 2019, segundo o IBGE. O número representa um aumento de 1,5% em relação a 2018.

**137 mil**

Quantidade de produtores rurais em MT em 2019, segundo o IBGE. O número representa um aumento de 1,5% em relação a 2018.

**137 mil**

Quantidade de produtores rurais em MT em 2019, segundo o IBGE. O número representa um aumento de 1,5% em relação a 2018.



Agricultura, pecuária e indústria

# Região do Guaporé vive nova era de crescimento

Um novo ciclo de crescimento econômico está se iniciando na região do Guaporé, no sudoeste de Mato Grosso. O setor agrícola, especialmente a pecuária e a agricultura, está apresentando sinais de recuperação, impulsionados por melhores condições climáticas e investimentos em infraestrutura.

Segundo dados do IBGE, a produção de carne bovina na região cresceu 15% em 2019 em comparação com o ano anterior. Isso se deve a uma combinação de fatores, incluindo o aumento da produtividade e a expansão das áreas de cultivo.

Além disso, o setor de serviços também está mostrando sinais de crescimento, com o aumento do comércio varejista e a recuperação do setor de turismo. Isso indica que a região está passando por uma transformação econômica significativa.



Trabalhadores em uma fazenda de produção de carne bovina.



Agricultura, pecuária e indústria

# Indústria de alta tecnologia retrai e perde participação

A indústria de alta tecnologia em Mato Grosso está enfrentando um período de retração e perda de participação no total da produção industrial. Isso se deve a uma combinação de fatores, incluindo o aumento da concorrência internacional e a redução dos investimentos em pesquisa e desenvolvimento.

Segundo dados do IBGE, a produção industrial de alta tecnologia na região caiu 10% em 2019 em comparação com o ano anterior. Isso indica que o setor está passando por um período de ajuste estrutural.

Além disso, a participação da indústria de alta tecnologia no total da produção industrial também está diminuindo, o que sugere que outros setores da indústria estão crescendo mais rapidamente.



Agricultura, pecuária e indústria

# Alimentos Virtual

Alimentos Virtual é uma plataforma digital que conecta produtores rurais diretamente aos consumidores. Isso permite que os produtores obtenham melhores preços e que os consumidores obtenham produtos frescos e de qualidade.

A plataforma funciona como um marketplace, onde os produtores podem listar seus produtos e os consumidores podem fazer pedidos online. Isso reduz os custos de distribuição e aumenta a eficiência do processo.

Além disso, a plataforma também oferece ferramentas para os produtores, como análises de mercado e suporte técnico. Isso ajuda os produtores a melhorar sua produtividade e a competir no mercado.



Agricultura, pecuária e indústria



Agricultura, pecuária e indústria



Agricultura, pecuária e indústria



Agricultura, pecuária e indústria



Agricultura, pecuária e indústria

# Bahia

O governador da Bahia, Rui Costa (PT), publicou um vídeo em sua conta oficial no Twitter no qual anunciou que não irá a evento de inauguração do aeroporto de Salvador marcado para esta terça-feira (23). Costa justificou a ausência afirmando que está criticando o governo federal e pedindo por melhorias na educação.

Costa também mencionou que não irá ao evento porque não quer ser visto como alguém que apoia o governo federal. Isso indica que há uma divisão política significativa na Bahia.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

Os produtores rurais afirmam que o Coaf não leva em consideração as particularidades do setor agrícola ao tomar decisões sobre impostos e contribuições. Isso tem causado prejuízos significativos para muitos produtores.

Por isso, eles recorreram ao STF para anular as decisões do Coaf. O ministro Toffoli, responsável por julgar o caso, decidiu manter as decisões do Coaf, o que gerou a insatisfação dos produtores.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

Os produtores rurais afirmam que o Coaf não leva em consideração as particularidades do setor agrícola ao tomar decisões sobre impostos e contribuições. Isso tem causado prejuízos significativos para muitos produtores.

Por isso, eles recorreram ao STF para anular as decisões do Coaf. O ministro Toffoli, responsável por julgar o caso, decidiu manter as decisões do Coaf, o que gerou a insatisfação dos produtores.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

Os produtores rurais afirmam que o Coaf não leva em consideração as particularidades do setor agrícola ao tomar decisões sobre impostos e contribuições. Isso tem causado prejuízos significativos para muitos produtores.

Por isso, eles recorreram ao STF para anular as decisões do Coaf. O ministro Toffoli, responsável por julgar o caso, decidiu manter as decisões do Coaf, o que gerou a insatisfação dos produtores.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

Os produtores rurais afirmam que o Coaf não leva em consideração as particularidades do setor agrícola ao tomar decisões sobre impostos e contribuições. Isso tem causado prejuízos significativos para muitos produtores.

Por isso, eles recorreram ao STF para anular as decisões do Coaf. O ministro Toffoli, responsável por julgar o caso, decidiu manter as decisões do Coaf, o que gerou a insatisfação dos produtores.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

Os produtores rurais afirmam que o Coaf não leva em consideração as particularidades do setor agrícola ao tomar decisões sobre impostos e contribuições. Isso tem causado prejuízos significativos para muitos produtores.

Por isso, eles recorreram ao STF para anular as decisões do Coaf. O ministro Toffoli, responsável por julgar o caso, decidiu manter as decisões do Coaf, o que gerou a insatisfação dos produtores.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

Os produtores rurais afirmam que o Coaf não leva em consideração as particularidades do setor agrícola ao tomar decisões sobre impostos e contribuições. Isso tem causado prejuízos significativos para muitos produtores.

Por isso, eles recorreram ao STF para anular as decisões do Coaf. O ministro Toffoli, responsável por julgar o caso, decidiu manter as decisões do Coaf, o que gerou a insatisfação dos produtores.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

Os produtores rurais afirmam que o Coaf não leva em consideração as particularidades do setor agrícola ao tomar decisões sobre impostos e contribuições. Isso tem causado prejuízos significativos para muitos produtores.

Por isso, eles recorreram ao STF para anular as decisões do Coaf. O ministro Toffoli, responsável por julgar o caso, decidiu manter as decisões do Coaf, o que gerou a insatisfação dos produtores.

**SE FOR PRECISO**

**PRIMAVERA PARA**

O movimento Mato Grosso Rural lançou um manifesto em defesa do setor rural, pedindo a implementação de políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento econômico e social da região.

O manifesto também pede a criação de empregos e a melhoria das condições de trabalho para os produtores rurais.

**PRODUTORES RURAIS DO MATO GROSSO MESMO SENTADOS NO PISO DA A.L. REAGEM A DITADURA DE MAURO MENDES**

**Sindicato Rural**

**MAURO MENDES**

**MAURO MENDES**

Manifesto em defesa do setor rural, pedindo a implementação de políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento econômico e social da região.

**PRODUTORES RURAIS DO MATO GROSSO MESMO SENTADOS NO PISO DA A.L. REAGEM A DITADURA DE MAURO MENDES**

**Sindicato Rural**

**MAURO MENDES**

**MAURO MENDES**

Manifesto em defesa do setor rural, pedindo a implementação de políticas públicas que favoreçam o desenvolvimento econômico e social da região.

**PRODUTORES RURAIS DO MATO GROSSO MESMO SENTADOS NO PISO DA A.L. REAGEM A DITADURA DE MAURO MENDES**

**Sindicato Rural**

**MAURO MENDES**

# Bahia

O governador da Bahia, Rui Costa (PT), publicou um vídeo em sua conta oficial no Twitter no qual anunciou que não irá a evento de inauguração do aeroporto de Salvador marcado para esta terça-feira (23). Costa justificou a ausência afirmando que está criticando o governo federal e pedindo por melhorias na educação.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

# Coaf

A Rede tenta derrubar no STF decisão do ministro Toffoli. O Conselho Administrativo de Recursos Fiscais (Coaf) está sendo contestado por produtores rurais que alegam que suas decisões são injustas e discriminatórias.

## APÊNDICE

### ROTEIRO DE ENTREVISTA

#### QUESTÕES DE PESQUISA SOBRE A MÍDIA JORNALÍSTICA NO ESTADO DE MATO GROSSO

1. Qual a sua concepção sobre as matérias e ou conteúdos jornalísticos *on-line* sobre a questão agrária em Mato Grosso? O que tem saído na sua visão favorece a grande ou a pequena agricultura?
2. Você acredita que a mídia jornalística *on-line* tem influência na comunicação com a sociedade?
3. Qual o processo da ação o dizer midiático a respeito do dilema da questão agrária mato-grossense – nesse caso, do jornalismo *on-line* – é capaz de produzir na sociedade?
4. Qual a sua opinião sobre as questões agrárias no Brasil e em Mato Grosso?
5. No seu ponto de vista, quais seriam os pontos positivos e negativos da Reforma Agrária no Brasil e, em especial, no Estado de Mato Grosso?
6. Quais são, no seu ponto de vista, os principais fatores de desigualdade social e a concentração fundiária que envolvem a questão agrária brasileira e mato-grossense?
7. Como jornalística qual a sua avaliação do trabalho da mídia jornalística sobre a questão agrária aqui em Mato Grosso?
8. No seu ponto de vista, há imparcialidade no jornalismo? De que forma o jornalista poderia desenvolver um jornalismo imparcial sobre a questão agrária?
9. Você poderia dizer, se a Reforma Agrária é um sinônimo de efetivação de assentamentos, ou seria um ponto para solucionar algumas divergências de conflitos sociais?
10. Qual a sua opinião sobre a mídia jornalística que dá espaço em suas matérias para o agronegócio e deixa de fazer o mesmo para os pequenos agricultores camponeses, agricultura familiar entre outros da classe trabalhadores do campo?
11. Em relação à questão agrária, o estado geralmente, só funciona quando há pressão social, como por exemplo: os movimentos sociais organizados para reivindicar seus direitos de terras. Por que a mídia não coloca, questões como essa, nos seus anúncios de matérias?